

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL (UNIJUÍ)**

MURIAN CESCA

AS HISTÓRIAS GUARDADAS NO PRESÍDIO ESTADUAL DE CRUZ ALTA

**Ijuí,
2013**

MURIAN CESCA

AS HISTÓRIAS GUARDADAS NO PRESÍDIO ESTADUAL DE CRUZ ALTA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado no curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), como requisito à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Marcio da Silva Granez

**Ijuí,
2013**

Considerações iniciais

Depois que uma pessoa que está no convívio da sociedade cruza pela porta de um presídio, ela passa a ser praticamente descartada por esta mesma sociedade que antes a abrigava. E não é exagero dizer que é como se esse indivíduo passasse simplesmente a não mais existir.

Mas ele existe, sim, e está lá preso sendo tão ser humano quanto o médico que está salvando vidas, quanto a criança que no balanço de uma praça é impulsionada pela força e pelo carinho do pai para se divertir, quanto a professora de ensino fundamental que mesmo com um salário baixo dedica horas de seu dia a crianças rebeldes em sala de aula e faz isso por ter a esperança de que será um diferencial na vida destes jovens. Todas, absolutamente todas estas pessoas são seres humanos. O que muda é a situação em que elas se encontram — é claro, também os atos que cometeram.

O tema deste trabalho é o dia a dia do Presídio Estadual de Cruz Alta (Peca) e as histórias e concepções de mundo que estão guardadas lá dentro. É verdade que quem comete crimes tem de pagar pelo que cometeu. Tem de pagar, sim, e dentro da lei definida pelos homens, pela nação brasileira. Porém, não cabe à sociedade, a partir do momento em que um indivíduo adentra um presídio, já definir todo o seu futuro, tentar estabelecer como será a sua vida até os seus últimos dias, cravar de antemão que aquele ser humano já não mais merece a atenção da sociedade, não merece ser ouvido, não merece ter o direito de expressar suas opiniões e expor suas concepções.

Então, além do retrato da realidade vivida dentro do Peca e das histórias que estão armazenadas lá, prontas para chegar ao conhecimento do público — é claro, com base na ética jornalística —, o trabalho se propõe a mostrar o lado humano existente num presídio, como o contato de familiares com os presos, e ainda o pensamento e as concepções que os presidiários têm em relação à vida, aos seus atos, à sua permanência naquele local, ao seu futuro e à sociedade.

A pesquisa foi constituída, inicialmente, por um aprofundamento teórico, antes de ser desenvolvido o trabalho de forma prática, *in loco*. Houve primeiramente o embasamento em livros e sites, para depois, então, com a base teórica aprofundada, partir-se para o trabalho dentro da casa prisional. Houve entrevistas com a administração do presídio, com presidiários e com familiares; também foram feitas fotos internas das situações que ocorrem no presídio e

do dia a dia dos presos. E tudo isto resultou na produção de um livro-reportagem sobre o dia a dia no Presídio Estadual de Cruz Alta e, principalmente, sobre as histórias e concepções de mundo que estão lá armazenadas.

E a ética jornalística (CHRISTOFOLETTI, 2008) foi um dos elementos fundamentais que compuseram o livro-reportagem. Foi necessário cuidado, zelo, respeitando-se os limites que existem ao se desenvolver um trabalho em um presídio — supervisionado pelo Estado e amparado por leis —, não tornando públicas informações confidenciais que eventualmente pudessem vir a ser relatadas durante a investigação e, principalmente, respeitando os direitos que tanto a diretoria do presídio quanto os detentos têm em relação à divulgação de determinadas informações e imagens.

No seu livro *Ética no jornalismo*, ao fazer referência a ela, o jornalista Rogério Christofolletti, entre outras abordagens, lembra que a mídia ajuda a moldar o nosso imaginário, estabelecer prioridades e decidir e descartar opções.

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. Repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus comprometimentos e valores. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.11)

Em relação ao fato de muitos considerarem a ética um mito, Christofolletti afirma que ela pode não ser concreta, mas que as consequências de uma decisão ética repercutem no plano material. O trabalho jornalístico desenvolvido em um presídio é um exemplo disso, pois a divulgação de informações não condizentes com a ética, além de atitudes do investigador que busquem depreciar o presidiário — por este se encontrar nessa condição, de recluso, sem liberdade, em situação diferente da maioria das pessoas —, pode prejudicar a imagem de uma casa prisional que atue corretamente e arruinar a vida de uma pessoa que, por estar presa, já não é muito bem-vista pela sociedade.

Objetivos

Partindo-se do princípio de que este trabalho objetiva mostrar a realidade do Presídio Estadual de Cruz Alta, que é administrado pela Susepe (Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul) e abriga em torno de 230 presos, o que se busca é trazer ao público as vivências e opiniões, as mais variadas, que há em um presídio. Muitos com certeza fazem ideia do que se passa em uma casa prisional, mas objetiva-se fazer tudo isso chegar de forma concreta, fiel e real aos olhos dessas pessoas.

E, conforme constatado em cobertura jornalística da festa de Dia das Crianças do presídio em 2011, no dia 12 de outubro, no pátio, e na festa de Natal de 2012, situações estas em que houve a visita de familiares, as pessoas que estão lá reclusas não deixam de ter seu lado humano, e muitas delas não deixam de ter consciência dos atos que cometeram, e possuem, desta forma, valiosos conhecimentos e concepções de vida, de mundo. Quando se está longe de um local como um presídio, pensa-se inicialmente num ambiente totalmente pesado — o que, algumas vezes, não deixa de ser verdade —, mas é fundamental mostrar ao público o lado humano de pessoas que estão lá, é importante mostrar que, por trás de um ato frio ou impensado, há uma mente cujos conhecimentos e concepções de vida não podem ser alvo de um pré-julgamento e, assim, logo de cara, descartados.

Além disso, foi realizada entrevista com familiares de pessoas que estão lá reclusas, para se descobrir como era a vida da família antes da prisão do indivíduo e como está agora — as mudanças que houve, as mudanças que foram resultado da perda da presença física diária desta pessoa que hoje está em uma casa prisional. Ou seja, objetivou-se fazer um retrato da realidade do presídio e o máximo aproveitamento de ideias e concepções de vida que podem estar lá simplesmente esquecidas, bem como descobrir em que passo se encontra a família em meio a toda esta situação.

Não espera-se, com este trabalho, que haja uma revolução naquilo que a sociedade pensa sobre presidiários ou antigos presidiários. Mas certamente haverá uma reflexão, e é isso o que se espera. Sobre o público-alvo, a violência, a criminalidade, a busca pela recuperação do ser humano e as relações familiares fazem parte do cotidiano de, senão toda, pelo menos grande parte da população brasileira, então o público-alvo dos resultados desta pesquisa é, na verdade, toda a sociedade brasileira. Além disso, também há aqueles que, se por um lado não

estão diretamente ligados à violência, por outro desenvolvem um interesse pelos temas. Questões policiais têm, sim, um público, supõe-se, bem-definido.

Dentro de uma realidade inicial, o público atingido, num primeiro momento, será o da região, mas depois se pretende divulgar o trabalho de uma maneira mais abrangente, buscando alcançar uma área territorial maior. Para isso, um dos principais meios a serem utilizados será a internet, com a divulgação e exposição em redes sociais, como Facebook e Twitter, e contatos com sites especializados e voltados à área de produções jornalísticas policiais e a comunidades que apostem na recuperação do ser humano.

É importante novamente ressaltar que o objetivo do trabalho não é o de defender as atitudes que os apenados cometeram, mas, sim, dar voz àquilo que têm em mente, àquilo que hoje, depois de presos, pensam sobre o mundo. É natural, sim, que uma pessoa recém-presa por uma série de assassinatos dificilmente tenha tão cedo em sua mente planos futuros de recuperação, de reinserção social, um arrependimento imediato dos atos que cometeu e a plena consciência do mal que causou. Mas isso não impede de, anos depois, esta pessoa ter tido tempo suficiente para repensar seus atos, tomar consciência daquilo que fez e idealizar uma nova vida para depois que sair do estabelecimento prisional. Uma vez que, mesmo que se passem dez ou 15 anos, a visão de muitas pessoas dificilmente muda em relação a tais indivíduos, busca-se, como resultado do trabalho, que sejam levantados debates, discussões, sejam formais ou informais, sobre todas estas situações.

Além de buscar levar essa reavaliação de pensamentos ao público, espera-se, também, que o trabalho leve novas perspectivas aos próprios presos. Não só àqueles que participaram do processo de produção do livro, os entrevistados, mas, também, a todos os que estão reclusos lá dentro e, de repente, não alimentam neste momento muitas perspectivas futuras. O objetivo é o de que os depoimentos de seus próprios companheiros de presídio — ou, às vezes, de cela mesmo — possam servir como estímulo para, eventualmente, uma virada futura em sua vida. Também, tanto para aqueles que foram entrevistados quanto para os que não foram, o fato de eles verem a voz de internos do Peca estampada em um trabalho jornalístico será uma outra forma de incentivo e de perceberem que eles não estão totalmente descartados pela sociedade.

Dos equipamentos

O livro-reportagem consiste em entrevistas com a administração do presídio, representada pelo administrador-geral, Edison Valmor da Silva Mello, e com nove apenados — que são os principais personagens, tendo sido entrevistados seis homens e três mulheres, além da esposa de um dos entrevistados. Compõem a obra, também, fotografias tiradas durante o trabalho de captação, mostrando a estrutura do presídio, características físicas dos entrevistados — os privando da divulgação de seu rosto —, trabalhos internos realizados por eles e, de maneira geral, imagens que retratam a rotina diária, como a produção de artesanato nas celas e os jogos de futebol durante os banhos de sol a que eles têm direito.

Sobre este trabalho de captação, em Cruz Alta, ele foi realizado de 8 a 15 de fevereiro, com idas diárias ao presídio. Havia, a partir dos contatos tidos nos dois trabalhos realizados anteriormente na casa prisional — festa do Dia das Crianças em 2011 e de Natal em 2012 —, uma ideia inicial de alguns internos que poderiam vir a ser entrevistados para compor o livro-reportagem. Porém, os nomes a que se chegou partiram de três situações principais: critérios específicos do perfil do entrevistado — por tipo de crime, histórico, idade e em alguns momentos o sexo —, nomes e histórias mencionados a partir das conversas diárias com a administração do presídio e com a equipe de segurança e, também, ideias que surgiram durante as próprias entrevistas.

Naturalmente, em relação às entrevistas, todos os horários do presídio foram respeitados, como aqueles de visita de familiares, visita íntima e do próprio trabalho que alguns têm dentro da casa prisional. Houve entrevistas em praticamente todos os dias, bem como produções fotográficas — materiais estes que compõem o livro-reportagem.

O equipamento utilizado durante o período de captação consistiu em gravador, para nas entrevistas a conversa ser registrada com o máximo de precisão e fidelidade, e câmera fotográfica, para o registro das imagens. Durante o processo de escrita e produção do texto do livro-reportagem, todas as entrevistas foram transcritas na íntegra, para posteriores edição e utilização do melhor material. No livro, o nome de todos os apenados entrevistados deu lugar a nomes fictícios, objetivando-se preservar os direitos dos internos em relação à sua privacidade, e há, nas falas deles que foram publicadas, alguns erros gramaticais “propositais”, ou seja, que constam de maneira intencional na obra, visando à manutenção da fidelidade das conversas e das características que os presos têm na fala coloquial. Sobre o

enquadramento e a composição das fotos que ilustram o livro-reportagem, foram utilizados o primeiro plano (em fotos que mostram os presos do pescoço até o peito, com eles estando com os braços sobre a mesa), o plano geral (por exemplo, foto externa do presídio) e o plano detalhe (*close* nas mãos e em alguns rostos, mesmo que desfocados).

Um trabalho que visa a oportunidades

Notícias sobre a prisão de elementos da sociedade, por conta dos mais variados tipos de crime, vêm à tona num ritmo bastante acelerado, e já há muitos anos essa intensidade não é verificada somente em cidades grandes — municípios de menor porte também têm enfrentado essa realidade. Com isso, aumentam também, entre outros, a insegurança da sociedade civil e o anseio por medidas governamentais que procurem inibir ou reduzir a criminalidade.

Independentemente de tudo isso, do fato de essas medidas serem concretizadas ou não do modo como a sociedade espera, a população tem se visto obrigada, cada vez mais, a conviver com isso tudo. Mesmo que a ação de um crime não atinja diretamente uma determinada pessoa, ela não deixa de estar inserida em todo esse contexto, pois o crime pode ocorrer ao seu redor, no bairro onde ela mora, na sua família ou na cidade onde vive.

Porém, pelo fato de essas notícias chegarem ao conhecimento do público num ritmo intenso, acelerado, os elementos da sociedade que cometem esses atos criminosos são, na maioria das vezes, esquecidos pela população no mesmo ritmo em que uma nova notícia policial se sobrepõe àquela em que esse elemento figura — nessa afirmação não constam, é claro, os familiares que são atingidos por essa ação criminosa, sejam os parentes do infrator ou da vítima. Então, um dos objetivos do trabalho, o de transmitir ao público a realidade vivida em um presídio, procura mostrar que essas pessoas — os infratores — estão aí, vivas, levando sua vida, mas agora de uma maneira diferente, reclusas em uma casa prisional. Não deixam de ser seres humanos e de merecer atenção.

Não que os presidiários sempre mereçam uma atenção especial em produções jornalísticas e pessoas que nunca cometeram crimes não sejam merecedoras, mas talvez, lá dentro, esses reclusos possam estar passando por uma outra mudança de vida, como uma avaliação centrada e coerente dos atos que cometeram e a assimilação de que, depois que saírem dali, é possível dar, sim, um outro rumo à sua existência.

É verdade que numa casa prisional estão reclusas pessoas de uma natureza fria de matar, pessoas de alta periculosidade, pessoas que por meio do tráfico de drogas — ou seja, algo ilegal — podem ter enriquecido enquanto um trabalhador honesto sua diariamente para obter seu sustento, mas no presídio não deixa de haver seres humanos que, num deslize em sua vida, num ato impensado, tiveram um comportamento que, embora evitável, acabou sendo levado adiante e fez com que aquele breve momento transformasse sua vida de maneira radical. Essas pessoas não deixam de raciocinar, de ter seu lado humano, de ter suas ideias e concepções sobre a vida, e não deixam, também, de ter sua própria consciência, seu modo de enxergar tudo aquilo. Este trabalho se justifica ancorado em todos esses fatos; então, uma das intenções é a de mostrar — além da realidade do dia a dia da casa prisional — o lado humano existente em um presídio.

- “Eu quero cuidar da minha família. Eu quero ver se... como é que eu vou dizer pro senhor. Esse tempo que eu perdi aqui, ó... Ver se eu tiro nem que seja um pedacinho desses 20 anos em que já fiquei preso, sabe. Assim... eu nunca consegui levar meus filhos pra tomar um banho num açude, tomar um banho num rio, sabe. Eu quero poder chegar do serviço, a minha mulher estar me esperando na área, sentada, com um mate pronto, entendeu, e meus filhos brincando em volta ali. Esse é meu sonho ainda. Tomara que eu não morra antes de realizar esse sonho, porque eu quero realizar esse sonho. E meu sonho é arrumar um serviço, ter carteira assinada, pra poder dar boia pros meus filhos e pra minha mulher. Chegar em casa, do serviço, e ter minha casinha, minha televisãozinha pra olhar. Esse era meu sonho antes de voltar pra cá e continua sendo, e estou lutando pra continuar sendo. Vou lutar, vou sair daqui, vou trabalhar, vou fazer de tudo pra não voltar mais aqui. E pra cá eu não volto mais.” (*Álvaro*¹, 41 anos, um dos presidiários entrevistados e pai de quatro filhos)

O depoimento acima, que compõe o livro-reportagem, foi dado por um presidiário que começou na vida do crime durante a adolescência e que neste período transitou entre Cruz Alta e Porto Alegre. Entre idas e vindas, e diferentes regimes penais, está no Presídio Estadual de Cruz Alta desde 1992 — ou seja, lá se vão duas décadas. Porém, hoje, aos 41 anos, ele é um preso bastante benquisto na casa prisional, tanto pela massa carcerária quanto pelas equipes administrativa e de segurança. A ele foi confiado o trabalho de produzir e assar pães

¹ Nome fictício.

no presídio — atividade que também ajuda na sua remição de pena — e, além disso, Álvaro, o nome fictício atribuído a ele, tem uma relação de confiança e seriedade com a administração do Peca. Casado com a mãe de seus quatro filhos, que sempre o visitam na companhia da mulher, ele analisa que ao longo de sua vida já passou muito tempo atrás das grades e transmite sinceridade e honestidade ao afirmar que está farto deste tipo de vida e que não vê a hora de estar novamente no convívio de sua família. Seu depoimento transcrito acima, assim como toda a sua entrevista publicada no trabalho, mostra que, embora os apenados se vejam obrigados a viver um dia a dia limitado em um presídio — em função de ali não encontrarem a liberdade que poderiam ter estando nas ruas —, eles sonham bastante, sonham com um futuro diferente, fazem planos, estabelecem metas, sonham com uma vida em liberdade, alheia às grades que hoje os cercam, e sonham em voltar ao convívio familiar e usufruir tudo o que isto pode possibilitar. Muitos deles disseram que, embora seja necessário e inevitável, não se pode apenas viver o dia a dia do presídio ali dentro; deve-se idealizar uma vida lá fora, devem-se traçar planos, pois, nas palavras deles, os sonhos e a vida futura são aquilo que os encoraja e dá forças para cumprir com garra e persistência a sua pena, a sua passagem por um estabelecimento prisional.

Nas coberturas jornalísticas feitas em 2011 e 2012, foi constatado que reclusos que cometeram os mais diversos tipos de crime têm, sim, um modo bem humano de pensar, têm hoje consciência dos atos que cometeram e têm, acima de tudo, pelo menos na palavra, a ideia de que estar ali não é nada vantajoso e a meta de, quando saírem de lá, buscar se tornar uma pessoa diferente. Já a intenção de entrevistar familiares se apoiou no fato de que não é só a vida de um detento que muda com a sua prisão, mas, muitas vezes, também a da sua família. Um pai de família ou um filho que trabalha e é preso deixa de trazer dinheiro para dentro de casa — e a partir daí, se desencadeia uma série de situações desfavoráveis —; um filho que é preso pode vir a ser, em função desta situação, o motivo de um abatimento sem precedentes de seus pais. Todo este dia a dia, toda esta realidade muda. Além disso, a prisão de uma pessoa, principalmente quando inesperada, pode alterar toda a rotina de um bairro onde este indivíduo mora, pode mudar as atividades que seus amigos antes desenvolviam, pode gerar toda uma alteração num pequeno ou amplo contexto social.

Uma preparação técnica e comportamental

Por, ao longo do trabalho, ter sido escrito um livro-reportagem sobre a investigação no presídio, as leituras feitas, tanto antes quanto no decorrer da produção, tiveram como base, além da já citada ética jornalística:

- Conhecimento prévio e aprofundado das mais diferentes situações que poderiam ocorrer durante um trabalho desenvolvido em um presídio (VARELLA, 1999), independentemente do tamanho e da estrutura da casa prisional.

Uma vez, Zico, com fama de bandidão na Vila Guarani, reconheceu a fisionomia de um recém-chegado ao pavilhão Nove e foi conversar com o encarregado-geral, um negro de lábios grossos conhecido como Bolacha, ladrão de longa carreira:

— Quero pedir licença para dar uma lição nesse pilantra. É estuprador, abusou da amiga da minha irmã, lá na vila!

Bolacha ouviu um silêncio e, quando o outro terminou o relato, voltou-se para ele:

— Se é como você diz, que ele desrespeitou a honestidade da moça, que a mãe dela deu parte na delegacia, deve de existir um boletim de ocorrência. É moleza, escreve para a tua vizinha e manda ela trazer a cópia desse beó, que está liberado.

Zico seguir a orientação à risca. O flagrante, de fato, havia sido lavrado e o xerox comprovava a versão apresentada ao Bolacha. Foi autorizado a matar o estuprador.

Recebida a autorização, porém, Zico ouviu os amigos e refletiu que talvez não fosse aquela a melhor atitude. Não tinha nenhum laranja para assumir seu lugar na autoria do futuro crime: certamente seria condenado a muitos anos mais, logo agora que estava prestes a conseguir transferência para a Colônia, em regime semiaberto.

[...]

— Ó, Zico, agora você me desapontou! Pede para matar o cara, traz a prova do estupro e depois muda as ideias. Arruma tuas coisas e atravessa para o Cinco, que o Nove ficou pequeno para você. Você não é do crime, meu. Você é um cômico.

Atendendo a pedido do próprio Zico, os funcionários endossaram a decisão da Faxina e bateram a transferência dele para o pavilhão Cinco. [...] (VARELLA, 1999, p. 101-102)

Num presídio, insatisfações e atitudes mais agressivas podem ocorrer inesperadamente. Embora o autor deste artigo tenha evidenciado e testemunhado haver internos com valiosas concepções de vida, se essas pessoas estão lá, reclusas, é porque em algum momento tiveram certa frieza e, algumas vezes, possivelmente — dependendo do tipo de crime —, uma ação violenta. Ou seja, em um trabalho numa casa prisional, por mais que em determinado momento um apenado esteja agindo com normalidade e tranquilidade, é preciso sempre ter precaução e não transgredir limites. E foi a isso que se buscou atentar durante o trabalho desenvolvido. Não se pode confundir ousadia com impetuosidade. E todo esse cuidado começou por uma conversa prévia bastante esclarecedora e minuciosa com a

administração do presídio — uma vez que ela possui a experiência de acompanhar diariamente as situações da casa prisional — e, posteriormente, com os próprios apenados. Inicialmente, numa apresentação dos objetivos do trabalho a todos eles, e, depois, antes do início de cada entrevista.

- Orientações sobre a fotografia jornalística (SOUSA, 2002); neste caso, a fotografia documental, em relação a ângulos, posicionamento e à escolha de uma imagem que melhor represente as informações que determinada fonte forneceu.

Sobre isso, o professor português de jornalismo Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa, de Porto, em Portugal, destaca que o fotojornalista deve ter sensibilidade suficiente para, em meio às mais diversas situações, saber determinar uma área de imagem que mais desperte a atenção, que mais possa tornar a foto atrativa.

O ser humano é fisiologicamente incapaz de prestar atenção simultânea a todos os estímulos de uma estrutura complexa, como o é a generalidade das fotografias. Assim, apenas alguns desses estímulos conseguem ser abarcados pela atenção num determinado momento. O fotojornalista deve, deste modo, privilegiar sempre uma zona da imagem que funcione claramente como foco de atenção, e que deve ser, obviamente, o motivo principal. (SOUSA, 2002, p. 84)

Ou seja, a composição de uma fotografia visa à obtenção de um efeito unificado da imagem e será essa composição que vai transmitir uma ideia ou sensação que o fotojornalista objetiva com a foto.

- Orientações sobre os passos, métodos e cuidados na produção de um livro-reportagem (BELO, 2006). Na produção que foi desenvolvida no presídio, a boa apuração — um dos mais importantes elementos jornalísticos — foi, é claro, fundamental para que resultasse num bom trabalho. Ela sempre é imprescindível, sim, mas, nesse caso, foi mais ainda, pois foi feita com pessoas de um passado obscuro. Pessoas de um presente que pode misturar o sofrimento, por estarem reclusas, à aprendizagem resultante desse fato, e pessoas de um futuro fora dali que, espera-se, seja sinônimo de recomeço.

Na obra *Livro-reportagem*, o jornalista Eduardo Belo (2006) enfatiza a importância da boa apuração. O autor diz que apuração requer persistência e humildade, e que, por mais sensacional que o texto seja, ele não sobrevive a uma apuração inexata, malfeita.

Tão importante — ou mais — que narrar os acontecimentos é apurá-los. O caráter documental e o volume de informações necessário exigem um compromisso muito

grande com a exatidão e com a compreensão dos dados recolhidos. Se simplesmente vai recolhendo dados e não os organiza — na cabeça, no papel ou em um arquivo —, o autor chegará ao fim do processo com uma massa de informações confusa, gigantesca e cuja utilidade nem ele mesmo conhece. (BELO, 2006, p. 86)

Frente a frente com os personagens, não só um estudante, mas também um ser humano: lições e ensinamentos a partir das entrevistas

A possibilidade de levar histórias, as mais diversas, ao público é uma das características mais marcantes do jornalismo. Mas, ao mesmo tempo em que é uma possibilidade, é, também, um dos maiores compromissos, e um dos mais pautados pela responsabilidade, acima de tudo.

Em nenhum momento houve hesitação ou dúvidas em relação a produzir este trabalho, correr atrás, conversar, contatar a administração da casa prisional. Não houve dúvidas na escolha de qual trabalho fazer, não houve receio e nem tensão momentos antes de a captação ser iniciada, e não houve nenhum arrependimento depois de concluída — muito pelo contrário, o que houve foi o sentimento e a quase certeza, se assim podemos dizer, de que o resultado seria satisfatório e gratificante. E, depois de finalizada a produção, depois de escrito todo o texto do livro-reportagem, esta quase certeza se transformou em convicção.

Apesar das duas experiências anteriores vividas no presídio — a festa do Dia das Crianças de 2011 e a de Natal em 2012 —, estes sete dias em que foi feita a captação no Peca seriam, e acabaram sendo, bem diferentes. Durante estas duas festas que ocorreram na casa prisional, a atuação se resumiu mais à produção fotográfica, ao registro fotográfico dos eventos, e não pôde se estender muito a entrevistas ou muitas conversas com os presos que participaram. Esta foi a orientação recebida, pelo fato de eles estarem em um momento unicamente voltado à família e por estarem usufruindo uma das poucas situações em que podiam ficar por um tempo mais prolongado com seus familiares. Então, numa terceira oportunidade, as experiências vividas no presídio passaram da produção fotográfica às entrevistas presenciais, frente a frente com os presos, o que consistiu em um desafio muito maior — e mais minucioso, digno de maior atenção. Receio, ou até medo, isto não houve em nenhum momento, mas expectativa sim.

Como já citado, não houve, antes do início do processo de captação, uma pré-seleção dos presos que iriam ser entrevistados, pois o objetivo era o de sentir o momento no presídio e a partir daí fazer as entrevistas, e uma das situações mais gratificantes foi que a cada entrevista concluída surgia a assimilação de que o material iria ser muito proveitoso, válido e interessante, tanto para o currículo do autor quanto para o leitor que tivesse o interesse de acompanhar a obra. A cada entrevista realizada, novas histórias foram descobertas e diferentes concepções de mundo foram expostas pelos apenados, fazendo com que já no seu processo de captação o trabalho estivesse sendo bastante realizador e saísse do modo como era esperado.

- “Quando tu age com uma pessoa estendendo a mão pra ela, tu não sabe se de repente aquela pessoa não vai, muito mais tarde na tua vida, aparecer de novo e *ela* te estender a mão no momento em que tu estiver precisando. E, da mesma forma, se tu negar a uma pessoa algo de que ela esteja precisando, talvez um dia tu precise e ela te negue. Então, a vida é uma coisa que tu não tem como prever. A vida é surpreendente. E tu nunca está preparado para o que vai vir: tu tem que estar preparado pra *assimilar* o que vai vir.” (*Leonardo*², 31 anos, um dos presidiários entrevistados)

Feita por um presidiário de 31 anos, que estuda e adota ideias de pensadores como os filósofos Friedrich Nietzsche (1844-1900), Artur Schopenhauer (1788-1860) e Immanuel Kant (1724-1804), a declaração transcrita acima mostra uma das visões de mundo que ele tem. Ao longo da entrevista, ele discorreu, por exemplo, sobre questões como o papel do Estado na população e as oportunidades, ou a falta delas, que há na sociedade — e não apenas em relação a presidiários no mercado de trabalho ou algo similar, mas, também, sobre oportunidades de acesso à educação, a melhores condições de vida. Por mais que estas frases proferidas por ele citadas acima reúnam algumas palavras que estamos acostumados a ler e escutar, elas trazem o ponto de vista não de alguém que tem trânsito livre na sociedade, mas, sim, de um indivíduo que analisa estas questões de oportunidades e crescimento sob a ótica de alguém que está recluso, que está numa casa prisional, por isso este depoimento se tornou um dos mais marcantes do livro-reportagem e traduz o ponto de vista de um ser humano que em um momento futuro precisará se reinserir completamente na sociedade e verá amigos seus, presidiários ou não, dependerem da mesma necessidade.

² Nome fictício.

Quanto à produção fotográfica durante este trabalho, inicialmente, todos os entrevistados foram fotografados, mas buscando-se respeitar seu direito de não ter o rosto exposto, de não ter exposto algo que revele claramente que se trata daquela pessoa. Além de fotos gerais e da estrutura do presídio, também foram feitos registros das atividades dos presos, como o artesanato e a rotina nas celas, a produção de pães, cultos religiosos e jogos de futebol durante os banhos de sol. Por mais que o público tenha uma ideia de que estas atividades ocorrem em um presídio, traduzir isto em imagens vai facilitar esta assimilação e, o principal, fará com que salte aos olhos deste público a realidade de que os presos não estão ali para cumprir suas penas como se não tivessem direito a nada, mas, sim, que eles podem desenvolver as mais diversas atividades e ocupações — sejam de trabalho, de lazer ou diversão — enquanto pagam por aquilo que cometeram e estão afastados da sociedade. A fotografia, no livro-reportagem, tem a finalidade de, além de mostrar o dia a dia e as atividades do presídio, encurtar o caminho da compreensão, por parte do leitor, de todo o contexto da casa prisional, pois traduz em imagens representativas tudo aquilo que as palavras contidas na obra buscam transmitir — ou seja, as imagens serão uma espécie de complemento do texto no processo de compreensão da obra. No entanto, para que o público possa compreender o sentido e a linguagem das fotografias, o fotojornalista precisa estar centrado e certo do que está fazendo ao produzi-las. Isto é imprescindível para que, ao transmitir as informações ao leitor por meio delas, ele não desvie o foco daquilo que quer abordar (SOUSA, 2002).

Quando organiza composicionalmente uma fotografia, o fotojornalista deve ter em consideração que vários fatores levam a que determinados pontos ou áreas de uma imagem cativem mais facilmente a atenção: a intensidade dos estímulos (provocada, por exemplo, pela cor), a incongruência, o isolamento, a repetição, o contraste cromático, o contraste luz-sombra, etc. Por consequência, o jornalista fotográfico deve manter-se vigilante, pois tem de impedir que motivos secundários se transformem no foco de atenção, o que distorceria a mensagem.

Resta referir que para que um observador prossiga na mobilização dos canais sensoriais e continue a prestar atenção a uma fotografia depois de lhe ter lançado um olhar de relance, ou seja, para que um observador se envolva na comunicação fotográfica, é preciso atender à sua cultura, às suas expectativas, às suas motivações (conscientes ou não), aos seus hábitos e à sua experiência anterior. Sendo a atenção um fenômeno social, fazer fotojornalismo com sentido torna-se, assim, um ato difícil. (SOUSA, 2002, p. 84-85)

As entrevistas com os presidiários foram momentos diferenciados, que ocasionaram um turbilhão de pensamentos no autor do trabalho — tanto antes de elas serem realizadas quanto durante e depois. As entrevistas consistiam, afinal, na etapa mais importante do trabalho, pois seria a partir delas que iriam surgir as histórias, relatos, opiniões e concepções

que justificariam o tema da obra e que se destacariam ao longo de todo o livro. Ou seja, pode-se dizer que as entrevistas *eram o livro em si, o trabalho em si*. Elas foram a principal motivação da produção do trabalho, do livro, pois a intenção inicial de dar aos encarcerados uma voz que na maioria das vezes eles não têm perante a sociedade só iria se cumprir, só iria se concretizar, se as entrevistas fossem feitas, e mais do que isso: não bastava apenas que fossem feitas; elas precisariam ser *bem-feitas*, bem-conduzidas, bem-orientadas. O modelo de entrevista adotado consistiu em um perfil de cada personagem presente no livro. Como já citado, o foco das entrevistas estava *neles*, nestes nove internos, nas suas histórias, nas suas visões, e não, por exemplo, na passagem do autor do trabalho pelo presídio ou na experiência vivida em si.

Há muitas maneiras de narrar uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento da narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa — seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, geralmente, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência.

No primeiro caso, temos a entrevista clássica, que não exige necessariamente o contato pessoal (pode ser feita por telefone ou por escrito). O texto consiste numa apresentação sumária, feita de dados referenciais, seguida de perguntas e respostas. Na maioria dos casos, termina com a palavra do entrevistado. Às vezes, porém há um pequeno fecho, ligeiramente pronunciante, mas de modo geral distanciado. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 125)

Toda esta questão das entrevistas gerou no autor, automaticamente, uma carga de responsabilidade que ele se viu obrigado, primeiramente, a assimilar, e, depois de tê-la assimilado, a sentir, colocar em prática e gerir da melhor forma possível, buscando concentrar naquelas nove oportunidades inadiáveis tudo aquilo que ele conseguiu absorver e aprender durante os anos de universidade. Diante de muitos desabafos feitos pelos entrevistados, diante de tantas narrativas de vida contadas, diante de tantas situações em que a família foi abordada nas entrevistas, não houve como evitar que em determinadas situações *o ser humano* e o estudante *fossem um só*; porém, acima de tudo, foi necessário ter discernimento nestes casos e, mais ainda, principalmente, saber dosar tudo isto no momento de colocar estes depoimentos e sentimentos no trabalho e fazê-los chegar ao público por meio do livro-reportagem, cuja narrativa pode ser conduzida, pelo autor, com alta carga emotiva, sim, mas sempre visando manter a neutralidade, a ética e o profissionalismo.

A relação com as fontes foi bastante satisfatória. Naturalmente, havia interesses dos dois lados, tanto na obtenção de informações quanto nos cuidados ao transmiti-las, mas em nenhum momento houve conflitos ou algo do gênero e, apesar de um certo receio dos entrevistados nos momentos que antecediam as conversas, tudo transcorreu com naturalidade após a explicação e o esclarecimento daquilo que o autor buscava e daquilo que o trabalho tinha como objetivo. E, neste sentido, duas situações, em especial, chamaram a atenção do autor: o modo como — depois da apresentação inicial — os entrevistados confiaram suas histórias, relatos e opiniões ao entrevistador e, também, aquilo que para o autor pareceu uma ânsia, uma expectativa que eles sentiam de conversar com alguém, se abrir, transmitir sua opinião, expor suas concepções, contar as suas histórias, expor seus erros e transmitir a vontade de melhorar. A maneira como alguns fizeram seus relatos, contando tudo, abrindo o jogo e muitas vezes desabafando, chamou muito a atenção e a certo ponto surpreendeu bastante, ainda mais pelo fato de eles estarem diante de uma pessoa com a qual estavam conversando séria e demoradamente *pela primeira vez em sua vida*. Esta foi uma percepção marcante que o autor do trabalho considera que carregará consigo por muito tempo.

- “Eu estou, como eu posso te dizer... desta vez eu estou aqui dentro injustamente. Mas eu tenho força, eu vou provar a minha inocência, não importa se é daqui a um ano, dois anos, três anos, mas que eu vou provar, eu vou. Então eu acho que isso cada vez me dá mais força, e é por isso que eu digo que estou nessa tranquilidade conversando contigo sobre a morte do meu irmão. Se fosse uns meses atrás, eu não estaria assim. A única coisa que eu ainda não consegui largar foi o vício do cigarro. Quando eu estava parando, vim pra cá, e aqui dentro não tem como. Na hora em que eu sair pra rua, fiz um propósito: vou largar o cigarro também. Só que aqui dentro não tem, é muita... a gente está num ambiente que é sob pressão, entende, é complicado. Tu está ali e tem os teus problemas, daí tu convive com pessoas que tu nunca viu na tua vida, e aí aquelas pessoas também têm os problemas delas, então tudo acarreta, e eu sou uma pessoa que acumula, eu puxo os problemas dos outros pra mim. Tendo ajudar a resolver e acabo me esquecendo de mim, sempre fui assim. Então, é isso, sabe. Mas graças a Deus não tenho nada do que reclamar do lugar, não tenho o que falar.”
(Karen³, 44 anos, uma das presidiárias entrevistadas)

³ Nome fictício.

Durante as entrevistas, poucos foram aqueles que conversaram de maneira retraída, ou buscando não falar muito. A maioria dos entrevistados conversou com naturalidade, entendendo a proposta do trabalho e fornecendo tanto informações quanto opiniões bastante valiosas, algumas até bastante surpreendentes, e o resultado está aí: com o grande apoio e a receptividade da administração do presídio, foi produzido um livro-reportagem pautado em um material rico e valioso sobre os pensamentos e visões que integrantes da massa carcerária nacional têm. Este foi e é um dos diferenciais do trabalho — ter dado voz a quem não tem muita voz no contexto da sociedade.

E a produção do trabalho não agregou conteúdo apenas à trajetória acadêmica, mas, sim, “envolveu” o autor também na questão pessoal, fazendo com que ele deparasse com situações, relatos e opiniões que realmente fazem quem está inserido nisso repensar a vida, suas precauções, opções e prioridades. Exemplo: drogas.

Até hoje, em sua vida, tudo aquilo que o autor ouviu, leu ou escutou quanto à prevenção do uso de drogas foi oriundo ou de seus pais, ou de outros familiares, ou de propagandas televisivas, ou de campanhas, entre outros. Assim como outras pessoas, o autor tem consigo a assimilação de que o uso de drogas é muito maléfico para a saúde, para a vida, para as relações pessoais, e, também como outras pessoas, já assistiu, leu ou ouviu reportagens que retratam o drama de um viciado que não consegue abandonar estas substâncias ilícitas ou de alguém que teve toda a sua vida prejudicada pelo uso.

Porém, estar frente a frente com as próprias pessoas personagens destas situações, protagonistas disso tudo, é muito diferente — e o impacto ao ouvir os relatos com certeza é muito maior. Diversas foram as histórias que mostraram o quanto as drogas arruinaram a vida destes entrevistados, e, em alguns casos, as drogas foram decisivas para que fossem tomadas as atitudes derradeiras que resultaram na prisão destes apenados, sem contar o distanciamento da família e dos amigos causado pelo uso destas substâncias. Ou seja, algum fator levou essas pessoas às drogas; as drogas as levaram a cometer atitudes erradas; as atitudes erradas as levaram à prisão; e a prisão as levou à falta de liberdade, ao afastamento da família, ao afastamento dos amigos. Então, o fato de um dos assuntos abordados nas entrevistas reunir a combinação drogas, família e amigos, por exemplo, foi uma das situações que fizeram com que não apenas o estudante de jornalismo estivesse ali entrevistando aquelas pessoas, mas, também, que *o ser humano* estivesse lá, frente a frente com os presos.

- “Quando nos envolvemos com o tráfico de drogas, ou outros crimes, há três caminhos: uma porta se fechando, que é a porta da sociedade, e outros dois caminhos que se abrem para nós, duas portas novas, que são a porta do cemitério e a porta da prisão. Então, fica claro que o crime não compensa. Não vale a pena. Todos aqueles que tiverem a oportunidade de mudar sua trajetória de vida, que mudem.” (*Celso*⁴, 32 anos, um dos entrevistados)

Sobre as drogas, também, os entrevistados foram unânimes em, na sua mensagem final voltada ao leitor — na qual, frise-se, tiveram total liberdade de escolha de assunto —, se dirigir principalmente aos jovens e tentar argumentar o quanto este uso descontrolado pode ser prejudicial, e não apenas na adolescência, mas, também, durante toda a vida.

Considerações finais

Mais do que este projeto experimental ter sido algo “necessário” para que o autor concluísse a sua graduação no curso de jornalismo, o trabalho consistiu num misto de sensações e sentimentos — antes, durante e depois de sua produção. Em uma palavra, poderia ser definido como desafio. Em várias, poderia ser definido como realização, persistência, dedicação, engajamento, responsabilidade e oportunidades.

E, também, resultado.

Se não ainda para o público — isto é algo que só vai ser constatado ou não depois que o trabalho chegar até este público —, com certeza para o autor.

Isto porque ele viu consequências positivas naquilo que produziu.

Viu resultado e consequências positivas porque considera que a obra reúne todas aquelas mensagens que antes de o trabalho começar ele tinha a intenção de transmitir. O trabalho não iria ter como meta inocentar os entrevistados ou publicar alguma declaração que pudesse vir a abrandar suas penas — e não o fez. O trabalho não teria a intenção de transmitir à sociedade que os apenados são simples vítimas de uma sociedade desigual e que estão presos injustamente — e não o fez. O trabalho não teria como objetivo transformar os

⁴ Nome fictício.

entrevistados em exemplos a ser seguidos ou em indivíduos a serem ignorados — e não o fez. Uma das principais missões era dar voz a quem normalmente não tem voz na sociedade e mostrar que, embora nem todos ajam assim, os entrevistados estão reclusos não apenas para pagar por o que fizeram, mas, também, para repensar seus atos e, com base nisso, idealizar um futuro ou pouco ou muito melhor — e isto o autor considera que o trabalho fez. Por isto o sentimento de que a meta e os objetivos foram alcançados, e agora a expectativa se concentra em como o público receberá e assimilará tudo isto.

Foi um trabalho muito desafiador. Para muitos, ou para a maioria, talvez — pois nem todos os presos estiveram presentes naquelas duas festas fotografadas —, o autor era um desconhecido que, em meio à rotina diária cheia de pressão que há no presídio, passou de uma hora para outra a fazer parte daquele dia a dia, daquele cotidiano, daquela realidade; ele se tornou alguém que repentinamente se misturou a tudo aquilo. E os presos não tinham a obrigação de aceitar isto. Não tinham a obrigação de colaborar. Não tinham a obrigação de compreender que aquele era um trabalho importante e decisivo para o autor. Não tinham a obrigação de conceder entrevista.

Mas, embora muitos dos entrevistados tivessem revelado inicialmente que não o conheciam, eles compreenderam.

E se propuseram a conceder a entrevista.

E contaram as suas histórias, e abriram o livro da sua vida, e se revoltaram com algumas questões da sociedade em seus relatos, e desabafaram, e transmitiram o desejo por um futuro melhor para si.

Tudo isto foi algo que, como já citado, surpreendeu o autor, e é algo pelo qual ele é muito grato tanto aos entrevistados quanto à administração do presídio e ao restante da massa carcerária. Como também já citado, a maioria deles abriu sua vida e suas ideias para uma pessoa com quem estavam frente a frente *pela primeira vez*. Esta confiança recebida foi uma das características mais marcantes que integraram o processo de captação.

- “A gente (*ela e seu irmão*) se dava superbem. Ele sempre foi muito protetor quando eu era mais nova, questão de namorados, tal coisa... Mas isso era só na adolescência. Mas eu nunca deixei de apoiar ele, nenhum deles. Só que eu sempre pensei neles e eles nunca pensaram em mim. É a mesma coisa: às vezes eu procuro ajudar as pessoas, mas as pessoas não procuram pensar se eu estou sendo ajudada. Mas eu não cobro nada, Deus me dá em dobro, Deus reconhece, é isso que importa. Eu oro pro

céu, converso, penso, sabe, e tem dias em que eu me revolto mesmo, e nem eu mesma me aguento. [...] Às vezes eu não consigo... por isso que eu procuro não pensar muito agora. Antes eu pensava muito. Mas é difícil. Muito difícil. Tu parar e pensar pra analisar, sabe, quando tu está começando a equilibrar a tua vida... Aí, é que nem eu digo: meu irmão destruiu a minha vida. Ele destruiu. Só que ele está morto, e eu sinto saudade dele. Mas, ao mesmo tempo em que eu tenho saudade, eu tenho aquela raiva, é muito confuso o sentimento. Nem eu consigo entender. Só que eu tenho muita saudade dele; ele era meu irmão! Eu perdi o meu irmão, eu não vou ver mais ele. E tem pessoas que não entendem isso. Daí eu fico me perguntando, quando eu estou sozinha pensando: “Mano, por que tu fez isso comigo, com a tua irmã?”. E não encontro a resposta. E com ele mesmo: por que tirar a própria vida? Era só ele vir, puxar mais um ano e pouco e ir pro semiaberto novamente... Mas infelizmente ele fez tudo isso. Só que eu quero saber por que ele fez isso. Eu não consigo achar resposta. E eu tenho que recomeçar uma nova vida quando sair daqui, e como é que vai ser? Vou ter que começar engatinhando que nem nenê novamente, entende, pra poder alcançar os objetivos. Eu não tenho muitos sonhos a realizar, só quero uma família, ficar com meus filhos, ter minha casinha simples e um trabalho. Só isso que eu quero. E a minha felicidade é isso aí.” (*Karen*⁵, 44 anos, uma das personagens do livro-reportagem)

O depoimento acima, de uma presidiária de 44 anos que estava em liberdade condicional e voltou ao presídio em dezembro de 2011 suspeita de ter assassinado seu irmão, mostra esta situação de os presos, mesmo estando frente a frente com uma pessoa inicialmente desconhecida para eles, terem aberto sua vida, aberto seu coração, terem transmitido muito — ou, às vezes, tudo — do que sentiam no momento e sentem ao longo de sua permanência na casa prisional. A morte de seu irmão foi o fator que determinou que Karen — nome fictício — voltasse a ficar reclusa no Peca. Ela alega inocência, enfatiza que seu irmão cometeu suicídio; já a Justiça a considera culpada. Por conta disso, e por conta de ter perdido um familiar com o qual tinha boa relação, a morte do irmão é um assunto que ela não gosta de abordar, um assunto em que, ao discutir, ela não se sente à vontade, mas, mesmo assim, mesmo até hoje transtornada com toda esta história, Karen concordou em conceder a entrevista e abrir sua vida para a composição deste trabalho. Em seus depoimentos, ela lamenta tanto a perda do irmão quanto o fato de isso ter posto um fim à vida em liberdade que

⁵ Nome fictício.

ela tinha e a todos os acontecimentos que haviam lhe possibilitado um grande recomeço, depois de ter cumprido em torno de sete anos em regime fechado por ter encomendado a morte do marido. Com esta situação de ela — assim como os outros — ter aberto sua vida para o autor do trabalho, de ter exposto seus sentimentos, decepções, frustrações e, em alguns casos, alegrias, foi surpreendente, volte-se a frisar, o quanto eles sentiram confiança no trabalho e o quanto viram no autor não apenas alguém que poderia transportar suas histórias e opiniões até o público, mas, também, alguém para o qual eles poderiam, na concepção deles, até desabafar, expor seus sentimentos. Tudo isto ajudou, e muito, a tornar este trabalho bastante humano, sólido, gratificante e enriquecedor.

Quanto aos objetivos iniciais em relação àquilo que foi alcançado com o trabalho, a proposta foi seguida, foi cumprida. O trabalho se relaciona com a sociedade porque o livro reúne diversos fragmentos que compõem um dia a dia “normal” de quem nunca cometeu um crime, de quem nunca passou por um presídio, de quem leva uma vida dentro do que as leis estabelecem. Família, erros, equívocos, sentimentos, arrependimentos, assimilação de que se poderia ter agido de forma diferente em determinadas situações, pensamentos futuros, planos, busca por maneiras de manter a mente ocupada — tudo isso faz parte do cotidiano de milhões de pessoas *e também* de apenados. Com isto, ao expor todas estas situações vividas por pessoas que raramente são lembradas pela sociedade, o trabalho consegue mostrar à população que, apesar das diferenças de condição entre quem está recluso e quem vive em liberdade, todos são seres humanos e têm todo um longo caminho a ser seguido — e, como sabemos, é o próprio indivíduo quem define qual vai ser este caminho. E o autor tem convicção de que, com estes relatos, juntamente com os novos planos que os presos têm e com sua visão da sociedade, o público leitor tem à sua disposição um material vasto e enriquecedor, que buscou captar da melhor maneira possível a essência *do ser humano*.

Bibliografia

- ATHAYDE, Celso; MV Bill. **Falcão — Meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

- FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem — Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- KEENE, Martin. **Fotojornalismo: guia profissional**. Dinalivro, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TRALLI, César. **Olhar crônico**. São Paulo: Globo, 2001.
- VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PECA:
AS HISTÓRIAS
GUARDADAS
NO PRESÍDIO
ESTADUAL DE
CRUZ ALTA

MURIAN CESCA

(livro-reportagem)

Agradeço a Deus, pois sem a sabedoria que ele nos concede não temos discernimento sobre nossas ações; ao administrador-geral do Peca, Edison Valmor da Silva Mello, pela disponibilidade e receptividade; às equipes administrativa e de segurança do presídio, por terem se desdobrado em suas tarefas diárias (que não são poucas) aliando tudo isto à presença de um “autoconvidado” em seu meio; aos internos entrevistados e aos não entrevistados, pois este livro não existiria sem a compreensão de vocês todos; e a todos os professores com os quais tive o prazer de conviver durante minha graduação. Em especial, ao orientador de meu trabalho, Marcio da Silva Granez, que acompanhou minhas produções textuais na universidade desde o começo e foi um grande incentivador deste projeto, e ao professor Felipe Rigon Dorneles, que compôs a banca e ministrou componentes curriculares de fotografia que foram fundamentais para este trabalho. E não só agradeço, mas principalmente dedico esta obra aos meus pais, irmãos e a toda a minha família, à minha namorada e à maravilhosa família dela, aos meus grandes chefes, aos meus amigos e, em especial, aos meus queridos avôs paternos, que já tive perto de mim e hoje moram longe, à minha amada avó materna e ao meu eternamente insubstituível avô materno, que nos deixou muito cedo, mas que vigia e orienta, lá de cima, com zelo, cuidado e amor, cada passo meu.

Este livro é resultado de oito dias de permanência em Cruz Alta, com idas diárias ao presídio; é resultado de 11 horas, 41 minutos e 21 segundos de entrevistas; de 87 páginas de entrevistas transcritas integralmente, totalizando, em 12 arquivos, 630kb; de 653 fotografias produzidas (incluindo as repetidas, tiradas por segurança); de pouco mais de quatro meses de produção intensa aliada, na rotina diária do autor, às suas atividades profissionais, aos trabalhos de outros componentes curriculares cursados e a diversas outras atividades em seu cotidiano; e de um arquivo final de texto que consumiu representativos 284kb. Mas, acima de tudo, é resultado do objetivo do autor de que seu trabalho de conclusão de curso fosse um grande desafio (e como esse objetivo foi alcançado); é resultado da disponibilidade da administração do presídio e da massa carcerária; e, finalmente, é resultado do ímpeto do autor e da generosidade, da compreensão e do gigantesco apoio que ele recebeu de todos os que o rodeiam e fazem parte de sua vida.

Apresentação

Concordo com o sentimento geral de que quem comete ações criminosas deve pagar por isto, dentro de tudo aquilo que as leis criadas pelos homens, e formalizadas, determinam. Porém, até onde eu sei, uma pessoa não deixa de ser um ser humano, igual aos outros, a partir do momento em que cruza pela porta de um presídio.

Não vi nenhuma lei reger isto, mas não é preciso: muitas pessoas já alimentam dentro de si este sentimento de diferenciação sem haver a necessidade de que uma lei assim o determine. Considero isto equivocada, ter um pensamento assim. Sei que a situação de ser vítima de um crime, testemunhá-lo ou ler a respeito causa revolta, inconformidade, mas avalio que não se pode fazer com que, depois que um indivíduo adentra um presídio, seja eternamente esquecido por aquela sociedade que um dia o acolheu e na qual ele um dia esteve. Naturalmente, há pessoas que iniciam sua trajetória no crime já quando pequenas e a conduzem por toda a vida, e estes são indivíduos que demonstram não querer um outro caminho. Mas boa parte daqueles que num momento têm coragem de cometer um crime tem a mesma coragem de, em outra fase de sua vida, talvez pautada por uma reflexão profunda, fazer com que sua trajetória tome um caminho diferente. Sim, mudar de vida, mudar de pensamentos, rever concepções, isto é um ato de coragem — seja do preso ao querer dar outro rumo à sua existência ou daquelas pessoas que, depois de refletirem, deixam de alimentar um grande preconceito contra a massa carcerária existente no País.

Geralmente ouvimos falar dos personagens deste trabalho e de outros tantos milhares Brasil afora quando eles cometem os crimes, quando são presos, quando são julgados, ou diante de qualquer outra situação negativa que envolva a atividade criminosa. Analiso que a intensidade e rapidez com que estas notícias chegam ao nosso conhecimento diariamente são as mesmas com que a sociedade acaba esquecendo a existência destes indivíduos. E depois? O que ocorre com eles, com sua vida, com sua rotina, com seus pensamentos, com suas opiniões, com suas visões e análises à medida que os anos vão passando?

Com isto, defino o objetivo desta produção como o de dar voz àqueles que não têm voz. Este é o trabalho de conclusão de curso (TCC) que põe fim à minha graduação em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e, nele, munido do meu roteiro de questionamentos, gravador, caneta, caderno e câmera fotográfica, busquei reunir tudo o que aprendi até aqui para ouvir de nove internos do Presídio Estadual de Cruz Alta (Peca), também no Noroeste gaúcho, as suas opiniões, seus desabafos, suas concepções, o modo como analisam a sociedade, o que pensam do mundo em termos de oportunidades, como era sua vida e o que idealizam para seu futuro — e, é claro, conhecer as suas histórias. Reconheço que é difícil crer que quem recém cometeu um crime e parecia tão decidido ao fazê-lo pense já de imediato em uma vida diferente. Mas nada, absolutamente nada impede que os pensamentos mudem com o passar do tempo e se queira uma nova vida — e neste livro-reportagem você testemunhará isso, de maneiras que até, imagino, vão surpreendê-lo.

Moro em Panambi e permaneci em Cruz Alta, na produção do trabalho, de 8 a 15 de fevereiro de 2013, com idas diárias ao presídio. Antes de 12 de outubro de 2011, Dia das Crianças, eu nunca tinha estado em uma casa prisional. Naquele dia, depois de um contato prévio com o administrador-geral do Peca, Edison Valmor da Silva Mello, meu chefe do meio de comunicação em que trabalho e um amigo dele fizeram a animação musical que embalou a festa de Dia das Crianças do presídio, a qual ocorreu no pátio e teve a presença de familiares dos internos. Eu, acompanhando meu chefe e seu amigo, fiz a cobertura fotográfica da programação, em meio a todos os presentes ao evento. Foi minha primeira experiência em uma casa prisional e ali tive meus primeiros contatos com presidiários em toda a minha vida. Nós três fomos muito bem-recebidos, tanto pela administração do Peca quanto pelos

participantes da festa, que deu muito certo, foi sucesso absoluto e engrandeceu a nós três como seres humanos. Depois deste agora tão longínquo dia de 2011, e após a receptividade que tivemos, e após as conversas que tive com os internos, e após ver o quão humanamente é conduzido o Peca, fiquei com o sentimento de que minha passagem por lá não poderia se resumir a apenas um dia, a apenas uma programação, por mais sensacional e intensa que ela tivesse sido. Ou seja, passei a alimentar o sentimento de que *deveria* criar a oportunidade de produzir um trabalho mais aprofundado lá dentro. No momento nem me dei conta tão rapidamente disso, mas depois me veio a luz: pronto, estava definido o tema de meu TCC. (Depois deste primeiro evento, fomos convidados novamente para marcar presença em uma festa do presídio, a de Natal, em 2012, e desta vez uma comitiva panambiense um pouco maior se deslocou até lá, e desenvolvi o mesmo trabalho de realizar o registro fotográfico.)

Está preservado, ao longo deste livro, o direito dos presos de não ter imagens de seu rosto divulgadas e de ter seus nomes preservados. O nome deles foi substituído por um fictício — mas suas histórias reais se mantêm, naturalmente. Havia, a partir dos contatos tidos nos dois trabalhos realizados anteriormente na casa prisional, uma ideia inicial de alguns internos que poderiam vir a ser entrevistados para compor o livro-reportagem. Porém, os nomes a que se chegou partiram de três situações principais: critérios específicos do perfil do entrevistado — por tipo de crime, histórico, idade e em alguns momentos o sexo —, nomes e histórias mencionados a partir das conversas diárias com a administração do presídio e com a equipe de segurança e, também, ideias que surgiram durante as próprias entrevistas.

Reitero que este livro não objetiva reivindicar eventual inocência deles ou torná-los mais culpados do que são por seus crimes — tudo isso cabe tão somente à Justiça definir. Não se espera, com este trabalho, que haja uma revolução naquilo que a sociedade pensa sobre presidiários ou antigos presidiários. Mas certamente haverá uma reflexão, e é isso o que se procura alcançar. E, como não poderia deixar de ser, além de buscar levar essa reavaliação de pensamentos ao público, espera-se, também, que o trabalho leve novas perspectivas aos próprios presos. Não só àqueles que participaram do processo de produção do livro, os entrevistados, mas, também, a todos os que estão reclusos lá dentro e, de repente, não alimentam neste momento muitas perspectivas futuras. O objetivo é o de que os depoimentos de seus próprios companheiros de presídio — ou, às vezes, de cela mesmo — possam servir como estímulo para, eventualmente, uma virada futura em sua vida.

Concluo dizendo que não fui exatamente eu quem escreveu este livro. Do pai de família de 41 anos que por conta das prisões não viu nenhum de seus quatro filhos nascer ao apenado que estuda fielmente a obra de filósofos como Friedrich Nietzsche, Artur Schopenhauer e Immanuel Kant, foram eles, os personagens entrevistados, quem redigiu esta obra, por meio de depoimentos ora extremamente centrados, ora em forma de desabafo, ora indignados, ora emocionados — mas, acima de tudo, depoimentos, em sua maior parte, muito humanos.

Desejo-lhes uma boa leitura.

O autor

Importante

- Nas entrevistas publicadas neste livro, quanto às normas gramaticais, buscou-se manter a fidelidade e o aspecto original da linguagem coloquial e cotidiana presente nas conversas entre o autor e as fontes;
- Em relação aos apenados e familiares entrevistados, todos os nomes que constam nesta obra são fictícios e não devem servir como referência a algum aspecto da realidade.

CAPÍTULO 1 – Idades diferentes, trajetórias parecidas

Ele sabe muito bem o dia em que tudo recomeçou: 24 de janeiro de 2009. Mas não sabe — ou sabe muito pouco — o que é participar ativamente da criação dos seus quatro filhos, estar ali no dia a dia, estar presente, acompanhar, levar à escola, ajudar nos deveres do colégio, jogar futebol no pátio de casa. Situações simples e corriqueiras para um pai de família que leva uma vida dita “normal” — mas praticamente inimagináveis para um homem de 41 anos que até agora passou a maior parte de sua existência recluso em casas prisionais.

Chances de fazer esta história se desenrolar de uma forma diferente ele teve, e isto ele reconhece, mas igualmente reconhece que foi ele mesmo que as desperdiçou. Quando elas apareciam, ele voltava a cometer os mesmos equívocos.

— Estou preso por causa de 2 pila (2 reais)! — lamenta, transmitindo um ar de inconformidade consigo e com a atitude que definiu o seu retorno ao regime fechado e o aumento da pena.

Ele acumula crimes como tráfico de drogas, roubo, assalto e receptação. Antes desta nova condenação, por tráfico, ele estava pagando uma pena de 21 anos. Destes, faltavam dez a cumprir. Mas pegou mais 11 anos depois daquele fatídico dia.

Natural de Cruz Alta, Álvaro estava no regime semiaberto antes de retornar ao regime fechado e usufruía os benefícios do trabalho externo, trabalhando como pedreiro. Nos dias úteis, saía do Presídio Estadual de Cruz Alta (Peca) às 7h, trabalhava ao longo do dia e retornava para a casa prisional às 21h, para nela passar a noite. Nos sábados, saía às 7h e precisava se reapresentar às 13h30min, para, então, passar o restante do fim de semana no presídio e recomeçar a rotina às 7h da segunda-feira.

Entre idas e vindas e alternância de regimes, ele está desde 1992 no Peca.

Assim como a cadeia, a maconha também foi uma companheira fiel de Álvaro ao longo da vida. Ele diz que, embora tente, ainda não conseguiu se livrar completamente dela. Analfabeto — só sabe assinar o nome —, ele conta que já aos 12 anos foi encaminhado à antiga Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), hoje Fase (Fundação de Atendimento Socioeducativo), de Porto Alegre, por ter roubado o toca-fitas do carro de um juiz em Cruz Alta.

— A minha vida, a minha vida... como é que eu vou dizer pro senhor... Desde menor eu estou nessa vida, sabe. Não tinha pai, não tinha quase ninguém, sabe, e me criei solto por aí. E infelizmente fui pra Febem com 12 anos, e daí lá eu aprendi o que não devia. Se eu contar a minha vida do começo ao fim, dá um livro.

“Aprendi o que não devia”, ele explica, significou, para Álvaro, fumar maconha, roubar, assaltar, “ser um criminoso, como se diz, porque lá tinha piazinho de 10 anos com um homicídio nas costas”.

— Eu não sabia assaltar. Aprendi na Febem — relata Álvaro, um homem razoavelmente alto, corpulento, de pele morena.

E aprendeu mesmo. Ficou aproximadamente oito meses recluso e então conseguiu fugir. Diz ter se perdido pelas ruas, pelos perigos, pelas armadilhas, pelo cotidiano de Porto Alegre. Alimentava-se do lixo. Ficou quase um ano à mercê do que poderia lhe acontecer nas ruas da Capital.

— Daí tive que aprender a roubar, né. Foi aí que eu aprendi a vida do crime.

Segundo ele, os primeiros dias nas ruas de Porto Alegre foram de... muitas surras. Surras. Apanhar a ponto de ficar desmaiado na rua e as pessoas o juntarem e o levarem ao hospital. Depois, roubando, conhecendo jovens que o ensinassem o que fazer, ele começou a juntar um dinheiro e a ter condições de pelo menos passar a noite em uma pensão, da “dona Gringa”, como ele conta.

Uma de suas atividades na Capital era roubar cordões de ouro e óculos e, depois, vendê-los a camelôs. Porém, além de roubar, ele também foi bastante roubado. Muitas vezes, quando um ladrão conseguia ver que Álvaro havia roubado algo, acabava subtraindo-lhe o objeto.

Mas, é claro, estando todos os dias nas ruas de Porto Alegre, não foi apenas a roubar que Álvaro aprendeu. Foi na Capital que ele teve seus primeiros contatos com as drogas. Álvaro se recorda de que, além da maconha, também consumiu o “cheirinho da loló”, que é usado como inalante e em sua composição reúne acetona, querosene e clorofórmio, entre outros.

A partir deste contato com os camelôs, das conversas que tinha com eles, Álvaro acabou transmitindo-lhes a sua insatisfação e o seu receio de viver desta forma em Porto Alegre. Afinal, na verdade, ele era um menino do interior que de uma hora para outra se viu obrigado a aprender a viver — ou a sobreviver — em um grande centro. Por mais que os roubos lhe rendessem alguma coisa financeiramente, ele vivia, inegavelmente, em perigo.

— Até chorar, muitas vezes, eu chorei, eu não aguentava mais Porto Alegre. Eu senti que lá iria morrer, era muita coisa pra minha cabeça — recorda-se.

Numa destas conversas com os camelôs, Álvaro relatou a um deles a sua história, seu sofrimento na Capital, suas angústias, sua agonia — enfim, o seu desejo de voltar para casa, para Cruz Alta. Um deles disse que conseguiria ajudá-lo a comprar a passagem de ônibus para o então garoto, e ambos combinaram um horário para Álvaro levar o dinheiro. O garoto retornou ao local no horário marcado, mas o camelô não estava lá. Na manhã seguinte, voltou ao mesmo local e novamente não obteve sucesso.

Um amigo do camelô o substituía, e contou para Álvaro que o comerciante havia se acidentado de moto. Só iria retornar dali a 30 dias. Esse era o tempo que o então garoto deveria esperar.

Pouco mais de 20 dias depois, o camelô estava de volta lá, mas, ocupado, disse para Álvaro que não poderia levá-lo à Estação Rodoviária de Porto Alegre, pois precisava resolver seus negócios. O garoto praticamente implorou que o comerciante o ajudasse. Falou da sua vontade de voltar para casa e da saudade que sentia da família. O comerciante, enfim, concordou. De acordo com Álvaro, o camelô já estava com o dinheiro que o garoto havia lhe dado para a passagem e, mesmo assim, se propôs a pagar do próprio bolso e devolver os recursos de Álvaro — mas o garoto respondeu que não queria o dinheiro de volta e, sim, retornar para Cruz Alta, o quanto antes.

O comerciante, então, pediu que uma tia sua acompanhasse o menino na Estação Rodoviária. A mulher comprou a passagem de Álvaro. Porém, menor de idade, ele não poderia viajar sozinho, desacompanhado, sem um responsável. Foi então que a tia do comerciante lhe ensinou uma tática, uma malandragem.

Para o plano dar certo, ela comprou bananas e bolachas para o menino e entrou no ônibus para visualizar quem estava sentado nas poltronas do veículo.

— Ela me ensinou: “Senta do lado daquela senhora, ela está sozinha. Oferece alguma coisa pra ela e chama de vó”. Então veio um cara conferir as passagens e bem na hora eu perguntei pra ela: “Vó, a senhora quer comer alguma banana, uma bolacha?”. Deu certo, ninguém suspeitou de mim, e eu consegui chegar em casa.

Álvaro diz que desceu do ônibus, em Cruz Alta, chorando.

— Fiquei um ano e pouco perdido na Capital, já estava com 13 anos. Eu nem sabia que tinha feito aniversário — conta, relatando que, após o seu retorno para a cidade natal, sua mãe conseguiu um alvará no Fórum de Cruz Alta, o livrando da pena a cumprir na Febem.

Em Cruz Alta, onde voltou a residir com a sua mãe, que hoje está bem doente, ele passou a trabalhar como entregador de um jornal da cidade. Seu pai, que o abandonou quando

a criança tinha 2 anos, Álvaro só foi conhecer quando tinha 18. Quando Álvaro tinha 23, seu pai faleceu.

Álvaro ficou trabalhando por um tempo, mas depois voltou a andar, agora em Cruz Alta, com companhias barra-pesada. Ele relata que se juntou a uma quadrilha e que começaram a cometer roubos. Depois de assaltarem uma casa, Álvaro, com 15 anos, voltou à Febem. E ele lamenta ter voltado ao regime fechado do Presídio Estadual de Cruz Alta por conta de 2 reais porque este foi o preço pago por um cigarro de maconha que ajudou a acabar com a sua permanência no semiaberto. Como nos sábados ele precisava se reapresentar no presídio às 13h30min, ele aproveitava para, por volta das 13h, comprar um cigarro de maconha na casa de um traficante, fumar rapidamente e depois voltar ao presídio. Só que, naquele 24 de janeiro de 2009, a polícia fez uma batida na casa do traficante e flagrou Álvaro lá, comprando a mercadoria. Dali, foi direto para a delegacia, e, de lá, direto para o regime fechado, mais uma vez.

— Se eu digo que eu era só usuário, os caras tinham me liberado.

Em um dos assaltos a supermercados a que o jovem Lucas assistiu como uma das vítimas, ele tinha apenas 11 anos. Hoje com 19, o garoto diz que naquelas situações, no começo delas, nem sabia que se tratava de assalto. Só vinha a entender depois.

Hoje, é por roubos e assaltos que ele acumula passagens pelo Peca. Quando da entrevista, estava recluso provisoriamente, por um roubo a pedestre, à noite, a mão armada, cometido com mais três comparsas e objetivando subtrair dinheiro da vítima. Estava sob efeito de cocaína. Em consequência de seu ato, voltou ao presídio no dia 11 de janeiro deste ano. Ele nunca foi condenado, nunca teve uma sentença contra si. Entrava no presídio, depois era liberado e acabava voltando; entrava no presídio, depois era liberado e acabava voltando.

— Agora não sei mais se não vai me embaçar um pouco, por eu ser reincidente. Eu já vim quatro vezes, né, e agora acho que vai dar uma embaçada — diz, sobre seu futuro próximo.

Antes de ser preso, Lucas tinha o sonho de arrumar uma namorada, trabalhar, ter um filhinho e cuidar da sua mãe. Na verdade, quando se refere à sua mãe, ele não está falando da mulher que o gerou, e, sim, da que o criou: sua avó paterna.

— Minha mãe biológica me abandonou quando eu tinha uns 2 anos de vida. Foi a minha vó paterna que me criou. É ela que eu chamo de mãe. Não considero a outra mãe, porque quem me criou foi a minha vó — explica o jovem, que tem três irmãos em Cruz Alta e outros três em Porto Alegre. Ele é o mais velho.

E esta sua avó paterna, ou sua mãe, mora em Cruz Alta e é a única familiar que vai visitá-lo no presídio. Sempre que pôde, em todas as visitas ela estava presente, mas agora está com um nódulo no joelho e tem ido ver o neto, ou o filho, com menor frequência.

Baixo e franzino, Lucas tem a pele morena e usa um moicano, cheio de estilo, e que parece ser arrumado com bastante cuidado. O aspecto de seus braços e de suas mãos não deixa mentir sobre a pouca idade que tem. Se visto na rua, ele poderia ser facilmente avaliado como daqueles guris que gostam bastante de jogar futebol e que, franzinos, são leves, velozes e de drible fácil. Sobre gostar de jogar futebol, a expectativa de quem pensasse isso sobre ele se confirmaria: o garoto revela que joga todas as tardes, durante o banho de sol da massa carcerária. E a entrevista transcorreu durante parte do horário deste momento de lazer dos presos, e, depois da conversa, foi para lá que ele se dirigiu, correndo, tentando chegar a tempo de ainda jogar bola.



Lucas, 19 anos, foi abandonado pela mãe biológica aos 2 e acabou sendo criado pela avó paterna. Na sua vida, acumula roubos e assaltos em Porto Alegre e Cruz Alta

Apesar de seus 19 anos, Lucas tem um vasto currículo de vida. Pode-se dizer que viveu de tudo um pouco. Ele nasceu em Porto Alegre e, diante do abandono da mãe biológica, foi, aos 2 anos, morar com a avó paterna em Cruz Alta. Quando o garoto tinha 7 anos, seu pai foi morto na Capital. Quando tinha 9, um tio seu que trabalha com cavalos de carreira o levou — e também levou primos de Lucas — para morar com ele no jôquei clube de Cruz Alta, na tentativa de descobrir no menino um talento para corridas de cavalo.

Ele diz que ganhou títulos como jôquei e que disputou competições em diversas cidades, até mesmo Florianópolis. Lucas morou no jôquei clube até os 16 anos — e foi nesse meio-tempo que fez escolhas erradas, se assim podemos dizer, que o acompanharam até ele chegar aos acontecimentos mais recentes de sua vida. Foi por volta dos 14 anos que ele começou “a se soltar no mundo”, como diz, depois de ter começado a “se entrosar com a malandragem”, em suas palavras. Começou cheirando cocaína, depois conheceu o *crack* e hoje afirma só fumar maconha. Deixou o jôquei clube por preferir a outra realidade que vivia à rotina de treinamentos.

— Conheci as drogas pelas amizades. São as amizades que arrastam o cara pra essas porcarias. Nunca mais consegui voltar à mesma pessoa que eu era antes — revela. — Eu era um guri que não tinha maldade com ninguém. Depois que passei a usar drogas, comecei a pensar diferente, querer ter dinheiro, armas e coisarada. Tudo por causa das drogas. Se não fossem as drogas, eu seria um cara trabalhador, estaria até hoje na rua estudando. — complementa.

Muito mais do que o consumo de drogas, chamam a atenção, na história de Lucas, outros capítulos, como a ousadia em alguns assaltos e um determinado método utilizado para garantir sua sobrevivência.

Durante a adolescência, Lucas chegou a voltar a morar em Porto Alegre, com um padrinho. Sua avó continuou morando em Cruz Alta. O garoto levava a mesma vida que

conheceu por volta dos 14 anos — assaltos, drogas, amigos barra-pesada, péssimas influências.

Com 16 anos, se envolveu em seu primeiro ritual de saravá, que é executado por mães de santo. O objetivo do ritual é proteger a vida daquele que se propõe a fazê-lo, livrá-lo de qualquer tipo de perigo.

— Mas o que essas mães de santo prometem para a vida da pessoa se ela fizer o ritual? — eu pergunto.

— Elas não prometem nada, é uma segurança de vida que o Diabinho faz contigo. É um pacto — responde Lucas.

Ele diz ter feito dois rituais, sendo um em Porto Alegre, pelo qual pagou 7 mil reais, e outro, aos 17 anos, depois que voltou a morar em Cruz Alta, no qual gastou 12 mil. Tudo dinheiro obtido dos roubos e assaltos.

— Eu não acreditava em saravá, fazia porque meus amigos falavam que tinha que fazer senão iria ser morto.

O jovem enfatiza que sua crença, na verdade, está em outro ser, que Lucas até chama por outro nome. Um nome bem particular.

— Com o saravá, eles te dão uma corrente pra ti usar, que é a tua proteção, teu guia. Eles dizem que se tu levar uns tiros tu pode escapar por causa daquela corrente. Eu já escapei de um monte de tiros, mas eu proponho que foi uma coisa maior que me protegeu, eu proponho que foi Deus que me tirou desse caminho, pra eu não morrer. Nas horas ruins, em todas as horas, quando teve tiros, foi Deus que me ajudou. Pedia pra ele em oração pra me ajudar e me livrar dessas coisas. Das balas... Dos acidentes... Dos acidentes de moto, de carro, quando eu fugia e a polícia vinha atrás, em perseguição. Ei, tá louco. De um monte de coisas já me tirou o Pai Véio. E eu acredito muito em Deus, cara. Acredito muito em Deus. Esses saravás aí não me ajudaram em nada, só destruíram minha vida. Então é por isso que hoje eu só agradeço a Deus.

A primeira vez em que Lucas entrou no Presídio Estadual de Cruz Alta foi decorrente de um assalto a um minimercado — que ele invadiu sozinho e de onde fugiu, posteriormente, com um malote de dinheiro — e de, depois, terem encontrado com ele dez quilos de *crack*. O garoto, então com 18 anos, residia em Porto Alegre e era envolvido num morro onde moravam traficantes. Ele conta que era o mais novo de todo esse pessoal. Um mandado de prisão fora expedido e ele já tinha uma intimação para comparecer ao Fórum de Cruz Alta. Lucas voltou de Porto Alegre à sua cidade atual como preso.

Quatro assaltos, especificamente, vêm à mente com facilidade para Lucas — não, não que ele se orgulhe disso; é por causa do modo como se desenvolveram, é por causa das vítimas que sofreram a ação, é por causa dos locais em que ocorreram, é por causa da ousadia com a qual, hoje, ele mesmo se impressiona por ter tido. Dois assaltos foram cometidos sozinho, e outros dois com comparsas. Segundo ele, foram dos seus 18 anos em diante.

Passar alguns dias frequentando a prisão e ouvir os relatos, as histórias, as concepções de mundo e os desejos das pessoas que lá estão reclusas faz com que em pouco tempo sejam aprendidas gírias e expressões características de tal ambiente e, como pude perceber, do mundo do crime. Por exemplo, ao ouvir alguns relatos de assaltos e conseguir compreender toda a linguagem que estava sendo usada — sejam sem expressões características ou com expressões que, pelo contexto, eram possíveis de entender —, nunca cheguei a imaginar que a palavra “cachorro” tivesse, no mundo do crime, o significado que tem.

Esta foi uma das expressões que eu aprendi, depois de ouvir Álvaro e Lucas frisarem que, nos assaltos que cometiam, não agrediam ninguém fisicamente. Eles até transmitiram certo repúdio por agressões, principalmente as cometidas durante atos assim. Matar, então, nem pensar, segundo disseram. Álvaro contou que, além de nunca ter agredido as vítimas durante suas ações, também nunca usou revólver ou algum outro tipo de arma. No máximo, era só no “cachorro”. Já Lucas relatou que, daqueles quatro assaltos, dois foram a mão armada e outros dois no “cachorro”.

— Cachorro? — eu indago, com um ar de estranheza.

— Sim. É fingir que tu tá com uma arma por baixo da camiseta — explicou Lucas. Para isso, além da mão, também um boné ou qualquer outro objeto que dê volume na camiseta para quem vê de fora já serve para assustar.

Outra gíria que ouvi bastante durante as entrevistas foi “puxar cadeia”. Para esses que a adotam, se uma pessoa, por exemplo, passou cinco anos presa, ela “puxou cinco anos de cadeia”. Se ela tem mais oito anos a cumprir, “vai puxar mais oito anos”, assim como um cigarrinho de maconha é um “bau” e LSD é o “doce”. E, também, ladrão que rouba de pobre em vez de roubar de rico é “chinelo”.

— Em vez de ajudar os pobres, esses chinelos tiram dos pobres. Vários morreram assim aí na banda — diz o garoto.

O primeiro destes quatro assaltos cometidos por Lucas foi aquele a um minimercado, em Porto Alegre, e que resultou na sua primeira entrada no Peca. Os outros três foram em Cruz Alta. No primeiro destes em Cruz Alta, também sozinho, invadiu uma loja situada perto da Praça da Matriz e diz ter levado 12 mil reais.

Já o segundo e o terceiro assaltos em Cruz Alta foram com comparsas — três em uma das ações e os mesmos três em outra. Dois dos comparsas também estão presos no Peca e o outro está na rua. Neste segundo assalto na cidade, entraram em uma mansão. No terceiro, abordaram na rua um homem que eles sabiam que transportava uma quantia considerável. No intervalo destes quatro assaltos, foi preso, liberado, preso, liberado, preso, liberado, e agora está preso novamente, depois do quarto.

Da invasão à mansão, eles saíram com dinheiro, joias, ouro, relógios, correntes, brincos, câmera digital, notebook e filmadora, entre outros. Fizeram uma limpa.

— Foi de manhã, e na casa estava um casal e a empregada. Os filhos não estavam, estavam no colégio. Chegamos de carro e deixamos ele um pouco distante, com as portas abertas, pra caso desse alguma coisa a gente ganhar tempo pra fugir. Nós quatro estávamos armados. Eu fui na frente e eles vieram me dando cobertura. Eu comecei a pegar as coisas da casa e os outros três ficaram cuidando os reféns — relata o jovem.

A conversa com Lucas alternou momentos. Algumas vezes, suas respostas se limitavam a englobar somente aquilo necessário para suprir os questionamentos feitos ao longo das perguntas. Noutras, ele ia muito mais além e fornecia uma série de outros detalhes, opiniões, avaliações, constatações. Lucas tinha uma fala rápida e, por vezes, precisava gesticular com os braços algemados para transmitir o que tinha em mente ou explicar as situações que narrava.

Aquelas tradicionais recomendações que constantemente ouvimos — ou lemos, ou assistimos — de especialistas em relação ao comportamento que a vítima deve buscar ter durante um assalto são corroboradas pelo depoimento de Lucas. Ou seja, para ele, o importante é a vítima não reagir e procurar não transmitir pânico ao assaltante. Analisando

tanto o comportamento da vítima quanto o do assaltante, Lucas fez estas colocações ao frisar que em todos os assaltos que fez nunca machucou ninguém.

— Eu não gosto de prevahecimento, não gosto de machucar as pessoas. No assalto àquela mansão, eu só falei: “Fiquem quietos, que eu não vou fazer nada pra vocês, só queremos o dinheiro e as coisas”. É tentar acalmar a vítima. Se deixar a vítima apavorada é pior, sabe. Apavorar ela, botar a arma e falar pra ela “Eu vou te matar”; não é assim. Num assalto tem que falar pra pessoa ficar calma ou que, senão, tu vai se obrigar a dar um tiro. Tu não quer dar um tiro nela e ela não quer levar o tiro. Se ela deitar e fizer um escândalo, tu vai ter que dar um tiro nela, pra ela calar a boca. Mas se ela não fizer isso e tu tentar acalmar ela só na voz, tudo bem. Por que é que dão essas mortes, essas loucuragens nos assaltos? Porque as vítimas não se ajudam, elas se apavoram. Todo mundo se apavora na hora em que tem uma arma na cabeça, mas a maioria dos assaltantes vai tentar te acalmar. A regra do vagabundo é assim: se tu respeitar ele na hora do assalto, ele não vai fazer nada, não vai te machucar. No momento em que tu se avançar e quiser tomar a arma dele, ele vai ter que te dar um tiro, vai ter que te dar uma coronhada na cabeça. Se tu respeitar, não tem como te matar.

Lucas considera que a permanência no presídio está lhe ensinando que o crime não é para ele e que ele não deveria estar neste caminho. Para o jovem, o presídio “não é vida pra ninguém e é uma coisa que só vai atrasar a tua vida cada vez mais”, afirma.

Ele não atribui a sua participação nas situações em que se envolveu totalmente a isto, mas analisa que a falta da criação dada por um pai, por um homem de pulso firme, contribuiu para que tomasse caminhos errados na vida — vale lembrar que, quando o garoto tinha 7 anos, seu pai foi morto em Porto Alegre e Lucas passou a maior parte de sua vida sendo criado pela avó paterna.

— Eu não tive um pai pra puxar minha orelha. E daí, no caso, não adiantou muito a minha vó me criar, porque ela não conseguia me governar. Minha vó não pôde me ajudar. Ela tentou, só que eu não quis. Eu não conseguia me ajudar, não sei. Depois que conheci as drogas, a minha vida virou um lixo — analisa ele.

Família e trabalho: é só nisso que Lucas pensa para quando deixar o presídio.

— Quando eu sair daqui, vou trabalhar. É o que eu quero. Eu poderia estar livre mais uma vez. Não me ajudei. Se eu tivesse talvez tentado me ajudar eu não estaria aqui. Eu tenho outro caminho, só que eu segui nesse caminho porque eu quis. Eu, pra mim, resolvi agora nessa última vez que vou parar com o crime. Não está ajudando em nada, é só cadeia, cadeia. Não quero mais. Eu tenho o sonho de trabalhar. Trabalhar e não procurar essas influências que eu procurava, de amigos, de lugares a que eu ia. Procurar outras coisas, outras coisas melhores, sabe, que me façam andar pra frente. Procurar uma igreja, procurar uma coisa boa pra mim. É isso que eu sonho. Sair daqui e trabalhar, seguir minha vida e ter uma família. E eu vou conseguir, né, cara. Eu sei que vou conseguir.

CAPÍTULO 2 – O presídio



O Peca, que tem 54 anos de fundação, se localiza na rua Coronel João de Deus

Aberto em 1959 e administrado pela Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe), o Presídio Estadual de Cruz Alta é o único da cidade e se localiza na rua Coronel João de Deus, na Vila Militar. Segundo o mais recente relatório estatístico elaborado pelo Infopen (Sistema Integrado de Informações Penitenciárias) — o Infopen é um software do Ministério da Justiça que faz a coleta de dados do sistema carcerário brasileiro, visando à integração dos órgãos penitenciários de todo o País —, de dezembro de 2012, a capacidade do Peca é de 148 presos. Hoje, comporta 211 homens e 19 mulheres, totalizando 230 pessoas, número que, naturalmente, se alterna com bastante frequência, com a entrada e saída de presos. Esta é uma superlotação considerada “aceitável”, se assim podemos dizer, pela administração do presídio. Destes 230, 52 estão presos provisoriamente e 98 estão no regime fechado, 15 no semiaberto e dois no aberto. Além disso, há aqueles que estão no regime semiaberto e têm emprego fora do presídio — o chamado trabalho externo —, que são 35, e, ainda, os que cumprem pena no regime aberto e também trabalham externamente, que somam 17.

O terreno em que se localiza o Peca tem 20 mil metros quadrados. De área construída, são 1.240 — para o futuro, pensa-se em implantar um albergue em parte do terreno livre, mas nada certo. São 20 celas na galeria, na qual há três da ala do seguro, onde ficam, por exemplo, presos por estupro ou pedofilia, ou que têm desavenças com os outros. Separadas da galeria, há as quatro celas femininas, uma daquelas que trabalham no presídio e um alojamento para os que têm trabalho externo, que são os 35 do semiaberto e os 17 do aberto.

O presídio está parcialmente interditado desde junho de 2008, após pedido do Ministério Público aceito pela então juíza da Vara das Execuções Criminais da cidade, Andrea Cenne. Na época, a capacidade era de 90 presos e o estabelecimento abrigava em torno de 240 — além da superlotação, o Ministério Público afirmava haver más condições de

estrutura e de higiene. O presídio recebia normalmente presos oriundos, além de Cruz Alta, também de Panambi, Santa Bárbara do Sul e Ibirubá, e a medida inibiu esta possibilidade e objetivava, também, que gradativamente fosse feita a transferência de presos para outras instituições, até o estabelecimento abrigar em torno de 190 pessoas, número então considerado aceitável pela juíza. Porém, nos últimos anos, o Peca sempre alternou o número de internos entre, aproximadamente, 220 e 240. A interdição parcial se mantém e a maioria das pessoas de Panambi, Santa Bárbara do Sul e Ibirubá é diretamente encaminhada à Penitenciária Modulada de Ijuí — algumas poucas vezes, ao Presídio Estadual de Espumoso —, de modo que hoje poucos apenados não são oriundos de Cruz Alta. Vendo-se imagens de 2008 e as comparando com o momento atual do estabelecimento, é bastante perceptível a evolução que ele teve na sua estrutura física, as melhorias que foram feitas nas instalações.

Há duas cozinhas no Peca: uma para as equipes administrativa e de segurança e outra para os próprios presos. Nas duas, quem trabalha são apenados — preparando as refeições, lavando e secando as louças —, dentro do seu direito de remição de pena, em que, a cada três dias trabalhados, um dia é reduzido do período final em que ficarão reclusos. Esta cozinha para os presos se localiza junto ao corredor da galeria de celas, chamada, simplesmente, de galeria por todos os que estão no presídio, e são os próprios internos que, com a ajuda de um carrinho, levam a alimentação à massa carcerária, de cela em cela. E trabalhar nas cozinhas é apenas uma das possibilidades que eles têm de usufruir o direito da remição de pena: ainda há, por exemplo, padaria, produção de sacos de estopa — uma empresa fornece o material e depois faz a retirada das estopas produzidas pelos apenados —, artesanato nas celas, trabalho no almoxarifado, na limpeza e na manutenção do presídio, e também o estudo no Neeja Josino dos Santos Lima. A sigla significa Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e, no presídio, é oferecido o ensino fundamental.

No Neeja Josino dos Santos Lima, que tem como diretora Ana Cláudia Pinto Stefanello e como agente educacional Roberto Felipe Santos da Silva, o apenado ganha um dia de remição de pena a cada 12 horas de aula. De funcionamento diário, o núcleo tem como horários padrão 8h às 12h e 13h30min às 17h30min, mas estes são horários que, devido à rotina do presídio, com as visitas, banhos de sol e outros, dificilmente são cumpridos à risca. Em fevereiro, havia 56 internos autorizados a cursar o Neeja, mas, de fato matriculados, eram 20. E, destes 56, muitos já tinham até o ensino médio completo, mas mesmo assim dispunham do direito de fazer o curso e assistir às aulas.

Em vez de anos ou séries, o Neeja se divide em totalidades. A totalidade 1 corresponde à 1ª e à 2ª séries do ensino fundamental, e a totalidade 2, à 3ª e à 4ª séries. A totalidade 3, à 5ª série; a 4, à 6ª; a 5, à 7ª; e a totalidade 6 corresponde à 8ª série. Roberto diz que a totalidade 1 consiste basicamente no processo de alfabetização, e depois têm início as disciplinas mais específicas — língua portuguesa, ciências, educação física, geografia, história e matemática; o núcleo tem, também, um laboratório de informática. E, em se tratando de aulas, sempre existem os estudantes mais interessados e os menos. No caso do Neeja Josino dos Santos Lima, há alunos que querem aproveitar esta oportunidade para futuramente, também com o ensino médio concluído, cursar uma faculdade; já outros frequentam as aulas apenas para obter a remição de pena.

— Se um ou dois de cada dez conseguirem concluir o ensino fundamental, ter algum proveito, já será uma grande coisa. Não trabalhamos com números, mas com qualidade. E se esses 20 matriculados conseguirem ir levando, e continuarem frequentando as aulas, já será um sucesso — analisa o agente educacional.



Produção de artesanato nas celas é uma das alternativas de remição de pena

O administrador-geral do Peca, Edison Valmor da Silva Mello, está há dois anos e um mês no cargo e tem 18 anos de Susepe, além de, anteriormente, ter sido policial militar por outros oito anos. A casa prisional tem cinco pessoas na equipe administrativa e, na segurança, são 16 agentes penitenciários lotados. Em média, atuam cinco agentes por dia, que trabalham por 24 horas e folgam 72. Quanto a psicólogos e assistentes sociais, Edison relata que tempos atrás houve profissionais lotados na casa, que atuavam diariamente, mas que o fato de na maioria das vezes eles não serem originários nem residirem em Cruz Alta sempre dificultou qualquer ideia de continuidade que viessem a ter em relação a este trabalho — frise-se que as dificuldades no processo de continuidade não eram vistas como um empecilho por parte da administração, e, sim, por parte dos próprios profissionais. Hoje, não há um acompanhamento diário de psicólogos ou assistentes sociais, mas, assim como no caso de enfermidades, sempre que se faz necessário, a administração realiza o encaminhamento e o apenado é atendido. Geralmente, quando o presídio recebe a visita de psicólogos e assistentes sociais, é para casos específicos, como a progressão de regime — por exemplo, do fechado para o semiaberto —, com entrevistas já requisitadas pelo juiz, objetivando se estabelecer uma análise criteriosa das reais condições do preso de retornar ao convívio em sociedade.

Tanto a equipe administrativa quanto os agentes penitenciários conhecem muito bem praticamente todos os apenados que estão lá reclusos, algo que resulta da relação de anos de convívio. No período de captação das entrevistas deste livro, em fevereiro de 2013, na maioria das vezes, as conversas entre administração/segurança e presos foram, pode-se dizer, tranquilas, ou seja, com respeito mútuo e com as duas partes tendo conhecimento daquilo que

têm a cumprir lá dentro e de como deve ser o seu comportamento para um bom funcionamento do presídio no dia a dia.

— Nós funcionários fazemos a parte da psicologia também. Fazemos a parte do médico, a parte do professor... É bem complexo. Quando a gente sente que tem um preso com comportamento diferente, a gente chega, conversa, tenta ajudar de uma forma ou de outra — conta o administrador-geral.

Para chegar a uma situação simples que quero relatar mas que traduz muito bem essa convivência, vou explicar uma questão: a galeria de celas é separada por dois fortes portões de ferro do restante do presídio — recepção, administração, cozinha das equipes administrativa e de segurança, etc. Em frente a esses dois portões, durante o horário de movimentações da casa — das 7h às 19h —, sempre permanecem agentes penitenciários de plantão, tendo uma visão geral do corredor que divide lado esquerdo e lado direito das celas da galeria. Ou seja, estes apenados, quando em suas celas, estão totalmente distantes e afastados dos profissionais que atuam no presídio. Porém, com os presos que trabalham na cozinha destinada aos profissionais, ou que trabalham no almoxarifado, ou que trabalham na limpeza e manutenção do presídio, há uma relação direta e livre, todo dia, sem grades ou portões separando ou inibindo o contato.

E agora chego à situação que eu gostaria de relatar: este é um dos casos em que se exemplifica a relação de respeito mútuo entre as partes, e estes são apenados que contam com muita confiança dos profissionais que atuam na casa prisional. Há conversas, interação, brincadeiras, enfim, há contato, sem nenhum se colocar em situação superior ao outro ou se sentir menor do que o ser humano que está à sua frente. No entanto, é claro, não deixa de haver certos momentos de tensão, como a conferência das celas feita pelos agentes — em busca de possíveis artefatos ilegais produzidos na cadeia, oportunidade em que os agentes ficam no meio dos vários apenados que saem ao corredor para esvaziar a cela — e a contagem dos presos. Este é um momento bastante sério e durante o qual é possível perceber que os agentes buscam ter o máximo de concentração e atenção a qualquer movimento diferente que possa existir. Porém, em suma, de maneira geral, a relação percebida foi, sim, de muito respeito entre as partes, as quais demonstram, cada uma, estar cientes dos seus direitos, deveres, obrigações e limites existentes durante a rotina diária do estabelecimento.

O café da manhã é servido às 7h. A partir das 8h, os agentes penitenciários fazem a revisão da estrutura do prédio e a contagem do número de presos, para verificar se não houve nenhuma fuga ou mesmo uma tentativa, e às 11h é servido o almoço. Os banhos de sol, diários, no pátio da casa prisional, ocorrem das 9h às 11h, para os presos do seguro, e das 14h às 16h, para os outros, sejam os da galeria, ou as mulheres, ou os trabalhadores — esta separação entre os do seguro e os outros se dá por motivos quase óbvios: há uma “lei subentendida” nos presídios de que outros presos não aceitam estupradores, pedófilos ou autores de crimes bárbaros em seu convívio. Vale lembrar que, no retorno dos presos às celas após o banho de sol, é novamente feita a verificação do número de internos em cada cela. Às 17h é servido o jantar, juntamente com o café da tarde, e às 19h terminam as movimentações internas do presídio.



Partidas de futebol são uma das atividades de lazer dos presos, durante o banho de sol

Os apenados podem receber a visita de familiares em três datas por semana, sendo um destes dias o de visita íntima. Os dias normais de visita — quando a maioria opta por aproveitar com os familiares no pátio — são a quarta-feira e o domingo: para os presos do seguro, das 9h às 11h, e, para os outros, das 14h às 16h. Aos sábados ocorre a visita íntima, obedecendo aos mesmos horários e à mesma diferenciação.

Há, porém, situações em que as visitas se estendem além das duas horas predeterminadas. Existem três datas comemorativas em que praticamente toda a rotina do presídio muda, as conversas podem ser mais demoradas, e o relato sobre o dia a dia lá fora e o dia a dia lá dentro também... Nas festas de Dia dos Pais, Dia das Crianças e Natal, o pátio interno do presídio vê os primeiros convidados chegarem pela manhã e testemunha a programação se estender por quase toda a tarde, em um dia voltado à convivência familiar.

Nos dias que antecedem estes eventos, há uma grande movimentação e uma grande mobilização visando a estas festas. Presos, por exemplo, escrevem cartas a mercados, supermercados e lojas pedindo a colaboração na doação de comidas, salgadinhos, refrigerantes e brinquedos — para serem distribuídos às crianças —, objetivando proporcionar uma grande programação, a qual todos consigam aproveitar e que possa fazer não só os internos felizes com a presença dos familiares, mas, também, que as crianças se divirtam, que a família aproveite feliz. E as doações vêm, e os pedidos são aceitos, e a comunidade cruz-altense atende. Não raro, presos abrem mão de comer a carne que iria compor suas refeições ao longo de dias e dias para assá-la nas festas e dividi-la com seus familiares.

Edison diz que o Peca conta com bastante apoio da comunidade cruz-altense, que seguidamente faz doações ao presídio. O Conselho Comunitário Pró-Segurança Pública (Consepro) e o Lions Clube de Cruz Alta, por exemplo, são dois grandes parceiros da instituição — este último seguidamente viabiliza o aluguel de cama elástica e piscina de bolinhas para as crianças se divertirem nas festas. E estas programações, segundo percebe a

administração, têm proporcionado uma melhor convivência entre os apenados, ou seja, têm, de certa forma, contribuído para o andamento do dia a dia do presídio.

— Desde que estas programações tiveram início, há uns oito, ou dez anos, os presos têm mudado seu comportamento, os desconfortos entre eles diminuem, eles ficam mais unidos, até porque nos outros dias de visita vêm os familiares e eles buscam se respeitar bastante. E tudo isso também tem colaborado para a relação entre eles e os agentes penitenciários, a administração. Vamos ganhando cada vez mais confiança nos presos e podemos, por exemplo, sentir a segurança de entregar espetos e garfos para eles fazerem churrasco nestas festas — conta o administrador-geral.



Edison, 18 anos de Susepe, é o administrador-geral do Peca há dois anos e um mês

CAPÍTULO 3 – Os quatro filhos e a incansável

A vendedora Luciane tem quatro filhos: uma mulher de 22 anos — casada e mãe de uma criança de 1 ano e 10 meses; mora com o marido —, dois garotos de 17 e 12 anos e uma menininha de 3. Hoje com 37 anos de idade, Luciane reside em um bairro pobre de Cruz Alta e obtém sua renda a partir da venda de lingerie e outras roupas. Também, por meio de catálogos, vende produtos de uma marca tradicional de cosméticos — é a chamada consultora. Com a venda de lingerie, ela diz tirar um pouco mais de 200 reais por mês. A venda de cosméticos rende bem menos, pois ela ganha somente a porcentagem da comissão, que é de 20%, mas isso se torna um dinheiro complementar e sempre bem-vindo. Luciane também já trabalhou como empregada doméstica em cinco lares — atuou por sete anos na casa de uma mesma família — e, constantemente, quando seus ex-patrões precisam de um serviço, a contatam.

— Sempre tive que me dedicar em dobro, em triplo — afirma, na humilde casa da família, sobre a criação dos filhos.

De infância e vida humildes, Luciane conta que começou a trabalhar aos 9 anos, como babá de um caszinho de gêmeos, serviço este que sua mãe lhe arranhou. Ela só ia para casa nos fins de semana. Desde os 9 anos, é a vida inteira trabalhando. A vendedora avalia que nunca teve adolescência, nunca teve juventude, e que é por estes motivos que luta e trabalha, para que seus filhos possam ter o que ela não teve.

A filha mais velha não está trabalhando, pois se dedica, na casa onde mora, à criação da netinha de Luciane. O filho de 17 anos está no 3º ano do ensino médio — ele vai à escola de ônibus e volta para casa a pé, pelo fato de no horário do meio-dia não haver condução até o bairro onde mora —, o de 12 está repetindo o 3º ano do ensino fundamental, em uma escola próxima ao bairro onde moram, à qual ele vai a pé, e a pequena, de 3 anos, vai à creche. Os três moram com a mãe.

— Eu raramente estou em casa; é mais pra fazer o almoço mesmo — diz, sobre a sua incansável rotina diária de trabalho.

Quando Luciane tinha 13 anos e morava com sua família em outro lugar de Cruz Alta, uma senhora e o filho dela, que tinha 17, foram morar bem em frente à casa onde Luciane residia. A partir dali, ela e o garoto foram se conhecendo — até que começaram a namorar. E foi pouco tempo de namoro até se casarem.

E eles estão juntos até hoje.

E Luciane é esposa de Álvaro — sim, aquele do primeiro capítulo do livro —, que entre as idas e vindas pela casa prisional está desde 1992 no Presídio Estadual de Cruz Alta e com quem ela teve os quatro filhos. É um amor que resiste aos anos que passam, às adversidades que surgem, à repetição de erros e acertos — enfim, um amor que resiste às passagens de Álvaro pelo presídio.

Na verdade, além dos pouco mais de 200 reais que Luciane ganha e dos 20% de comissão que consegue tirar, ela recebe mais 410 reais por mês, dados pelo marido a ela. Álvaro trabalha na padaria do presídio, como forma para a remição de pena, e com este trabalho tira 420 reais por mês, dos quais fica com 10, repassando o restante à esposa, para ajudar na criação dos filhos, na compra do pão de cada dia, no pagamento das contas — enfim, para ela conduzir o dia a dia da família sem a presença física diária do marido.

— É uma bênção de Deus esse salário — afirmou ele na entrevista, ao falar de seu trabalho no presídio e do orgulho de mesmo preso poder ajudar a família com tais recursos.

São, então, aproximadamente 24 anos de relacionamento, dos quais, até agora, Álvaro passou 21 no Peca. Mas nada que mudasse os sentimentos de Luciane.

— Pra mim, é a mesma coisa e o mesmo sentimento do começo. Amo muito ele, sempre foi um pai bom, um marido bom, tanto é que eu estou junto com ele desde os meus 13 anos — declara a vendedora, que na companhia dos filhos vai ver o marido todos os dias de visita.

Até hoje, além de não poder acompanhar no dia a dia o desenvolvimento dos filhos por estar preso, Álvaro não viu nenhum dos quatro nascer — e pelo mesmo motivo. Tempos antes do episódio dos 2 reais pelo cigarro de maconha, quando Álvaro ainda estava no regime semiaberto, a barriga de Luciane estava apresentando um crescimento e o casal passou a suspeitar que a vendedora pudesse estar grávida.

Com Álvaro no semiaberto, a possibilidade perfeita para ele ver pelo menos o quarto bebê do casal vir ao mundo existia. Nos períodos pré-resultado do teste de gravidez, quando o casal alimentava aquela expectativa pelo resultado positivo mas ao mesmo tempo não tinha certeza, os dois haviam até “combinado”, felizes, que ele finalmente iria levar Luciane ao hospital e, depois, levá-la para casa com o bebê nos braços — ou seja, ele finalmente iria participar do processo que é o sonho e a realização de todo pai, de todo marido.

Segundo o relato de Álvaro, Luciane pegou o resultado do teste de gravidez no dia 22 de janeiro de 2009, uma quinta-feira. O procedimento confirmou: ela estava grávida, e já se

encontrava no terceiro mês de gestação. Aquilo que antes era apenas uma *possibilidade* para Álvaro de realizar seu sonho como pai efetivou-se numa *oportunidade*. Ele iria poder levar sua esposa ao hospital, e ele iria poder levá-la de volta para casa já com a criança nos braços... Mas, dois dias depois, no sábado seguinte, 2 reais investidos em um cigarro de maconha, comprado como um simples passatempo até chegar o horário de Álvaro retornar ao presídio, impediram que ele tivesse a oportunidade de ver pelo menos um de seus filhos nascer. E Álvaro já estava há seis meses novamente no regime fechado quando ficou sabendo que, lá fora, sua mais nova paixão, seu mais novo xodó havia chegado a este mundo. Uma linda garotinha.

Luciane não está exagerando quando afirma que, ao longo da vida, teve de se dedicar até em triplo pela família. Afinal, no dia a dia, no cotidiano, nas mais diversas situações que envolvem a vida de um bebê, de uma criança, de um adolescente, de um adulto, a vendedora esteve presente — mais do que isso: *teve* de estar presente — em todas elas, não importando se chovia ou fazia sol, se o clima estava quente ou frio, se naquele momento ela reunia ou não condições físicas e psicológicas. Na casa da família, diante da ausência física diária do marido, ela se viu obrigada a ser mãe e pai ao mesmo tempo.

Ao longo de todos estes anos, em relação ao marido, o que Luciane mais ouviu dos filhos foram perguntas — por que o pai está lá, quando ele vai voltar... E desde que a netinha nasceu, ele só viu a criança quatro vezes.

Para encontrar forças para a luta diária, ela se agarra a Deus e, nos dias de visita, compartilha com Álvaro toda a situação do lar da família — o que os filhos fazem, o que deveriam fazer, o que deixam de fazer, o que têm pedido, a maneira como têm se comportado. Agora, por exemplo, uma situação que o casal tem enfrentado é a atual fase do filho de 12 anos, marcada por uma certa “rebeldia”, como define a vendedora. Questionada a respeito, ela afirma que uma das questões no comportamento dos filhos em que percebe a falta da presença do pai é a hora em que querem sair, é a hora de entender que naquele momento ela não autoriza, e que ela toma esta decisão pensando no bem deles. Ela diz já ter ouvido muito a frase “Se o pai estivesse aqui, ele deixaria”.

— Que características na senhora a senhora mais admira? — eu pergunto a certa altura.

— Acho que o fato de graças a Deus eu sempre ter disposição, né, pra lutar, batalhar. Se não tem uma coisa em casa, se eu vejo que está faltando, eu vou buscar, eu saio à luta. Geralmente tem muitos que não têm e ficam parados. Eu não, a primeira coisa que eu penso é nos filhos. Se vai faltar, que falte da gente, não deles. Se eu não tenho e sei que não vou ter de onde tirar, eu simplesmente vou e bato na casa de algum de meus patrões. Eles sabem da minha vida, em todos os serviços em que eu trabalhei eles souberam da minha história, e eu sempre dizia de cara. Não tem essa de eu ter vergonha de chegar só porque o meu patrão não sabe.

Eu pergunto, também, se a família consegue viver bem com esta média aproximada de 650 ou 700 reais por mês.

— Viver bem, bem, não dá pra dizer, mas nunca foi o caso de não ter o que botar nas panelas. Apertado ou não, sempre tem, leite nunca faltou, pão também não. É claro que às vezes não tem a carne, mas daí a gente substitui, coloca um ovo, alguma coisa. Mas não posso me queixar de passar fome ou algo assim — ela esclarece, e afirma que já tem exposto para

Álvaro que, após todos estes anos, depois que ele deixar o presídio, ela vai descansar um pouco e querer que ele batalhe para sustentar a casa.

E o desempenho escolar do filho de 17 anos é motivo de grande realização por parte de Luciane. Ela conta que as únicas vezes em que teve de ir ao colégio por causa dele foram para pegar o boletim, e que ele já trabalhou em diversos mercados, por exemplo, e sabe a importância disso para a família, e que, sempre que aparece uma oportunidade de adquirir experiência e conhecimento, ele está presente, como em cursos de informática e engenharia elétrica. Porém, ela descreve o filho como “meio na dele”, retraído, introspectivo. Não é sempre que ele gosta de ir ao presídio nos dias de visita.

Em meio a toda uma vida atrás das grades, Álvaro tem na esposa e nos filhos o seu alicerce, sua motivação para continuar, o seu ponto de apoio para erguer a cabeça e vislumbrar um futuro diferente, um futuro com o qual ele possa sonhar. Ele reconhece a garra, a força de vontade e a perseverança da mulher e afirma que Luciane e os filhos são o que ele tem de mais valioso na vida. Por outro lado, ressalta que nunca induziu seus filhos a trilhar o caminho que ele trilhou e que, muito pelo contrário, faz questão de que levem uma vida regrada, digna, justa. O apenado diz que, se o indivíduo quiser ir para o lado ruim no presídio, irá tranquilamente, com a maior facilidade, mas que, se tiver uma família bem alicerçada, não irá. Para ele, no presídio, família é simplesmente tudo — esta foi uma das lições que Álvaro diz ter aprendido ao longo dos anos.

Dentro desta questão de família, Álvaro diz valorizar muito, por exemplo, o trabalho dos agentes penitenciários. Preso que tem uma boa relação com os agentes, com os quais está em contato frequente, Álvaro ressalta que não é nenhum “puxa-saco”, nas suas palavras, mas que, por outro lado, não tem por que falar mal deles, não tem por que ficar reclamando do trabalho que desenvolvem. O apenado avalia que não foram eles que roubaram, não foram eles que mataram, não foram eles que traficaram, e que estão lá para fazer o seu serviço e “pra dar boia pra família deles”.

— Eles não sendo foras da lei, fazendo o serviço deles do jeito como é, se cruzarem por mim na rua, vou chamar de “senhor” sempre. Tanto é que eu faço isso com todos esses guardas. Entendeu? É indiferente. Tem cara que não, que pensa: “Guarda é guarda, que morram tudo”. O que é que a família dele tem que ver de ele ser guarda? Entendeu? É um troço que... eu acho que o mundo é assim, sabe? Na minha cabeça. Que nem... o senhor é polícia, no caso, e daí me prende. Se o senhor não me bater, o senhor me pegou no flagrante, me prendeu, eu perdi... Não vou dizer que vou matar o senhor, fazer e acontecer. Não tenho por que fazer isso; se eu errei, tenho que pagar. Tanto é que eu nunca fugi da cadeia... Puxei a cadeia tranquilo aí e não pretendo fugir, sabe. Quem somos nós pra julgar, cara? Nós estamos presos, cara. Nós fomos julgados pela Justiça. Por que é que nós vamos julgar um irmão que está ali? Ele é ser humano que nem a gente, cara, ele está pagando aí, cara. Nós não estamos aqui pra julgar ninguém; nós estamos aqui pra pagar a nossa cadeia — enfatiza.

Álvaro afirma que as únicas partes do seu passado em que não mexeria, que ele não faria de forma diferente, seriam a oportunidade de ter conhecido sua esposa e, também, o nascimento dos filhos. De resto, se pudesse, passaria uma borracha. Ele diz que trocaria esses mais de 20 anos de presídio por uma carteira de trabalho assinada, passando “dia e noite lavando o pé de madame” ou “20 anos numa firma, nem que fosse limpando bueiro”. E já que chegamos ao assunto trabalho, convém relatar que, em relação a oportunidades de emprego, o apenado considera haver bastante preconceito da sociedade contra presidiários ou ex-presidiários. Para Álvaro, se eles tivessem uma oportunidade, dificilmente retornariam para a cadeia. O interno é da opinião de que uma pessoa não pode ser totalmente julgada pelo que fez, pelo seu passado, e, sim, pelo seu presente, pelas ações atuais.

Ele não se considera nenhuma vítima da sociedade, e sabe que está preso por atitudes unicamente suas, mas diz que hoje chega à conclusão de que em diversas situações na vida

acabou se comprometendo por “ser muito bom com as pessoas” e por “levar fé” nelas, segundo suas palavras.

— O que tem sido o presídio para o senhor? — eu pergunto.

Ele respira fundo e responde tranquilamente:

— O presídio é uma passagem, sabe. Se a gente tiver cabeça boa, a gente sai melhor daqui.

Mas se apressa em complementar:

— Mas se tiver cabeça ruim, sai pior. Porque não é o presídio que educa a pessoa. O presídio não te ajuda em nada a se reeducar. E não desejo isso aqui pra ninguém na vida. Tem muita gente que fala “Ah, o preso só come e dorme”. O corpo come e dorme, mas a cabeça da gente não. Deus o livre, é a coisa mais triste do mundo estar preso. Saber que o filho está doente, que a mulher está doente, e não poder fazer nada... Deeeus o livre, eu já sofri muito aqui dentro. Sofri e estou sofrendo, né. Nessa vida de preso aí, eu perdi a juventude dos meus filhos. A gente senta e a minha nenê já pergunta: “Ô, pai, tu não vai pegar férias desse colégio? Nós já pegamos da creche”. E eu digo: “Não, um dia o pai vai pegar férias pra sempre daqui, não vai mais trabalhar aqui”. Ela tem 3 anos e acha que eu venho aqui pra trabalhar na padaria. Infelizmente estou mentindo pra ela, mas é que não adianta uma criança de 3 anos saber o que é cadeia.

Católico, o pai de quatro filhos ressalta que, quando deixar o presídio, quer aprender a ler para ler toda a Bíblia e para, digamos, “confirmar” tudo aquilo em que desde já ele acredita muito — a visão de que Deus criou o mundo e a humanidade, a visão de que há um ser superior sobre nós.

— Se não é Deus, eu acho que não tinha nada na minha vida. Nem vida eu não tinha se não fosse Deus. E a gente tem que ter uma crença, né. E alguém fez nós, alguém fez o mundo, né, nós não nascemos do nada, do... como é que se diz, de um troço que caiu lá do céu... Alguém teve que fazer nós, não adianta. Uma das coisas que eu mais quero na minha vida é aprender a ler. Quero ler livro, quero ler a Bíblia, quero estudar, ter certeza do que a minha cabeça pensa, sabe, porque alguém fez nós, não adianta. O primeiro ser humano alguém fez. Alguém tem uma mão abençoada que fez o ser humano. Uma mãe é uma mãe, né, é tudo na vida, então, se Deus fez nós, Deus é tudo.

— O senhor se considera uma pessoa diferente da que entrou aqui? — volto a perguntar.

— Com certeza, totalmente diferente. Porque antes, no caso, eu, como é que eu vou dizer pro senhor... todo mundo era puro pra mim. Se um cara me pedia pra fazer alguma coisa, eu pensava que decerto era porque podia. Eu levava fé nas pessoas, sabe. “O cara não vai fazer isso comigo, um conhecido meu, meu vizinho”, eu pensava assim. Mas hoje não penso. Por isso que eu digo pro senhor que eu confio e desconfio das pessoas, e isso que eu aprendi na cadeia nesses 20 anos: confiar desconfiando. Hoje, se o cara falar uma coisa, em primeiro lugar vou pensar se não vai prejudicar a minha família e se eu não vou me prejudicar, e se não vai ser fora da lei. Não que eu vá ser um cara 200% dentro da lei quando eu sair, mas coisa errada pra voltar pra cá eu não faço mais. Nem um bau vou fumar se for pra voltar pra cadeia. Eu passo voando por cima da casa de um traficante, mas não paro na frente — assegura.



Apaixonado por uma esposa igualmente apaixonada por ele, Álvaro tem 41 anos e não viu nenhum de seus quatro filhos nascer. Guarda com muito carinho as fotos da família

Álvaro considera que a vida e sua vivência na cadeia lhe ensinaram, primeiramente, que a família deve estar acima de tudo, acima de qualquer decisão, acima de qualquer opção. Para ele, antes de qualquer escolha, é preciso, antes, pensar se ela não vai prejudicar sua esposa, seus filhos. Segundo, que, no momento em que estiver livre, na rua, não quer levar junto de si tudo de negativo que teve e aprendeu no presídio.

Ele tem consigo, na sua cela, uma série de cartas entregues pela esposa e de fotos da família. Durante a entrevista, ele fez questão de ir buscar o material na cela e dispor sobre a mesa (“Essa aqui é a minha relíquia, ó, é meu bebezinho”, disse, todo orgulhoso, apontando para uma foto que mostrava a filhinha de 3 anos). E as cartas, em seu conteúdo, vieram a corroborar aquilo que tanto Álvaro quanto a própria Luciane falaram sobre ela: a vendedora é uma esposa apaixonada, perseverante e que, mesmo nos piores momentos do marido nestes anos de cadeia, continua ao lado dele, dando-lhe apoio e transmitindo-lhe a certeza, que ambos têm, de que dias melhores virão e trarão um futuro diferente para o casal, para a família.

Além de cartas, também há cartões de Dia dos Namorados e Natal, entre outros. Alguns destes materiais têm seu conteúdo transcrito abaixo (a grafia e a quebra de linha originais foram mantidas):

“Amor olha ninguém ta bem com o que aconteceu mas nós temos fe que tu sai logo só tenha calma

*Pai eu tou fazendo o que posso por ti
Ti amo”*

“Oi amor olha mandei esse so depois

*eu levo mais porque eu vou ir não adianta
pedi pra mim não ir porque eu vou
preciso te ver sabe como tu tá
as crianças tão bem não se preocupe
eu também tô bem só com muita
saudades te amo muito
e não vai ser a distância que
vai diminuir meu amor pelo contrário
aumenta mais pode ter certeza
os pais tão bem a xxxxx também
só tua bebezinho tá me deitando louca
beijos de todos”*

*“Feliz dia dos Namorados
continuo achando que ainda
estamos namorando porquê
só tem 1 explicação
Meu amor ainda é o Mesmo do começo
Eu te amo”*

*“Feliz Natal e prospero ano Novo
Amor
não existe Dia Sem Sol
não existe Noite Sem lua
E eu só existo porque tenho você
Eu te amo”*

Emotivo, Álvaro se emocionou bastante ao exibir o material. Era com muito orgulho e com uma realização perceptível que ele ia mostrando as cartas e as fotos, apontando nas imagens quem eram aqueles filhos e qual situação as fotos retratavam.

— Essa carta aqui é do dia em que eu caí preso aqui de novo, quando voltei. E eu vou dizer pro senhor: eu não sei ler mas mais ou menos eu sei o que está escrito. Aqui, por exemplo, eu sei que tem uma parte em que está escrito: “Eles tentaram me deixar longe”. Uma coisa assim, eu não vou dizer certo porque eu não me lembro também em que parte. “Eles tentaram me deixar longe de você, mas agora nosso amor ficou maior.” Mais ou menos isso que eu sei que está escrito aqui, que eu me lembro, sabe. Eu olho essas fotos e elas me dão força, sabe, pra eu conseguir seguir em frente, aguentar o que eu tenho que aguentar. Se eu pensar, daí já não gosto muito, porque vou acabar chorando. Vou ser bem franco pro senhor. Sabe que... é embaçado, vou dizer pro senhor.

Também, é com o peito estufado que Álvaro fala sobre aquilo com que sonha para seu futuro e para o futuro de sua família depois que ele cumprir sua pena. Ele conta que dentro da cela tem sonhos em que, na casa da família, ele e sua esposa acordam às 4h, tomam chimarrão juntos, ele sai para trabalhar e ela volta a dormir, enquanto as crianças também descansam. Álvaro é muito agarrado à sua família, e faz questão de aproveitá-la ao máximo quando surgem as oportunidades. Nos dois dias semanais de visita, enquanto a maioria dos presos desce com seus familiares ao pátio, ele fica com a esposa e os filhos na sala onde produz os pães. A família fica sentada no chão, com as costas juntas à parede, um curtindo o outro. Vez ou outra, a filhinha vai correr no corredor que fica em frente à porta e Álvaro a acompanha,

brincando junto com a criança. Ele demonstra um carinho sem tamanho pelos filhos, pela esposa, e sonha muito com um futuro diferente.

De todo este período em que se encontra recluso, Álvaro ressalta que o que quer levar para a rua futuramente, depois de cumprir sua pena, são somente as coisas positivas que aprendeu — sozinho ou com a convivência com outras pessoas — na cadeia. Ele revela ter aprendido, talvez consigo mesmo, que com educação e humildade pode “conseguir tudo o que quiser na vida”, como diz. É isto o que ele afirma transmitir aos filhos — a lição de que educação, humildade e respeito vêm em primeiro lugar.

— Não que a pessoa tenha um carrão e tu vai respeitar ela; pode ser aquele que está juntando lixo da rua... Tu tem que respeitar, porque ele está trabalhando, porque ele está ali se dedicando. Eu aprendi isso aqui dentro; essa parte eu quero levar pra rua, mas essas partes de ser bandido, matar, assaltar, isso aí é pra quem quer ficar na cadeia pra sempre. Porque eu considero que passei do tempo de cadeia já, estou há 20 anos, eu não quero mais isso aqui. Deus o livre, eu não quero mais. Se eu puder nem passar pela frente, não vou. Não quero passar na frente pra não me lembrar, porque se hoje eu estivesse no meio da malandragem eu não estaria trabalhando, não poderia dar um troquinho pra minha mulher, eu não iria ter minha roupa pra botar.

Sonhos, planos para quando terminar de cumprir sua pena? São muitos, e todos relacionados à família. Tudo o que hoje um pai não presidiário tem condições de fazer após chegar em casa vindo do serviço Álvaro tem em mente, como reunir a família, conversar, assistir à programação da televisão, tomar chimarrão...

— Eu quero cuidar da minha família. Eu quero ver se... como é que eu vou dizer pro senhor. Esse tempo que eu perdi aqui, ó... Ver se eu tiro nem que seja um pedacinho desses 20 anos em que já fiquei preso, sabe. Assim... eu nunca consegui levar meus filhos pra tomar um banho num açude, tomar um banho num rio, sabe. Eu quero poder chegar do serviço, a minha mulher estar me esperando na área, sentada, com um mate pronto, entendeu, e meus filhos brincando em volta ali. Esse é meu sonho ainda. Tomara que eu não morra antes de realizar esse sonho, porque eu quero realizar esse sonho. E meu sonho é arrumar um serviço, ter carteira assinada, pra poder dar boia pros meus filhos e pra minha mulher. Chegar em casa, do serviço, e ter minha casinha, minha televisãozinha pra olhar. Esse era meu sonho antes de voltar pra cá e continua sendo, e estou lutando pra continuar sendo. Vou lutar, vou sair daqui, vou trabalhar, vou fazer de tudo pra não voltar mais aqui. E pra cá eu não volto mais — conclui um esperançoso Álvaro.

CAPÍTULO 4 – Uma noite de aventura; diferentes destinos

Em 16 de maio de 2008, dezenas de taxistas de Cruz Alta fizeram um protesto pelas ruas da cidade, pedindo justiça, paz e segurança. Motivo: em um crime que gerou grande repercussão, sendo noticiado tanto na televisão quanto em jornais da Capital, um colega de trabalho havia sido encontrado morto no começo da manhã do dia 15. Uma das ruas que a passeata percorreu, e que foi palco de um buzinaço, foi a Coronel João de Deus, na Vila Militar — onde se localiza o Presídio Estadual de Cruz Alta.

É que, dentro do presídio, estavam reclusos três jovens envolvidos no assassinato. Naquela fatídica sucessão de acontecimentos, dois dias antes da passeata, o primeiro taxista atraído estranhou a situação toda e conseguiu escapar. O segundo, não.

Tudo começou no dia 14 de maio daquele ano, véspera do aniversário de Samantha, atualmente com 25 anos. Na época, ela estava prestes a completar 20. Hoje também cumprem pena no presídio a garota Joice, 24 anos, amiga de longa data e companheira de cela de Samantha, e Alberto, 26, irmão de Joice. Os três se envolveram no assassinato, sendo Alberto

quem desferiu as facadas no taxista, que tinha um Gol branco. Joice tem uma filha de 6 anos, e seu irmão, uma de 9 — os dois estão solteiros.

Nenhum dos três é alto. Os irmãos têm um corpo mais franzino, Alberto é um pouco moreno, e Samantha tem um corpo mais reforçado.

Samantha, Joice e Alberto, condenados a cumprir a pena em regime inicialmente fechado, foram enquadrados no artigo 157 (roubo), parágrafo 3º (“Se da violência resulta lesão corporal grave, a pena é de reclusão, de 7 a 15 anos, além da multa; se resulta morte, a reclusão é de 20 a 30 anos, sem prejuízo da multa”, ou seja, no caso deles, os jovens cometeram latrocínio, ou roubo seguido de morte), do Código Penal, combinado com os artigos 29 (concurso de pessoas, o que indica uma pluralidade de agentes no crime) e 61 (circunstâncias agravantes), inciso II, alínea C (“ter o agente cometido o crime à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação, ou outro recurso que dificultou ou tornou impossível a defesa do ofendido”). Também compôs suas penas o artigo que trata sobre circunstâncias atenuantes, o 65, inciso I (“ser o agente menor de 21, na data do fato, ou maior de 70 anos, na data da sentença”). Estes foram os textos do Código Penal que eles tiveram em comum, com a diferença de que Alberto, no artigo 65, também foi enquadrado no inciso III, alínea “d” (“ter o agente confessado espontaneamente, perante a autoridade, a autoria do crime”). Samantha e Joice foram inicialmente condenadas a 24 anos e 10 meses de prisão, depois reduzidos para 24 anos, e Alberto, a 25 anos e dois meses. Soma-se a esta pena de Alberto uma reclusão de três anos — anteriormente, era de nove anos e três meses — por atentado violento ao pudor. Outros dois jovens que tiveram participação no assassinato do taxista estão livres: um foi para a Fase depois do assassinato, completou 18 anos e foi liberado, e outro foi condenado por receptação, pena esta que ele cumpriu realizando serviços comunitários.

Naquele 14 de maio de 2008, Samantha e os irmãos Joice e Alberto estavam em um banco no centro da cidade, no qual o jovem estava sacando dinheiro em um caixa eletrônico. Ali, devido à razoavelmente grande quantia sacada — o dinheiro era oriundo de um então recente pagamento feito pela empresa onde ele trabalhava —, e pelo fato de perto do banco haver um tradicional bar, surgiu a ideia de eles irem comemorar a véspera de aniversário de Samantha. A boa quantia sacada e o fato de ali perto do banco haver o bar foram determinantes. Negócio fechado. Por volta das 14h eles chegaram ao estabelecimento, onde começaram a tomar cerveja e jogar sinuca. Pelas 20h — eles ainda estavam no bar —, uma amiga de Samantha telefonou para ela e Samantha foi encontrá-la na frente do estabelecimento. Neste momento, passou por ali um garoto, mais novo que ela, que a quase aniversariante conhecia desde quando ele era pequeno, um menino de rua — ela às vezes o via em uma praça que ficava no caminho dela para a escola, e pela qual precisava passar para ir à aula. A diferença entre os dois era de aproximadamente quatro anos. Naquele dia, fazia uma semana que tinham se cumprimentado na rua depois de dois ou três anos que não se viam, estima Samantha. Como, naquele 14 de maio, voltaram a se encontrar por acaso ali na frente do bar, a quase aniversariante o convidou a entrar e se juntar ao grupo. Estava definido um quarto elemento.

— Na época em que a gente acabava se cruzando no meu caminho para a escola, ele era da praça, vivia pedindo coisa ali, era criança de rua, vivia pedindo moeda, coisa pra comer. E eu conheci ele pequeno. Mas não que eu visse sempre, era um costume, né. Era a minha rotina e na minha rotina eu via às vezes. Não foram muitas as vezes em que eu vi, mas, nas poucas vezes em que eu vi, eu não esqueci. Tipo, ele e os amiguinhos dele me acompanhavam, eram “amiguinhos” que eu tinha. E uma semana antes de o crime acontecer eu vi ele grande, um baita de um piá, sabe. Fazia uns dois ou três anos que eu não via. E ele me pareceu bem, pelo menos. Perguntei onde era que ele estava, daí me disse que tinha estado na Fase, e eu nem sabia o que era Fase, porque eu conhecia por Febem. E ele me explicou, daí perguntei se ele tinha tomado juízo e ele disse que sim, que estava bem. O piá parecia que

tinha uns 18, mas tinha 16. Daí nos demos tchau, beleza — relata Samantha, contando que, do grupo agora formado por quatro pessoas, os dois rapazes eram quem tinha uma vida pregressa mais conturbada, com delitos cometidos.

O rapaz entrou no bar e, depois, não apenas se juntou ao grupo, como também à bebedeira que o grupo fazia. Eram quatro jovens bebendo, à noite, sendo que três deles o estavam fazendo desde as 14h.

De acordo com Samantha, ainda no dia 14, depois que eles saíram do bar, foram fumar maconha e cheirar cocaína em uma praça localizada perto do estabelecimento. E em frente à praça havia um ponto de táxi. Dos quatro jovens, apenas Joice não fumou. Mas todos estavam bêbados; Samantha já vomitava. Alberto ainda tinha 150 reais na sua carteira, mas, mesmo assim, segundo as garotas, os rapazes tiveram a ideia de assaltar um taxista. A princípio, eles teriam dito que era para ser uma “frescura, aventura, folia, coisa sem fundamento”, como relata Samantha. Os três presos, frise-se, foram entrevistados separadamente, e as garotas relataram que na oportunidade teriam rechaçado a ideia de o grupo assaltar.



Conheci a história de Samantha e de seus amigos já na primeira festa que fotografiei e ela sempre falou abertamente sobre o assunto. Noite do crime foi de álcool e drogas

— Vocês têm que ir pra podermos disfarçar, por vocês serem mulheres — teria respondido um dos rapazes, sugerindo que dois amigos sozinhos poderiam transmitir uma assimilação suspeita por parte da vítima, uma desconfiança em relação à situação. Alberto carregava uma faca.

O primeiro taxista da fila iria ser a vítima. Mas o plano inicial, segundo Samantha, era apenas roubar, para subtrair o dinheiro, e não matar. O quarto elemento que se juntou ao grupo morava em uma vila mal-iluminada, perto da qual também havia um mato, onde eles eventualmente poderiam vir a se esconder depois do ato, e esta vila foi o destino sugerido por ele para o grupo ir com o taxista, para ali a ação ser executada.

— Ele disse alguma coisa como: “A gente manda um táxi pra lá, eu rendo o cara, o Alberto rouba e a gente sai correndo ali pra baixo de casa, que tem umas árvores, uma florestinha, daí a gente se esconde e deu”. No ponto de táxi, pegamos um táxi, o primeiro que vimos na frente. Tanto foi o primeiro que aquele era um táxi com cabine protetora, pra você ver o porre em que nós estávamos. Nós entramos num táxi com cabine protetora — recorda ela.

Samantha se lembra de que, apesar da coragem dos quatro de terem pegado um táxi, todos estavam com medo de executar a ação, de pô-la em prática. O motorista foi até as imediações da vila, mas, como o local onde havia parado já estava mal-iluminado, o profissional disse que até lá embaixo não iria descer, em função da escuridão. Todos desceram do carro e os dois rapazes ficaram empurrando a execução do roubo um para o outro, e, neste momento, o taxista se deu conta da situação. O profissional abriu só uma fresta do vidro de sua porta e perguntou, irritado, se o grupo iria pagar pela corrida ou não. Um dos elementos do grupo deu apenas 2 reais para o taxista, fato que aumentou sua desconfiança e fez com que ele fechasse rapidamente uma porta do carro que estava aberta e imediatamente fosse embora dali.

Daquele mesmo local, um segundo táxi foi chamado. As duas garotas tinham a intenção de, com ele, ir embora, enquanto o quarto elemento havia convidado Alberto a descer até sua casa. Porém, depois, os dois decidiram que queriam voltar para o centro — ou seja, os quatro estariam novamente em um mesmo táxi.

— Até então nós sabíamos que eles iriam roubar, nós estávamos coniventes, sim, e não tem como dizer que não — ressalta Joice. — A gente foi fazer um assalto, sabíamos que era um assalto, mas não sabíamos a gravidade a que chegaria. Eu posso dizer que eu... Eu não gosto de tocar no assunto, porque eu vi tudo o que aconteceu. — conta Joice, quase iniciando um choro.

E o segundo taxista, sem cabine protetora em seu Gol, chegou. Desta vez, o local onde a ação seria executada estava sendo escolhido por Alberto. O taxista disse que até determinado ponto poderia ir, e que muito longe não iria. Alberto respondeu ao taxista, então, que ele avisasse quando a corrida desse 50 reais, que então aí eles iriam descer. E chegaram à localidade de Benjamin Nott, interior de Cruz Alta, onde o grupo desceu do veículo, deixando as portas abertas.

Alberto, fora do carro, começou, então, a fingir que não estava localizando a sua carteira para pagar o taxista. Começou a procurar no meio dos bancos e, neste meio-tempo, o profissional, já irritado, teria descido do carro e exclamado: “Vocês estão de brincadeira!”. Até que, em determinado momento, Alberto acertou o taxista com o objeto que carregava. Foram seis facadas.

Pergunto a Joice se ela se lembra do seu estado emocional naquela noite.

— Eu lembro que eu... eu travei. Eu vi que eu e a Samantha estávamos negociando com o taxista. Eu ainda disse, conversando com ela: “Vamos entregar o nosso celular pra ele levar nós de volta e vamos sair fora, eu não quero isso”. E aí ela concordou, ele estava concordando comigo, disse que levava eu e a Samantha, mas que não ia levar os outros dois. Eu fui entregar o celular pra ele, e eu estava a um braço meu de distância dele, e quando eu fiz assim pra entregar chegou o meu irmão e partiu pra cima dele. Então eu travei, eu não vi mais nada.

— Você estava em pânico, chorava bastante?

— Sim. Sim, mas no momento eu só fiquei... como se um filme de terror estivesse passando na minha frente. Eu parei ali, como se eu tivesse apagado uma parte, sabe. Aí ela saiu do carro e me buscou, me colocou dentro do carro. Daí nisso já vieram os dois, aí entraram e mandaram a gente seguir.



Embora tenha bebido bastante, Joice foi a única que não se drogou na noite do assassinato. E diz que travou durante os acontecimentos. Ela tem uma filha de 6 anos

O relato sobre os acontecimentos fornecido pelos três jovens foi praticamente igual. Como, deles três, Samantha foi a primeira entrevistada, e como a jovem falou sobre os acontecimentos com maior riqueza de detalhes, ela foi escolhida, neste livro, como uma espécie de “porta-voz” do grupo sobre as situações que ocorreram, por isso o passo a passo da história está sendo descrito muito mais com as falas dela. A única divergência constatada nas entrevistas — feitas separadamente, volto a frisar — foi quanto à motivação do assassinato. Samantha diz que ninguém do grupo conhecia o taxista assassinado e que ele acabou sendo uma vítima de toda aquela situação criada, mas conta ter ficado sabendo que, depois que eles foram condenados pelo crime, Alberto afirmou que matou o profissional por este, na época, estar saindo com uma ex-namorada dele. E esta é a versão sustentada por Alberto — esta ex-namorada não é a mãe da filha dele.

- Você matou o cara com o quê? — perguntei, para confirmar.
- Por uma vingança. Matei com uma faca.
- O que motivou essa vingança?
- Ciúmes. Ciúmes de uma garota.
- Vocês tinham uma desavença por causa dela, no caso?
- Ela falou que não me aceitava mais, que não queria mais ter relação comigo, e eu falei que se eu pegasse ela com outro eu matava. E foi o que aconteceu.
- Tu falou que iria matar...
- O cara que estivesse com ela.
- Mas foi premeditado o crime ou aconteceu naquele dia mesmo? Tu planejou isso?

— Mmm, não planejei. Aconteceu do nada. E daí, quando ele parou o carro, eu dei uma facada nele. Não esperei nem se mexer.

— E você estava sob efeito de drogas, de álcool...?

— De drogas e álcool.

— Qual droga?

— Cocaína.

— Tu acha que se tu estivesse sem o efeito disso tudo tu teria feito?

— Não teria.

Para Samantha, o nervosismo do grupo fez com que a situação estivesse toda exposta aos olhos do taxista. Ela diz que estava na cara o que viria a ocorrer depois. Mas o profissional não percebeu nada.

— Não tinha por que a gente matar ele. Não tinha. Não tinha. O cara realmente foi uma vítima, uma legítima vítima. Ainda depois de tudo, a gente ficou sabendo que ele era até novo no ponto, que inclusive fazia um mês que estava lá, e ele não tinha experiência mesmo. Foi por isso que ele não se tocou, porque foi uma coisa de ladrão charlatão, sabe, porque estava ridículo, estava na cara, estava tudo errado, estava todo mundo nervoso, e aconteceu. E a coragem que não tivemos em toda a empreitada criminoso foi-se ter na segunda situação. Não, na verdade, foi-se ter no final da situação — diz.

O corpo do taxista ficou ali, no local, no chão, e os jovens entraram no Gol branco dele, para fugir. Em meio a algumas discussões do grupo, foram Samantha e Alberto quem se alternou no volante durante a fuga. Ela conta que o que mais queria era sair do local, fugir, consumir com as possíveis provas e parar o carro em algum lugar para colocar fogo nele. O quarto elemento afirmou que, depois de tudo aquilo que haviam feito, não queria sair dali sem nada, sem conseguir nada em termos de dinheiro. Foi aí que lançou a ideia de o grupo passar na casa de um primo dele para o primo os guiar até um desmanche de carros, para venderem o veículo. Foram.

— A Joice chorava muito, ela pedia pra eu parar o carro, que era pra gente sair, deixar eles continuarem se eles quisessem. E eu só imaginava um filme de terror, que eu era realmente parte de um grupo de *serial killers*, e que eu precisava fugir. Imaginava a polícia atrás de mim, só pensava em fugir. Não pensava se ele tinha morrido ou não, não pensava em nada, só pensava em mim. Acho que eu tive o pior sentimento que um ser humano pode ter, que é o egoísmo, que é só pensar em si próprio — lembra a jovem.

Com o Gol do taxista, o grupo foi buscar o primo do quarto jovem — acabou se tornando, com isso, o quinto elemento no processo, vindo a ser condenado por receptação. No caminho dos cinco jovens até o desmanche, “como Deus escreve certo por linhas tortas, como Deus é amor e justiça”, diz Samantha, ela, em alta velocidade com o veículo, bateu o carro contra uma ponte. O carro bateu, levantou e, com isso, acabou caindo, de lado, no rio, cujo nível da água chegava aproximadamente à metade da coxa dos jovens. Samantha e quem estava no lado esquerdo do banco traseiro ficaram na parte de cima do carro, e os que estavam à direita no veículo, embaixo. Tinha um barranco próximo de onde o carro caiu, e os jovens deixaram o veículo e subiram o barranco. Eles haviam se machucado, mas sem gravidade. Samantha e os dois irmãos fugiram em direção a Pejuçara, e os dois primos disseram que iriam voltar para Cruz Alta. Os cinco combinaram que, se no caminho a polícia encontrasse um dos dois grupos, nenhum deles iria contar sobre a existência do outro. Foi uma espécie de acordo. Segundo Samantha, depois que os três já haviam andado uns metros, ouviram os dois primos voltarem ao local onde o carro tinha caído — voltaram para roubar a faca de Alberto, o rádio do veículo, a chave do carro e o telefone celular de Joice, materiais estes encontrados, depois, pela polícia, sob posse do quarto elemento.

Quando Samantha, Joice e Alberto — ele portando o celular do taxista — chegaram a Pejuçara, encontraram um bar. Entraram para perguntar onde poderiam achar um hotel, para

poder esfriar a cabeça até decidir o que fazer. Porém, no bar, estava um tio de Samantha, residente na cidade. Os jovens estavam molhados, machucados. O tio perguntou a Samantha o que havia ocorrido com eles.

— Eu só pensei: “Eu não vou contar pra ele. Como é que eu vou contar pro meu tio?”. Eu falei que a gente tinha sido sequestrado por dois caras, eu contei toda a história como se eu fosse vítima, e não falei que era um táxi. Falei que nós simplesmente estávamos no centro da cidade, curtindo, e os dois sequestradores mandaram a gente entrar no carro; disse que era um Gol branco que tinha caído na ponte e que os dois sequestradores tinham voltado. Daí na hora o meu tio disse que iria chamar a polícia. E eu só disse pro Alberto: “Tu fica quieto e não fala nada, tu só concorda comigo” — recorda-se a jovem.

Tudo o que ocorreu depois, durante a madrugada, acabou conspirando contra os jovens. A Brigada Militar (BM) de Pejuçara foi com eles até onde estaria o carro dos possíveis sequestradores. Constatou-se que a placa era de táxi, algo que foi, então, revelado pela Brigada de Pejuçara à de Cruz Alta, que a esta altura já tinha conhecimento de que durante a noite um taxista havia saído de seu ponto e não havia retornado. Ainda como supostas vítimas de sequestro, os jovens foram levados pela BM de Pejuçara à de Cruz Alta. Em um hospital, um médico afirmou que Alberto teria de ser internado para ficar em observação, por conta dos ferimentos, e, antes da internação, foi revistado por um policial e este encontrou com o jovem o chip do celular do taxista. No dia do aniversário de 20 anos de Samantha, os três foram presos em flagrante e levados à delegacia de polícia. Ali foi contada toda a verdade, com os três revelando onde estava o corpo da vítima, e depois foram encaminhados ao presídio. Os outros dois jovens só foram localizados posteriormente.

Samantha foi criada pelo pai e pela avó paterna, com os quais morava juntamente com seu irmão, um ano mais velho que ela. Seus pais haviam se separado quando ela tinha 5 anos de idade e o irmão 6, por a mãe ser usuária de drogas. Depois da separação sua mãe teve mais cinco filhos, e hoje mora no Mato Grosso. Este seu irmão reside em Cruz Alta e é formado em Agroindústria pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs); mora no interior, administra as terras do sogro, e às vezes retorna à cidade no fim de semana. Visita a irmã na cadeia aproximadamente de dois em dois meses. Antes de Samantha ser presa, um dos seus grandes sonhos era cursar Psicologia. Depois, acabou se desinteressando.

— Você falou que é de uma família bem tradicional daqui de Cruz Alta. Como foi na família a repercussão depois que souberam do caso? — pergunto a Samantha.

— Me lembro de quando eu fui presa, eu estava na delegacia, e meu pai chegou lá todo amarelo, me olhou lá, chorando, só perguntando: “O que tu fez, o que tu fez?”. Me lembro do advogado que estava lá e disse pra mim: “Até o capitão está aqui”. Daí eu estranhei: “Até o capitão? Ué”. Depois ele respondeu pra mim: “O capitão xxxxx”. Ele estava falando do avô, capitão reformado do Exército. Lembro de uma inspetora, que era amiga da minha tia, que chegou lá dizendo: “Samantha... Não pode ser a mesma, não pode, mas é o mesmo sobrenome...”. Aí me chamou no parlatório, coloquei a cara, me perguntou “O que tu foi fazer?” e me mijou ali, essas são as coisas que eu lembro. Me lembro, também, com certeza, e como vou me esquecer disso, de um policial, não sei se ele era inspetor e ela também, lembro que um deles era parente da vítima, entrou numa sala em que eu e a Joice estávamos, e a mulher foi dar um tapa na Joice, na cara dela, e a Joice tirou a cara. Ah, não, fui eu que tirei o braço dela e o cara deu em mim daí.

Joice e Alberto são filhos dos mesmos pais, mas foram criados de forma um tanto diferente. Sua mãe biológica mora sozinha em Cruz Alta e “é da vida, teve sete filhos e não criou nenhum”, diz a garota. Quando Alberto, que é mais velho que a irmã, estava com 2 anos, sua mãe a entregou para o avô materno dele e para a esposa deste — que não tinha condições de gerar filhos, pois teve de retirar o ovário. Porém, segundo Joice, Alberto ficava uma ou duas semanas na casa do avô, sua mãe vinha buscá-lo e ele passava sete ou oito meses sem novo contato.

De acordo com Joice, quando sua mãe biológica então ficou sabendo que estava grávida, afirmou que se a criança fosse menina ela não iria querer — e que, depois de o bebê nascer, iria deixá-lo no hospital. Com a posterior descoberta de que iria nascer uma garota, e diante do fato de a esposa do avô materno não poder engravidar, ambos acolheram a mãe biológica de Joice durante a gestação e deram toda a assistência, e foi acordado que a criança iria ser adotada pelo casal. Joice nasceu e já saiu do hospital nos braços de seus pais adotivos, que a registraram como filha — ou seja, legalmente, ela é filha do avô materno e da esposa dele, a qual Joice considera como sua verdadeira e única mãe ao longo da vida. Biologicamente, Joice, é claro, é neta de seu avô materno; no coração e no papel, é filha dele. Na memória, também — ele faleceu quando a garota tinha 5 anos de idade.

O uso de drogas fazia parte da juventude de Samantha, Joice e Alberto, mas, embora Alberto também comercializasse, eles nunca tinham nem passado perto de uma situação como aquela em que se envolveram — a participação num assassinato. A rotina de festas, drogas e álcool era normal, mas pode-se dizer que, até então, o dano físico que causavam era unicamente deles, no corpo deles, na saúde deles. Eles eram os responsáveis pelos seus atos, e somente sua saúde, da maneira como melhor reagia, arcava com as consequências. Porém, na situação mais insana em que se envolveram ao longo de sua vida, não foi apenas à sua saúde e ao seu corpo que fizeram mal, mas, sim, à vida de outra pessoa. Foi o primeiro assassinato, foi a primeira morte em que se envolveram, mas o suficiente para mudar sua vida, e talvez suas concepções, por um longo tempo.

Alberto consumia intensamente cocaína, e também maconha, esta em menor quantidade; Joice já havia usado maconha, mas não gostava e usava muito mais a cocaína; já Samantha se alternava entre *ecstasy*, LSD e o *crack*, além da maconha.

— Eu posso dizer que foi por causa da droga que ocorreu tudo isso — analisa Joice, falando sobre os episódios que resultaram na morte do taxista.

Samantha e Alberto revelam ter começado a usar drogas aos 15 anos; Joice, aos 19. Quando Joice e o pai de sua filha ainda namoravam, eles moravam juntos, e Joice trabalhava como dona de casa — optou por cuidar do lar em vez de concluir o ensino médio. Quando ocorreu o crime, Joice estava há seis meses separada do pai de sua filha, e morava na casa da mãe adotiva, com a filhinha. Hoje, com Joice na prisão, é a mãe adotiva dela quem cuida da criança.

Foi quando terminou o namoro que Joice passou a conhecer as drogas, uma vez que sua rotina e suas amizades mudaram. Se por um lado Samantha foi presa no aniversário de 20

anos, por outro, foi no dia em que completava 19, em março de 2008, que Joice teve a primeira oportunidade com as drogas.

— Eu estava em um posto com amigos e experimentei a cocaína. Eu pensei: “Por que não?”. Dali dois meses em diante, minha vida veio abaixo.

— Foram eles, os amigos, que te ofereceram? — eu pergunto.

— Eles estavam usando ali, daí me passaram um canudo, eu disse que nunca tinha usado e eles disseram pra eu tentar. Eu concordei, já estava meio bêbada, e fui, e dali em diante...

— Você se lembra do primeiro efeito que sentiu?

— Nada. Assim, tipo, aparentemente, nada. Eu usei e até brinquei, dizendo que eu achava que fosse ter um resultado, alguma coisa, mas não me deu nada. Mas aí, com o passar das horas, eu comecei a notar. Tipo, a gente faz o que não faria sã. Até acho que com a bebida eu não faria o que eu já fiz com a droga.

— Por exemplo?

— Brigas, confusão, você se torna uma pessoa agressiva. Eu me tornei... Eu pensava assim: “Ah, eu não vou deixar passar. Quer discutir comigo, vamos agora”. Entende?

— Desde que você entrou aqui, você nunca mais usou?

— Não. Não que eu não tivesse oportunidade, entendeu, porque eu vou te dizer que vinha na mão. Vinha. “Está aqui; usa”, entendeu? E eu nunca quis porque, quando eu usava lá fora, eu tinha que sair pra rua. Eu podia estar numa casa, podia estar fechada em algum lugar, mas eu tinha que sair pra caminhar, eu tinha que, tipo, deixar passar aquele efeito caminhando, sabe, ao ar livre, porque aquilo me sufocava. Então eu pensei assim: “Imagina se eu uso aqui, fechada. Eu vou enlouquecer”. Eu pensava nesse lado, só que daí eu comecei a pensar: “Pô, eu fui presa por causa da droga, porque a droga me deixou com coragem”. Tipo, ela me encorajou, entendeu? A bebida, então, nem se fala... Porque, com tudo o que aconteceu, até naquele dia, em si, eu travei. Eu não tinha usado drogas, mas eu tinha bebido, né. Então eu estava sendo levada por eles. Tudo o que eles queriam fazer, eu estava ali, só ia junto. Mas eu acho que, se desse tudo certo com o assalto que eles queriam fazer, esse dinheiro seria usado pra drogas, entende, então eu fico pensando assim: “Que futuro?”. Tipo, eu tenho uma mãe maravilhosa, e ela não merece estar passando pelo que ela está passando hoje. E ela não tem mais idade pra estar aguentando tanta coisa. Eu tenho uma filha que tem 6 anos de idade. Ela sabe o que é presídio, ela sabe o que é cadeia. Ela sabe por que eu estou aqui, entende? Então, é justo eu fazer isso com elas? Tipo, tem muitas visitas que trazem as coisas, trazem roupa, trazem calçado, trazem até comida, e presos que vendem pra usar droga. Vendem o que a visita traz. Então, é justo eu pegar as minhas coisas, que a minha mãe me traz, pra colocar em droga? Com certeza não, né. Não é justo com elas, não é justo comigo, por tudo o que eu passei, e não é isso que eu quero, porque eu não quero sair de dentro da cadeia uma viciada, chegar em casa, vender tudo, me destruir fisicamente também. Eu jamais quero isso pra mim. Não quero mesmo. Então, graças a Deus, eu sou libertada de qualquer tipo de droga — ressalta a jovem, que sempre recebe a visita da mãe adotiva e da filhinha. — Acho que ela é a melhor criança do mundo. Apesar de tudo o que ela sofre, do que ela já sofreu, de tudo o que ela já viveu com a idade que tem, ela é uma criança tranquila, fala bastante — completa.

Na cadeia, para a remição de pena, Joice ficou por aproximadamente três anos trabalhando com artesanato. Depois, mesclou este trabalho à sua atuação na cozinha da equipe administrativa, por um ano e meio, e hoje novamente produz apenas o artesanato. Parte do dinheiro obtido ela repassa para a família, para ajudar nas despesas de casa, e fica só com o suficiente para comprar materiais de higiene. De família humilde — sua mãe foi empregada doméstica —, a jovem sonha voltar a criar a filha e poder lhe dar tudo aquilo que ela não teve, como um curso superior. Joice quer, também, ser uma pessoa reconhecida, não em termos de

fama ou popularidade, mas, sim, pelas qualidades, por batalhar e com o fruto do seu suor obter as suas conquistas.

— Aqui dentro tem o que não presta mas tem o que presta. Teve uma colega que saiu daqui e hoje faz Direito, está no 6º semestre, trabalha na Defensoria Pública, então, tipo, pra você ver o lado bom daqui — diz.

Porém, ela avalia que a sua passagem pelo presídio poderá interferir de forma negativa na obtenção de um emprego; Joice considera que isso poderá gerar dificuldades, discriminação. Em função disso, ela pensa, inicialmente, em abrir um negócio próprio, como uma padaria ou uma casa de viandas. Ela diz que gosta muito de cozinhar, algo herdado da mãe de criação, e que quando atuou na cozinha da equipe administrativa sempre inventava pratos ou buscava fazer algo diferente. Às vezes fazia lasanha; noutras, panqueca; em outras, arroz de forma, inclusive contando com a colaboração de agentes penitenciárias, que traziam livrinhos de receita para ela.

Joice analisa a permanência no presídio, em parte, como algo muito ruim, “com certeza”, diz, mas não deixa de avaliar isso como um grande aprendizado, “uma lição de vida pra nunca mais esquecer”. E ela se considera, hoje, uma pessoa bem diferente daquela que entrou, cinco anos atrás. Primeiro, por estar livre das drogas e dos vícios, como o cigarro. Segundo, por ter aprendido a não se envolver “com certas pessoas”, como descreve. Ela revela que hoje sabe parar e analisar quem seria uma boa companhia e quem não. Também diz já saber onde colocaria a filha e onde não, porque muita coisa que ela viveu não quer que a filha viva. Também se considera uma pessoa diferente por, dentro do presídio, ter aprofundado sua relação com Deus. Ela é batizada na Igreja Católica, mas fora do presídio nunca havia sido muito praticante. Foi ali dentro da casa prisional que houve uma aproximação maior, quando ela passou a frequentar os cultos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que, assim como os da Igreja Cruz Alta, ocorrem aos sábados de manhã, no pátio do presídio.

Também, ela avalia que aprendeu a ver o mundo de uma maneira que não via. Joice diz que apesar de ter usado drogas, e apesar de sua participação em um crime, em um assassinato, considera que era uma pessoa ingênua, no sentido de sempre aceitar qualquer coisa que as pessoas a convidassem a participar, por mais erradas e evitáveis que fossem estas situações. Para a jovem, ela é bem diferente e muito mais madura neste ponto hoje, e ela frisa que só pode confiar inteiramente em Deus e na família.

— Primeiramente, confiar em Deus, porque Deus te dá o caminho de tudo, basta tu ter fé, crer, que ele te mostra a porta certa pra tu entrar, e nos pais, porque os pais jamais vão querer o mal pros próprios filhos. Com exceções, é claro. Porque, se eu tivesse ouvido a minha mãe, eu não estaria presa hoje. Não tinha passado por tudo isso e não tinha feito a minha filha passar pelo que ela está passando. E eu sei que a minha mãe quer o bem da minha filha. Então, eu acho que é confiar em Deus, confiar nos pais, não confiar jamais em pessoas estranhas — recomenda Joice, que elenca as melhores situações que viveu no presídio até hoje: — As visitas da minha filha, a cara linda dela. Hoje, as visitas em que ela vem com a minha mãe. Nossa... cada visita eu ver elas entrando assim é uma bênção pra mim, saber que eu tenho alguém que eu amo e que me ama, que não é uma falsa, é uma mãe verdadeira.

Aos 15 anos, Alberto começou a usar drogas. Talvez esta situação — em função das pessoas que conheceu, dos ambientes onde esteve, dos contatos que manteve — ajude a

explicar o fato, relatado por ele, de que, quando ingressou no presídio após o assassinato do taxista, já conhecia mais da metade das pessoas que estavam presas.

Ele diz que as largou, as drogas, uns seis ou sete meses depois de estar preso. Afirma que hoje não usa mais, só fuma cigarro. Reitera que depois que saiu do presídio quer se manter longe delas — no entanto, analisa que não consegue sentir segurança em si mesmo. Ele parou de estudar na 5ª série. Foi expulso de uma escola por causa de uma briga, foi para outra escola, frequentou a aula umas três vezes e depois não mais. Também bebia e usava drogas nas imediações dos colégios que frequentava.

Alberto também, assim como ocorreu com Lucas, alternou momentos durante a entrevista. Às vezes, respostas mais extensas, mais explicativas. E na maioria das situações, respostas curtas, só com o básico.

Quando ele entrou no presídio, em 2008, foi para a galeria e ali ficou por aproximadamente quatro anos. Hoje está na ala do seguro, por pedido dele mesmo, por ter se envolvido em uma briga durante um jogo de futebol, no pátio. Às vezes ele e sua irmã Joice se encontram na casa prisional. Alberto diz que quando namorava a mãe de sua filhinha tinha planos, pensava em um futuro, queria trabalhar e comprar um carro para a filha, uma casa para a namorada. Depois do fim do namoro — foi um ano e dez meses de relacionamento —, passou a viver só o dia a dia, o agora, as situações imediatas, sem idealizar os anos seguintes.

Barcos, casas e porta-joias são alguns dos artigos que ele produz no artesanato que confecciona dentro da cela, e tira algum dinheiro desta atividade, uma vez que entrega para a irmã, que repassa para a mãe adotiva deles, que repassa para companheiras de igreja, as quais conseguem vender — Alberto diz não ter fé, não ser nada religioso. Ele afirma que hoje se considera uma pessoa diferente por, dentro do presídio, ter aprendido a dar valor à família.

— Lá na rua tem muita gente que usa droga que não dá valor pra sua família. Quando uma pessoa cai presa, ela vem ver como faz falta uma família. A isso aí que eu vim dar valor aqui — revela.

— Lá fora tu não dava esse valor todo então.

— Lá fora eu não chegava a ficar dez minutos dentro de casa. De uma semana, eu passava meia hora em casa. Passava só na rua.

— O que tu considera que a vida te ensinou?

— Bã. O que a vida me ensinou? Bã, ensinou muita coisa. A ter mais respeito com as pessoas, coisa que na rua eu não tinha. Hoje eu tento fazer de uma forma, como é que diz, de tentar ser melhor do que eu era antes.

— Tem alguma coisa no teu passado que tu faria de forma diferente, se pudesse escolher?

— Bã... muita coisa. A minha família, que me abandonou, a mãe da minha filha e a minha filha, por causa das drogas. Eu iria fazer diferente, voltar atrás, pra poder ter elas de volta.

— E as duas moram aqui em Cruz Alta hoje?

— Moram.

— E teria mais alguma coisa que tu faria de forma diferente?

— Decidiria arrumar um serviço, né. Na cidade, emprego pra quem não tem estudo eles não dão. Ninguém dá. Uma pessoa que não tem o 1º grau completo, se vai tentar arrumar emprego, não arruma. Nem de pedreiro pra trabalhar tu não arruma emprego assim.

— Tu se arrepende de ter cometido o homicídio?

— Ah, me arrependo. Bã.

— Por que tu se arrepende? Pela vida que não existe mais?

— Pela vida que eu tirei e por essa prisão aí, porque eu achava que matando aquele homem jamais iam conseguir me pegar. Porque meu pai tem mais homicídios do que eu pensava aí na cidade, não está aqui na cidade e até hoje nunca pegaram ele.

— O teu pai biológico?

— Meu pai verdadeiro. E eu já pensava como se fosse: “Hoje eu vou matar e capaz que eles vão me pegar”. Mas matei e no outro dia já cáí preso. Foi bem diferente.

O jovem se recorda do clamor popular que houve nos dias seguintes ao assassinato, avalia que as quase três décadas que suas penas iniciais somam são um tempo considerável, mas não atribui nenhuma culpa à sociedade, ou ao clamor popular, por estar preso ou por ter sido condenado a tantos anos de cadeia. Aquilo que mais anseia para quando sair do presídio é poder trabalhar e, segundo diz, se ver livre das drogas. Algo que ele não esquece é que perdeu muitos amigos em função do uso delas.

— Se o cara usa drogas, todos se afastam porque usa droga. Muitos se afastam de uma pessoa que usa drogas e não dão nem um dedo de conversa. Eu não culpo a sociedade, eu culpo a pessoa mesma que usa droga. A pessoa tem que colocar na cabeça: ou larga de vez as drogas ou se afunda de vez e se afasta das pessoas. Perdi muitos amigos por causa disso.

— Tu acha que quando sair vai conseguir resistir com facilidade às drogas, às más influências?

— Acho que vou. Já faz quatro, cinco anos que parei. Que nem dá na televisão de vez em quando: uma pessoa, pra estar liberta das drogas, demora até 15 anos. Isso aí é um ato que eu quero fazer quando sair daqui de dentro. Quero ver se eu não chego nem perto delas.

— Tu acha que vai enfrentar muito preconceito quando sair?

— Acho. O preso é muito discriminado na rua. No dia em que eu sair daqui na primeira liberdade eu quero ver se eu peço transferência pra outra penitenciária, daí pode ser que em outra cidade eu mude, não acabe voltando pra cá.

— Tu sente bastante segurança em ti mesmo?

— Não. Em mim mesmo não.

— Por quê?

— É que nem muitas pessoas falam: ninguém sabe o que pode fazer no amanhã. Hoje está bem, e de repente amanhã acontece um imprevisto e, quando vê, está ali de novo. Então não me sinto seguro comigo mesmo. Mas pretendo melhorar o máximo que der. 28 anos aí dentro é uma vida.



Facadas que mataram o taxista foram desferidas por Alberto, que revelou tê-lo assassinado por o profissional estar, na época, saindo com uma ex-namorada sua

— Sempre dava uma propaganda do Conselho Nacional de Justiça sobre dar oportunidade a um preso que sai da cadeia, sabe, falava isso na propaganda, e no final aparecia assim: “Errar é humano, mas mais humano ainda é ajudar quem errou”. Então eu nunca me esqueço dessa frase.

Samantha é, entre toda a massa carcerária, uma das pessoas que mais têm contato com os agentes penitenciários e com a equipe administrativa do Presídio Estadual de Cruz Alta. Pode-se dizer, numa definição bem simples, que conta com a confiança destas pessoas. Extrovertida e comunicativa, ela trabalha no almoxarifado do presídio — recebe fornecedores, organiza o rancho, organiza a comida, materiais de limpeza — e ajuda a organizar os arquivos em que estão as fichas criminais dos internos, separadas por ordem alfabética, na sala administrativa. Diz a interna que ela e Joice são, hoje, as presas mais antigas da casa prisional. Samantha gosta bastante de assistir, na sua cela, às programações da televisão, principalmente as matinais. A propaganda a que ela se referia era do programa Começar de Novo, instituído pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2009 e que está em pleno andamento. O programa, executado pelos tribunais de Justiça, que são encarregados de buscar parcerias com instituições públicas e privadas, objetiva viabilizar oportunidades de estudo, capacitação profissional e trabalho para detentos, egressos do sistema carcerário, cumpridores de penas alternativas e adolescentes em conflito com a lei. A frase correta que Samantha ouviu na televisão e que tanto a marcou não é muito distante daquela que ela tinha guardada na cabeça e havia falado para mim: “Errar é humano. Ajudar quem errou é mais humano ainda”, que é o slogan da campanha do CNJ.

Nas duas festas que fotografei no presídio, eu tive a oportunidade de conversar com ela e de conhecer pelo menos parte de sua história. E, nas duas situações, esta história foi algo que me chamou a atenção, por Samantha ser jovem, por a história ter envolvido jovens, com um enredo que reúne ingredientes característicos da juventude atual, como álcool, drogas e a busca por diversão — diversão que depois, no caso deles, se transformou em tragédia. Esta foi uma das motivações pelas quais, desde o começo do livro, tive a intenção de entrevistá-la, a intenção de contar com esta história no livro-reportagem, mostrando ao público que, por mais que em boa parte da sua vida você faça mal apenas a si mesmo, não está isento de um dia isto contribuir para prejudicar *outras pessoas*. Foi o que ocorreu com este grupo de jovens, até porque eles não fizeram mal apenas ao taxista e à vida dele, mas, também, à família do profissional.

Na primeira festa, a do Dia das Crianças de 2011, primeiramente precisei de um tempo — ali, no pátio, em meio aos internos e aos seus familiares — para sentir o ambiente, sentir o clima, e depois discernir até onde eu poderia ir, que tipo de conversa eu poderia ter, e o que seria conveniente fotografar e o que não seria. Era a primeira vez, em toda a minha vida, que eu estava frequentando um presídio, então esta percepção inicial foi muito importante. E, depois que a tive, comecei a me permitir uma maior liberdade, ir conversando aos poucos com os presos, com os familiares, com as mães, ir conhecendo parte das histórias que ali havia e perguntar o que imaginavam para seu futuro, para depois que saíssem dali. Essa aproximação e estes contatos que tive foram todos decisivos para que me despertassem a intenção e o ímpeto de fazer um trabalho posterior mais aprofundado nesta casa prisional. E desde o começo daquela festa, desde quando nossa equipe de Panambi desceu até o pátio, Samantha foi uma das pessoas que se ofereceram para ajudar, para dar o suporte que fosse preciso, e uma das pessoas que mais se mostraram abertas para conversas. Ela foi bastante receptiva.

Para a jovem, sua avó paterna — que é separada do avô paterno, o capitão reformado do Exército —, que a criou, é a sua mãe. Professora aposentada, ela criou o pai de Samantha e as três irmãs dele sozinha. A interna tem um carinho e um amor enormes pela senhora de 74 anos, e fazer a avó pensar que a querida neta está no presídio é uma das situações que, se assim podemos dizer, envergonham Samantha.

Porém, as drogas não impediram Samantha de cometer atitudes que certamente seu amor pelo pai e pela avó paterna não permitiria se ela estivesse em sã consciência — como lhes roubar dinheiro da carteira. E foi ao longo desta entrevista que aprendi o termo “doce”, palavra alternativa utilizada pelos consumidores de LSD para se referir à droga. Samantha se lembra, inclusive, de uma aparição de uma banda brasileira bastante famosa, da região Sudeste, cujo vocalista, segundo descreveu a jovem, se apresentou em um show com um boné em que a palavra estava escrita bem na frente. Para ela, apologia pura.

— Pode ver que tem bonés, que tem certos bonés em que está escrito “doce”. Uma vez o cara do xxxxx se apresentou num show com o boné escrito “doce”. É uma apologia, né? Só que a pior de todas as drogas é o *crack*; eu não fumei muitas vezes, mas nas vezes em que eu fumei, foram... bã... Eu lembro o que eu sentia e não gosto de me lembrar, sabe... Primeiro tu sente um prazer enorme, e se não fosse bom não tinha tanta gente dentro dela, né. Só que ela tem estágios: alegria extrema, felicidade extrema, sensação de poder no começo do efeito, sensação de poder resolver tudo, não existe problema, a vida é linda e maravilhosa. Sabe quando você está numa festa boa, você está feliz, e você consegue ficar com a guria que você sempre quis? Essa é a sensação. Depois... vontade de fumar mais, você precisa sentir aquilo de novo, e, terceiro, se você não tem, dá uma coisa louca, desesperadora, angustiante. Pra mim foi assim. Eu usava, digamos assim, uma vez por mês, quando eu tinha dinheiro, e quando eu fumava, eu *fumava*. Eu acho que se você dá um pega numa pedra fica com o efeito o resto da noite. Eu ficava quieta, angustiada, não queria falar. Mas, desde quando eu vim presa, nunca mais quis saber de droga. Tenho nojo, tenho raiva. Só fumo cigarro. Eu fumava

seis carteiras de cigarro em sete dias. Depois que eu me batizei na igreja, comecei a fumar duas carteiras em sete dias, e ainda sobra. E droga, cara, nunca mais. Tenho nojo. Só de tu falar, tu viu que eu não gostei? Só de nós conversarmos sobre isso? Eu não gosto, me dá uma... Eu não tenho fissura, que nem se fala, eu não tenho vontade: eu tenho desprezo, eu tenho nojo. Nojo. Eu não gosto de pessoas com cheiro de droga perto de mim, eu não gosto de sentir o cheiro do *crack* que eu sinto aqui dentro às vezes.

— Quando você foi presa, você veio de uma sequência de anos usando drogas. Foi fácil você entrar aqui e não usar mais? Seu corpo não sentiu falta?

— Pra mim foi fácil, mas eu acho que eu fui um milagre pra parar de usar drogas. Quando eu cheguei aqui eu não quis saber de drogas, e eu tive a oportunidade, tive porque me ofereciam, porque tinha, porque eu via colegas da minha cela usarem. Tinha colegas minhas que cheiravam, tinha outras que fumavam pedra, eu via elas usarem, via elas cheirarem, via elas fumarem. E na rua eu era usuária de maconha, maconha eu fumava quase todo dia, e até quando eu trabalhei eu fumava maconha. Nunca me atrapalhou. Por isso que eu te digo: de repente, se eu não tivesse sido presa, se eu tivesse conseguido escapar impune, de repente eu estaria perdida na droga, estaria internada, morta, sei lá. O gosto da droga é morte ou presídio. Esse é o gosto dela. Tristeza, desilusão, é o teto da tua casa caindo, é tu se sentir a pior pessoa do mundo e não saber o que fazer, a não ser crer e esperar. Tudo, tudo, tudo me faz falta. Eu não sei o que é comer a uma mesa em paz com a minha família, eu não sei o que é deitar no colo do meu pai ou da minha avó, os meus momentos difíceis eu passo sozinha aqui dentro, então ninguém queira saber como é isso, não precisa. Se eu estou falando que esse é o caminho, não precisa pagar pra ver. Não paguem pra ver. Não sejam tolos que nem eu.

— Caso vocês tivessem conseguido se safar e até hoje estivessem livres, como é que você acha que iria estar a sua consciência hoje? Supondo que vocês tivessem se livrado, que ninguém tivesse descoberto, que vocês tivessem feito o ato e até hoje levado a vida normalmente?

— Eu acho que eu seria uma drogada, de repente estaria morta já, ou internada, porque minha família não iria deixar eu ser atirada, estaria internada, de repente estaria até com crise de perseguição. Acho que eu não seria nem um pouco feliz como eu consigo ser agora, estimando um futuro melhor. Eu iria me sentir pior do que eu me sinto hoje. Bem pior. Eu teria que pagar, até porque se eu não pensasse assim eu não teria me arrependido de verdade.

— Você se entregaria? Você confessaria?

— Eu acho que com o tempo era o que iria me levar a fazer, porque eu não iria suportar carregar isso. Eu não iria suportar. Até porque hoje eu penso: “Por que foi que eu deixei, por que eu não me meti no meio, por que eu não fui mulher, assim como eu fui mulher pra topar entrar numa sujeira dessas, por que não fui mulher, também, e humana, pra me arrepender naquele momento? Por que eu não me arrependi naquele momento e não virei e não deixei atingirem ele, e socorrer ele, e botar dentro do carro, e por que foi que eu não dirigi pra levar ele pra uma delegacia ou pra um hospital e contar toda a verdade? Por que eu não me entreguei na delegacia, se eu estava de carro e passei pela delegacia? Por que eu não fiz isso, por que não fiz aquilo?”. Hoje eu me pergunto por quê, por quê, por quê, por quê, só que na hora eu só pensava: “Eu preciso me safar, eu preciso me safar, eu preciso me safar, eu estou com medo também”. Obviamente, porque eu nunca tinha participado de um roubo, nunca participei de um assalto, nunca vi, a não ser em filme, alguém matar alguém, e de repente eu estava dentro de um assalto e com um cara que eu sabia que tinha desferido facada. Foi a primeira vez na minha vida e valeu por todas, né, porque eu peguei 24 anos de cadeia.

Todos estes anos no presídio têm feito de Samantha, segundo ela, uma pessoa melhor. Talvez ela externe isso no dia a dia, talvez não externe, mas revela que dentro de si sente isso. Seu distanciamento das drogas e sua aproximação da palavra de Deus — conquistados já depois de presa — são as duas situações que a jovem diz encabeçar esta mudança pela qual

analisa ter passado e ainda estar passando. Uma das conclusões a que chegou foi a de que, antes, não era uma viciada em drogas, e sim “uma sem-vergonha que usava drogas”, nas suas palavras. Ou seja, alguém que não tinha por que usar drogas, alguém que não precisava usar, mas que no ímpeto, no afobamento e na imaturidade passou a usar. Samantha se lembra de que, tempos depois de ter sido presa, colocou toda a culpa nas drogas e, com isso, passou a odiá-las. Diz ter engordado em torno de 30 quilos desde que foi presa.

Também, na avaliação dela, não foi apenas sua força de vontade que foi decisiva para que largasse as drogas. O modo como depois da prisão parte de seus familiares e as outras pessoas passaram a olhá-la também acabou sendo fundamental, embora nada agradável naquele momento.

— Eu ver as pessoas não olhando mais pra mim com os mesmos olhos... Não olhando mais para a Samantha como “minha sobrinha”, “minha filha”, “minha irmã”, e sim olhando com um olhar, ao mesmo tempo, de pena e de interrogação... Eu ver as pessoas não mais confiando em mim, me senti realmente como tal. Eu olhar a forma como as pessoas me olhavam, me submeter às normas da casa, isso tudo foi me conscientizando do que eu tinha feito, através de como eu estava sendo tratada. Então isso foi... isso foi me atingindo, com certeza. Isso entristece qualquer um. Mas contribuiu para uma mudança, uma mudança do tipo: “É isso que vão pensar de ti? A mudança é contigo agora, tu vai ter que enfrentar isso”. Eu comecei a ver onde eu estava, comecei a pensar: “Pô! O que estou fazendo aqui? Não, esse não é o meu mundo”. Então tudo começou a ajudar pra minha mudança — relata.

Segundo ela, foi dois anos depois de ter sido presa que sentiu ter tido um arrependimento verdadeiro, algo sentido no coração. Ela reconhece que nesses primeiros dois anos não alimentou muitos sentimentos dentro de si e que não refletiu nem pensou sobre a situação em que havia se envolvido. E este arrependimento, que impulsionou uma série de mudanças nela, ocorreu depois que se pegou chorando dentro da cela por saudades de sua avó paterna — uma vez que esta senhora de 74 anos ajudou a criá-la e é tida como uma grande mãe por parte da jovem. Emotiva e sensível, sua avó só fez a primeira visita à neta na cadeia depois de certo tempo, e hoje nem comparece mais ao presídio. As três filhas e o cardiologista não querem permitir, em função da forte emoção que ela pode vir a sentir durante as visitas. Com isso, avó e neta se correspondem por cartas, levadas e trazidas pelo pai de Samantha. E não são apenas os cuidados da família e do médico que impedem a senhora de ir à casa prisional: a neta conta que sua avó tem a impressão de que presídios têm assombração e soldados de guerra armados com uma espingarda calibre .12, o que faz com que ela tenha receio até de passar perto do estabelecimento. Uma vez, de acordo com o relato de Samantha, seu pai, em um dia de visita, iria levar um material para a filha no presídio e a avó, que estava junto no veículo, pediu que ele nem passasse pela frente da casa prisional — requisitou que o filho estacionasse o carro na esquina, longe dali.

— Uma noite eu me peguei chorando, sentada na cama, porque eu estava com saudades da minha avó, e me perguntando: “Por que, Deus, se eu já sofri tudo o que eu sofri pela minha mãe?”. E resolvi conversar com Deus, sabe: “Pô, Deus, por que tu permitiu tudo isso pra mim? Por que isso tudo aconteceu pra mim?”. Tipo, eu não pensei em nada, só pensei em mim novamente. Aí me deu um sentimento, e parece que uma voz do interior, uma voz da consciência, do Espírito Santo, me disse: “Tá, mas espera aí: tu volta pra casa, e ele? Ele não volta pra casa. Os filhos dele ainda estão chorando por ele, e vão continuar, porque ele não vai sair do cemitério, e tu um dia vai sair da cadeia”. Parece que uma coisa me falou assim dentro de mim. E eu senti naquela noite o arrependimento, daí orei pelo taxista morto, orei pela família dele, chorei, sofri, sofri. Sofri naquela noite por pensar na família dele. E daí eu me esqueci da minha situação, de dor, de saudade da minha avó, e sofri. Nunca vou esquecer, era em maio de 2010, e me deu uma coisa assim, sabe. E ali eu comecei a ter mais comunhão com Deus, a partir daquele sentimento que tive, e daí eu senti e realmente entendi que não tive

amor pelo próximo. Eu sempre fui o tipo da pessoa que pensou assim: “Se um ônibus for atropelar alguém, eu vou me meter na frente e vou salvar”. Sempre pensei naquelas coisas de filme, sabe, tipo, eu daria minha vida por alguém! Mas daí, quando eu tive a oportunidade de dar a minha vida por alguém, eu não dei. Então isso seria uma coisa que eu estipulava mas que não faria quando pudesse? Foi isso que eu concluí. Daí tudo mudou na minha cabeça, eu comecei a aceitar. Eu comecei a aceitar que eu estava aqui.

De família católica, Samantha, antes de ser presa, chegou a participar da juventude da igreja, mas teve uma aproximação maior de Deus após começar a frequentar os cultos que há no presídio, nos sábados pela manhã — das 9h às 10h, a Igreja Cruz Alta, na qual foi batizada em novembro de 2011, dentro do presídio, em uma piscina, e a cujos cultos ela assiste, e das 10h às 11h a Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Samantha diz que acredita na vontade de Deus e que, em estando no presídio durante todo este tempo, talvez ele a tenha livrado de coisas bem piores ou até da morte, com base no estilo de vida que vinha levando. Para ela, muitas vezes, Deus usa o sofrimento para fazer as pessoas melhorarem e terem uma vida mais correta.

— Deus não mata mas achata, como dizem, porque ele permitiu o inimigo me tocar. Não me tocar, mas cair nessa emboscada dele (*do inimigo*). Muitas vezes Deus usa o sofrimento. Acredito que ele está comigo e permitiu, sim, por mais que dor e sofrimento não venham dele. Quem planta dor e sofrimento é a gente, fazendo as coisas humanas e carnis. Deus quer que a gente não seja assim, mas ele não vai simplesmente deixar alguém impune. É preciso buscar sabedoria de Deus, porque com a sabedoria humana tu só... se ferra. Eu acho que ninguém precisa pagar pra ver. Tipo, dê valor agora, dê valor, não passe por o que eu estou passando, porque dói — recomenda.

Um dos piores momentos que Samantha viveu no presídio foi quando recebeu a notícia de sua pena, trazida pelo pai em um dia de visita — a sentença saiu em janeiro de 2009. Ela diz que esperava ser condenada, mas “não a tanto”, nas suas palavras, e relata que seu advogado havia estimado que a cliente seria enquadrada apenas em roubo e extorsão, e não em latrocínio — algo que lhe dava uma certa esperança quanto a uma pena menor. Quando seu pai contou sobre os 24 anos e 10 meses, ela não acreditou. Ficou incrédula, e começou a rir de tão nervosa. Não chorou; afirma que quando está nervosa não consegue.

Apesar de, digamos, ter se reencontrado como ser humano durante a permanência no presídio, e de hoje ter uma vida longe das drogas e perto do Deus que tanto ama, Samantha alimenta certo receio quanto ao momento em que tiver cumprido sua pena e estiver na rua, de volta à convivência em sociedade. Isso porque, ao mesmo tempo em que recebe diversos recados sobre pessoas que perguntam como está, sobre pessoas que se preocupam com ela, Samantha também vê chegarem até ela comentários de que, fora do presídio, muitas pessoas pensam que foi ela quem desferiu os golpes que mataram o taxista. Tudo isso, somado ao clamor popular já existente em relação a este crime, causa certo receio na jovem. De acordo com Samantha, ela não tem medo do que possam fazer com ela ou medo de morrer — “Eu tenho medo de morrer sem salvação, isso sim”, declara —, mas, sim, medo de uma possível discriminação, de possíveis humilhações. Enfim, “medo do que eu vou enfrentar quando sair daqui”, afirma. Porém, as esperanças em relação ao seu futuro não deixam de ser enormes. Ela quer fazer uma faculdade, se formar, trabalhar, ter filhos.

— Não penso em namorar, não penso em festa. Não penso em tudo que eu fazia antes, não penso. Eu quero juntar dinheiro, quero construir, quero ter uma casa minha, eu quero comprar móveis meus. Eu quero ter família. Eu quero — finaliza uma esperançosa Samantha.

CAPÍTULO 5 – O interno que prega para os internos

“Deus jamais vai nos desamparar. Ele jamais vai se afastar de nós. Em todos os momentos ele vai estar conosco. Ele é fiel. Ele foi fiel com Jó, quando Jó estava no meio da tribulação, quando Jó estava passando por momentos de dificuldade. Assim somos nós. Nós estamos presos aqui, irmãos, à mercê de perigos, à mercê de guerras, à mercê de rebelião, à mercê de problemas, à mercê de não ter paz, de não ter tranquilidade. Nós estamos convivendo uns com os outros aqui dentro e não é nada fácil conviver uns com os outros. Se lá fora, com a nossa família, nós já enfrentávamos dificuldades de convivência, de conviver com os nossos familiares, quanto mais aqui dentro, irmãos, em que nós não somos nada um do outro, nós não somos parentes de sangue. Mas nós estamos enfrentando dificuldades, muitas vezes, de se relacionar com o nosso companheiro de cela. Mas nessa manhã, independentemente das lutas, das dificuldades, das tribulações, o Senhor Deus, o Senhor Jesus, o amigo Espírito Santo, ele está conosco, ele não se afasta de nós em momento nenhum, independentemente da batalha, porque Deus é fiel. Foi fiel com Jó, vai ser fiel conosco. Eu não sei que luta, que dificuldade vai vir nesses próximos dias sobre a minha vida, sobre a tua vida, sobre a vida dos irmãos que vêm ministrar a palavra, mas com certeza, irmãos, se nós permanecermos na presença de Deus, se permanecermos na palavra, se nós nos sujeitarmos à palavra, nos humilharmos, com certeza, irmãos, Deus não vai desistir de nós, ele vai se prostrar.”

Celso, 32 anos, natural da cidade onde está preso, um apenado de pele branca e encorpado, está em sua segunda passagem pelo Presídio Estadual de Cruz Alta. Na primeira vez, em janeiro de 2006, havia sido preso por tráfico de drogas — *crack* e cocaína — e porte de armamento restrito. Ele trabalhou em uma indústria de Panambi de 2002 a 2005; morando na cidade, conheceu uma garota que depois viria a ser sua noiva; quando foi demitido da empresa, tiveram início as dificuldades financeiras e então começou a se envolver com o tráfico de entorpecentes em Panambi. Segundo o apenado, ele achava que assim fosse conseguir melhorar a sua situação financeira, e descreve aquele início no tráfico “como uma válvula de escape para conseguir suprir as necessidades”. Acabou assistindo ao fim do seu noivado e da sua liberdade: depois de preso, foi condenado a oito anos, em regime inicial fechado. Ficou pouco mais de dois anos recluso, progrediu para o regime semiaberto e, posteriormente, para o aberto.

Embora no regime semiaberto, naquela época, nos dias úteis, ele pudesse sair pela manhã e tivesse de se reapresentar na casa prisional todo dia às 19h, para ali passar a noite, Celso era autorizado a chegar por volta das 23h ao Peca, pois estava estudando fora do presídio. Ele estava cursando Gestão de Empresas Rurais na Universidade de Cruz Alta (Unicruz), que é um curso sequencial, noturno, com a duração de quatro semestres — cursos sequenciais são cursos de nível superior mas sem caráter de graduação, e têm curta duração. Além do curso à noite, quando desta sua primeira prisão, ele passava manhã e tarde trabalhando na área administrativa de uma oficina mecânica.

Depois de ficar quase dois anos trabalhando nesta oficina mecânica e de juntar dinheiro com o salário que recebia, Celso, já no regime aberto, abriu um negócio próprio, com a ajuda de familiares e amigos — uma distribuidora de gás. Nesta distribuidora, ele dava emprego a um outro rapaz, que nunca se envolveu em nenhum crime, e a um apenado que já estava preso naquela época e hoje ainda está, também no Peca, por um homicídio ocorrido em Panambi.

Pouco antes de sua formatura no curso de Gestão de Empresas Rurais, que iria ocorrer em 28 de fevereiro de 2010, Celso voltou a ser preso, perdeu o direito ao regime aberto e retornou ao fechado, no dia 13 daquele mês, data do seu aniversário. Celso, o apenado que

trabalhava com ele e o terceiro rapaz foram acusados de participação em uma série de assassinatos que ocorreram na cidade entre 2008, 2009 e 2010, de pessoas que tinham envolvimento com o tráfico de drogas e outros crimes. Desde então, ele e o outro apenado estão em prisão preventiva cautelar, aguardando julgamento, e o terceiro rapaz está respondendo em liberdade. Celso se diz inocente, revela que vem lutando na Justiça para reverter a situação e considera que a sua prisão é decorrente de uma intenção da mesma Justiça de vincular tráfico de drogas — pelo qual havia sido preso na primeira oportunidade — e homicídio, crime pelo qual o apenado para quem ele dava emprego estava preso.

As palavras que você leu na abertura deste capítulo foram ditas por aquele que se considera um outro Celso, alguém muito mais próximo de Deus e que, por conta disso, segundo revela, mudou seu modo de encarar a prisão, seus dias, suas angústias — enfim, a vida. De acordo com o apenado, que é de família evangélica, ele já havia conhecido Deus em sua vida fora do presídio, mas em certo momento se afastou e não quis mais saber de religião. Aproximadamente sete meses depois de ter sido preso pela segunda vez, Celso teve aquilo que diz ser uma conversão, a sua “retomada com Deus”, segundo descreve. Boa parte disso ele credita aos cultos que ocorrem no presídio nos sábados pela manhã, os quais passou a frequentar e que oportunizaram que tivesse uma aproximação maior dos ensinamentos divinos. E as palavras que abrem este capítulo foram proferidas pelo apenado, dirigindo-se aos companheiros de casa prisional, em um dos cultos realizados pelas igrejas nos sábados: Celso hoje desenvolve um trabalho de evangelização no presídio, todos os dias, durante os banhos de sol no pátio. Ele conta com a ajuda dos próprios integrantes das igrejas que vão ministrar os cultos, pessoas estas que o abastecem com material de evangelização para ele distribuir nos seus trabalhos dentro do Peca.

— Após esse período depois de eu ter voltado à prisão, comecei a entender o propósito de Deus para a minha vida, e aí eu caí em mim que o mundo fora da presença de Deus não vale a pena, não compensa. Eu firmei um propósito na minha cabeça: eu preciso de Deus, eu preciso de Jesus, eu preciso da presença de Deus na minha vida, porque senão não vai ter como eu aguentar. É um laço. Eu sirvo, na verdade, como uma ponte aqui dentro, uma ponte que liga o pessoal que traz a palavra no sábado a esse trabalho meu que se estende pela semana toda, diariamente — diz Celso, que no presídio trabalha, como forma de remição de pena, repassando à massa carcerária os medicamentos prescritos pelo médico e fornecidos pelo Estado, tanto os controlados quanto os não controlados.



Celso (em pé, ao fundo) está preso acusado de envolvimento em uma onda de homicídios ocorridos em Cruz Alta. Ele se converteu durante esta segunda passagem pelo presídio e hoje desenvolve um trabalho de evangelização, diário, na casa prisional

Filho de pais separados, Celso praticamente não recebe visitas. Segundo ele, depois desta segunda prisão, nem seu pai nem sua mãe foram ao presídio. No máximo alguns amigos, “quando se lembram”, diz. Ele tem sete irmãos, dos quais apenas dois moram em Cruz Alta. Celso também é pai: ele tem um menino de 2 anos de idade, fruto de um relacionamento que durou quase quatro. Depois de ele ter sido preso pela segunda vez, a relação com a mãe da criança durou mais 11 meses e então terminou. As poucas vezes em que ele vê o filhinho, que mora com a mãe, são quando sua ex-sogra leva a criança ao presídio, situações em que Celso conta com a compreensão do setor administrativo. A última vez foi no Natal de 2012.

— Tu tem alguma mágoa da família ou conduz bem isso? — eu pergunto a Celso, que antes de ser preso tinha o sonho de trabalhar e constituir família e hoje convive com mais cinco presos em sua cela na galeria.

— Eu procuro não nutrir sentimentos ruins dentro de mim, pela palavra de Deus. Porque Cristo mudou meu coração internamente, tirou esse tipo de sentimento, entende, e pelo contrário: eu sinto amor por eles, e eu entendo o fato de eles não quererem se humilhar, se constranger de vir aqui dentro pra me acompanhar nessa trajetória que estou traçando aqui. E eu respeito essa escolha deles. Mas eu creio que respeito mais pelo amor de Deus, que está na minha vida, no meu coração, e não pelo fato de eu querer ser uma pessoa boa ou não. Porque, em si, a Bíblia fala que não tem bem algum que habita no homem por si. Se o Espírito Santo não estiver presente nas nossas vidas dentro de um estabelecimento prisional, só vão prevalecer o ódio e a revolta. Mas eu não tenho isso. Eu tenho muito o contrário: um sentimento bom por eles, inclusive pelas pessoas que me prejudicaram no espaço de tempo em que estou aqui. Não consigo. Quando eu sinto um sentimento de raiva ou qualquer outro sentimento, eu oro a Deus, o Espírito Santo tira aquele sentimento e eu volto a me sentir leve

de novo. Eu creio e tenho certeza de que é porque o amor de Deus está na minha vida hoje. Se fosse um tempo atrás, antes de eu me converter, com certeza eu teria um sentimento ruim por eles, aquele meu velho eu, entendeu? E a transformação começa quando você se converte ou toma um propósito com Deus, e isso se estende até o fim da sua vida e, muitas vezes, até o final, você ainda não mudou o suficiente que Deus gostaria que você mudasse, porque as transformações ocorrem de forma lenta, não são uma transformação repentina. As coisas que ocorrem de forma repentina não produzem frutos prolongados, que te levem a permanecer daquele jeito até o fim da tua vida, da tua trajetória. E uma transformação lenta, demorada, é uma coisa que ocorre e produz frutos irreversíveis, quando tu permanece no caminho, na palavra de Deus, e esses frutos continuam sendo produzidos pela tua própria vida, no teu dia a dia, no teu relacionamento com as pessoas, com os familiares, com os amigos que se lembram de ti, ou até mesmo com as pessoas que te perseguem, te prejudicam, porque ali vai estar presente o amor de Deus — analisa o apenado, que diz que quando sair da prisão vai buscar retomar a comunicação e o contato com seus pais e seu filhinho.

Celso se divide ao falar sobre o que o presídio tem sido na sua vida ao longo dos anos.

Por um lado, ele define como um teste de sobrevivência, um ambiente nada bom, pesado, discriminatório, marcado, na maioria das vezes, por ódio, revolta e outros sentimentos negativos. Para ele, “somente a pessoa que realmente consegue a graça de Deus consegue mudar de vida ou permanecer, porque, senão, entra mais ou menos ruinzinho e sai terrível, ou entra bom e sai ruim, porque o sistema prisional é uma escola do crime”.

— O medo dentro do sistema prisional, de certa forma, é constante. É constante, porque aqui dentro nós estamos à mercê de qualquer coisa. Para um cristão já não é dessa forma, porque o mundo passa a ser descartável, e isso existe pela confiança em Deus. Mas, de uma forma geral, o medo está presente no estabelecimento prisional diariamente, dia e noite, porque aqui dentro o ambiente é como se fosse um ambiente de deserto: de dia, é um calor escaldante, e à noite faz até 6 graus negativos. Ou seja: está tudo ótimo, tranquilo, e daqui a pouco dá uma desavença, um desentendimento, e é instaurada uma guerra — compara.

Por outro lado, ele se diz bastante feliz por conta do trabalho de evangelização que tem desenvolvido lá dentro, o qual tem expandido positivamente sua relação com as pessoas e resultado em laços de amizade, “e as relações que não são de amizade pelo menos não são de desavença”. Ele declara que, com o passar do tempo, está conseguindo, por meio da palavra de Deus, se educar em muitos aspectos em que anteriormente não tinha uma visão tão aberta. Para ele, Deus consegue lhe ampliar a visão para novos horizontes, para conseguir do péssimo tirar o mais ou menos, do mais ou menos tirar o bom, da situação terrível poder tirar algo, separar algo de bom, para poder conseguir manter os seus sonhos fixos e os objetivos que tem para daqui a uns anos, para futuramente, quando deixar a prisão, poder dar continuidade à sua vida.

— Tem algo no teu passado que tu faria de forma diferente, hoje, se pudesse escolher? — eu questiono.

— Sim. Eu não me envolveria com o crime, com a vida fácil, especificamente com o tráfico. Por mais que na sociedade as condições de vida sejam difíceis, eu creio e acredito que não deveríamos buscar formas alternativas de facilitar ou minimizar o nosso sofrimento, a labuta diária, o trabalho, porque, quando nos envolvemos com o tráfico de drogas, ou outros crimes, há três caminhos: uma porta se fechando, que é a porta da sociedade, e outros dois caminhos que se abrem para nós, duas portas novas, que são a porta do cemitério e a porta da prisão. Então, fica claro que o crime não compensa. Não vale a pena. Todos aqueles que tiverem a oportunidade de mudar sua trajetória de vida, que mudem. Que se voltem para Deus ou para uma vida social. Eu não digo só especificamente no sentido religioso, mas no sentido de uma vida social, e não se voltem pro crime. Se o crime compensasse, as prisões não estariam superlotadas, não haveria tantas pessoas morrendo de forma cruel no crime,

envolvidas em execuções sumárias e tantas outras coisas, ou também perdidas nas drogas ou com envolvimento no crime organizado. Então, a vida pra mim está sendo um aprendizado, em que coisas ruins ou erros não podem ser repetidos, mas sim usados para mudar minha trajetória.

Em sua visão, estando no presídio, Celso amadureceu bastante em muitos aspectos não por o sistema prisional proporcionar as condições necessárias, mas, sim, por ele mesmo ter buscado isso, por ter corrido atrás. Crítico daquilo que para ele é uma discriminação da sociedade contra presidiários ou ex-presidiários, o apenado não quer que a sua experiência como empregador de um apenado — como ocorreu enquanto teve a sua distribuidora de gás — tenha ficado naquilo, morrido ali. Proporcionar estas oportunidades a presos é um dos grandes projetos que tem para o futuro, para quando deixar o presídio e tiver a sua independência. Antes, porém, nos primeiros momentos em que estiver reintegrado à sociedade, ele sabe que vai ter de batalhar muito para concretizar o sonho de novamente ter seu próprio negócio e poder colocar esta ideia em prática.

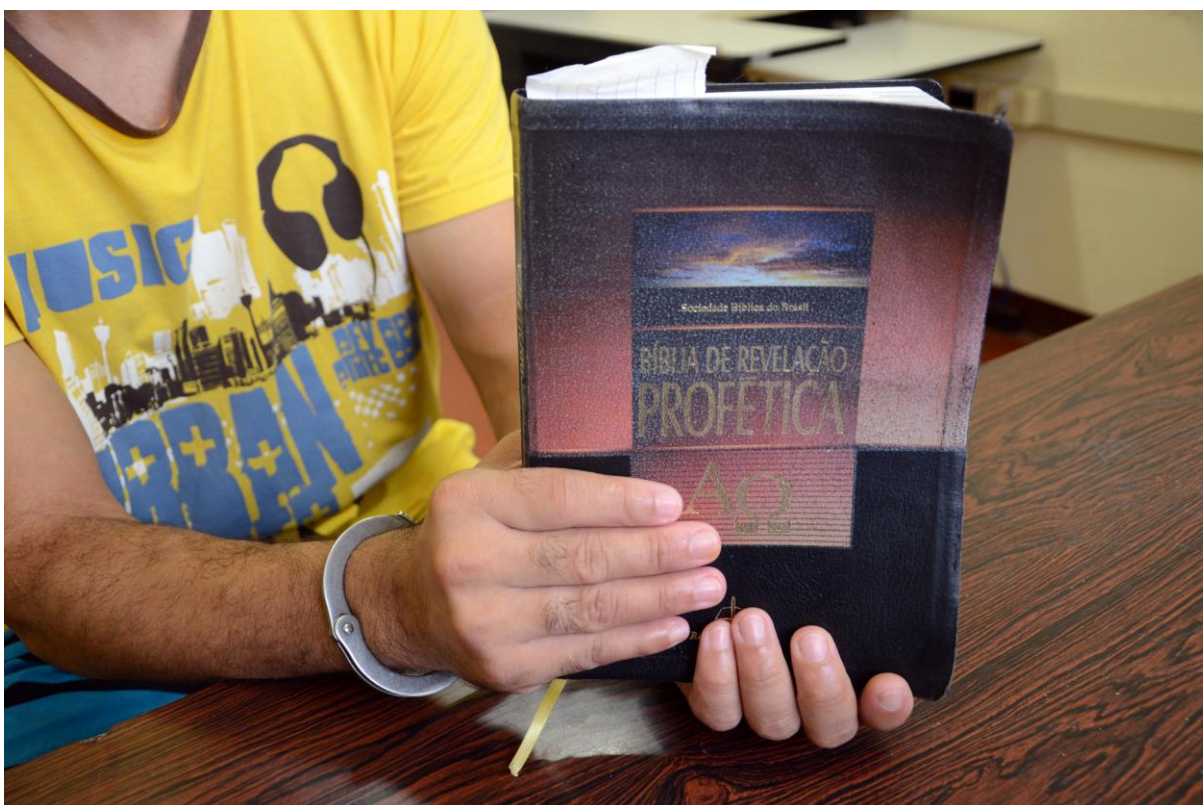
— Pra quando eu sair daqui eu tenho uma meta: primeiramente, permanecer no caminho da verdade da palavra de Cristo, ter uma vida social, me reinserir novamente na sociedade, se me dada for a oportunidade, e conseguir um trabalho numa empresa na qual eu tenha uma remuneração suficiente pra me manter, pra minha assistência primeiramente, e depois, futuramente, após o crescimento, a batalha, o crescimento no sentido profissional, pelo fato de eu ser gestor em empresas rurais, eu acredito que vou ter algumas oportunidades a mais e poder ter uma vida melhor. Poder construir uma plataforma econômica, ou uma sustentação financeira mais sólida, e ter a minha própria empresa. Quero abrir portas pra outras pessoas que estão aqui dentro cumprindo pena se reinserirem na sociedade. Estabelecer um meio de eles poderem ganhar a vida de forma digna, retirar eles do crime, abrir portas no sentido espiritual e dar um acompanhamento espiritual pela própria empresa, e um meio de eles ganharem a vida sem precisar se envolver com o crime, sem ter que retornar pro crime. Porque, eu já tendo a visão e conhecimento do que vivi aqui dentro, do que eu participei aqui dentro, de todas essas dificuldades que os apenados têm no dia a dia, eu creio que através da minha posição como empresário eu vou conseguir suprir uma parte dessa necessidade que eles têm, e aí não vai haver a necessidade de eles retornarem pro crime. Vou poder abrir portas que vão mudar a vida de muitas pessoas, talvez milhares. Isso nem aconteceu, mas é um sonho: ministrar a palavra de Deus para que vidas sejam salvas através do amor de Jesus Cristo, da palavra dele, e também abrir portas de emprego.

Ele é uma pessoa que desenvolve e articula bem as suas falas. Cada palavra proferida parece ter sido pensada com calma e exatidão. Transmite ser alguém bem esclarecido, e fala pausadamente, dosando a entonação em cada momento. Certamente seu trabalho de evangelização realizado dentro do presídio aprimorou muito sua oratória.

Para ele, a vida não deve ser avaliada pelo tempo durante o qual uma pessoa vive, mas, sim, pelas experiências que esta pessoa teve e tem. Independentemente da quantidade de erros que o indivíduo tenha cometido ou venha a cometer, o apenado analisa que eles não devem ser usados como algo a ser repetido, e sim como algo a ser modificado com a finalidade de tornar o indivíduo melhor. Celso destaca que por meio dos erros nós reconhecemos que somos seres humanos e que a vida é feita não apenas de acertos, sucessos, êxitos. E, na visão dele, não se reconhece isso pela quantidade de erros nem pela quantidade de acertos, e sim por aquilo que se absorve de cada experiência vivida. Celso diz que para ele

a vida se resume a isso: o aprendizado que se tira de cada experiência, seja ela boa ou ruim. Ele reitera que sobreviver no sistema prisional não é nada fácil, mas que quer usar as experiências e os erros que cometeu para crescer e se tornar uma pessoa melhor. Também declara que, por meio de seus erros praticados e das experiências que teve, quer ministrar a palavra de Deus para outras pessoas e aconselhá-las, para que não venham a agir como ele agiu em determinadas situações e possam superar os seus erros e melhorar como pessoa.

Diz querer, com tudo isso, que as pessoas façam de sua vida um espetáculo e não uma tragédia. Celso cita a sua própria situação e afirma, categoricamente, que essa experiência que novamente está tendo foi um motivo apresentado por Deus para conseguir se reaproximar dele e poder ver no meio do inferno o paraíso.



Para quando deixar a casa prisional, Celso quer continuar pregando a palavra de Deus. No campo profissional, idealiza dar oportunidades de trabalho a apenados

Celso tem algumas visões críticas sobre Estado — não o Rio Grande do Sul, mas aquele que administra a nação —, sistema prisional e sociedade. Para ele, além de o Estado não desenvolver um sistema carcerário que regenere o ser humano e contribua para que ele não volte mais à atividade criminosa, muitos crimes cometidos pela primeira vez ou já na reincidência são decorrentes da falta de oportunidades oferecidas pela sociedade — não que na visão dele os crimes devam ser totalmente creditados a isso, mas, para Celso, esse é um dos fatores que podem vir a contribuir. Ele não está falando do seu caso, mas, sim, de modo geral. Para Celso, a sociedade discrimina os detentos ou ex ao não lhes dar oportunidade de emprego no momento em que objetivam se reinserir, e, na visão dele, isso é motivo de grande parte dos casos de reincidência no mundo do crime.

— Ao retornarem para o seu convívio social, eles veem a sociedade fechar as portas para eles. Então, uma vez que você passa pelo estabelecimento prisional, você carrega o estigma estampado na testa, as pessoas vão olhar pra você e dizer: “Ó, esse aí é ex-presidiário, pra esse daí eu não vou dar emprego”. E o próprio mercado praticamente exige o seguinte: a

primeira coisa que eles pedem é uma carta de bons antecedentes. Aí a pessoa vai apresentar sua ficha e ela tem um homicídio no seu passado, tem furto, tem assalto, tem tantas outras coisas, vai apresentar e a primeira coisa que o empregador vai olhar vai ser isso. Ele vai olhar, vai ver que consta alguma coisa no sentido criminal e, automaticamente, a pessoa vai pra descarte na hora da contratação. Então, eu acredito que a sociedade e o sistema geral, o Estado, deveriam modificar esse tipo de posicionamento, esse tipo de visão com que eles olham um apenado, como eles olham um ex-detento, como eles olham pra alguém que está voltando pra sociedade querendo se reinserir, querendo ocupar um lugarzinho lá, pra recomeçar a vida — enfatiza Celso.

Para ele, sociedade e Estado deveriam promover mudanças neste sentido. A sociedade, não discriminando, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. E o Estado, para Celso, “deveria investir em políticas públicas específicas para a reinserção social dos presos. Isso desatolaria as prisões, que estão superlotadas por pessoas que na sua maioria reincidem no crime porque não têm oportunidade, porque não são reabsorvidas pela sociedade”. Ele diz que é preciso que o Estado projete programas voltados não para atender unicamente às necessidades ou às expectativas do próprio Estado e da empresa empregadora, mas, também, para que a realidade de presidiários e ex-presidiários seja mudada, seja diferente. Na visão do apenado, os autores de crimes, à medida que vão sendo presos, são apenas retirados de circulação, e não posteriormente reabsorvidos pela sociedade e pelo próprio Estado, o qual, na análise de Celso, “não quer saber onde o preso vai ficar, as condições em que ele vai ficar, se é um ambiente saudável, se é um ambiente que o regenera. Muito pelo contrário: o ambiente degenera, o ambiente destrói”.

Na sala das entrevistas, um homem baixo, razoavelmente magro, não totalmente careca — há fios de cabelo que circundam sua cabeça —, de camiseta amarela, bermuda e chinelos se senta à minha frente e coloca os cotovelos sobre a mesa. Túlio tem 66 anos e é natural de Cruz Alta. Pedreiro por profissão, ele nunca foi à escola, não sabe ler e a única coisa que sabe escrever é o seu nome — “mal e mal”, diz, pronunciando como que um “malemal”, juntando as três palavras. Ele teve dois filhos ao longo da vida, com a mesma mulher, com quem havia se juntado em Porto Alegre na década de 1970, num relacionamento que durou um pouco mais de dois anos. Uma garotinha faleceu com 1 ano e meio de vida, e o outro filho ele não vê desde aquela época. Conta que, se um dia for procurá-lo pelo nome, não vai achar, porque já se esqueceu; além disso, diz nem saber se a mãe do rapaz ainda é viva.

— Eu e a minha mulher daquela época estávamos batendo boca por causa do pai dela, que era muito bêbado, e eu não gostava de bêbado. Daí eu falei, ela não gostou e eu saí da casa. Dali a uns 15 dias eles se mudaram e nunca mais vi. A minha sogra era muito nojenta, pegou a filha e o neto e se sumiram, nunca mais consegui achar eles.

Hoje recluso em uma cela do seguro juntamente com mais quatro apenados, Túlio perdeu a mãe biológica aos 6 anos e o pai aos 7. Com isso, em Cruz Alta, passou a ser criado por um tio seu, hoje já falecido, que, segundo o relato do apenado, lhe batia bastante. Túlio fugiu do tio e foi morar na rua. Tempos depois, um juiz o viu ali e, após, viabilizou a adoção do então garoto para uma nova família, que morava no interior de Cruz Alta, em uma fazenda.

Porém, essa nova fase de vida não significou o fim da violência que sofria — ele sempre apanhou do pai de criação. Túlio se criou com essa nova família e só saiu de lá para servir ao quartel. O casal já morreu, mas a fazenda ainda está lá, administrada por filhos do casal e por um genro.

— Se meu pai de criação não me pegava de dia, pegava de noite. Quase me matava a pau. Ele me pendurava pelo pescoço, com uma corda, numa pitangueira. E se eu inventasse de disparar dali e derrubar ele, ele me dava um tiro, então eu tinha que aguentar. Sem me apoiar em nada e nada; ficava erguidito. Ele me surrava, depois via que eu estava sem ar, e quando ele via que eu estava me sentindo mal ele afrouxava. E dava pau. Tem gente aí, que acho que não morreu ainda, que sabe de todas essas histórias. E eu levantava às 3h pra tirar leite. 50 vacas, e mandava leite pra cidade todo dia. Campo, gado, frango, tinha de tudo. Nessa idade eu pegava o arado e ia lavrar, fazia tudo. E se não lavrava o pau pegava. Plantava milho, arroz, mandioca, cana — relata Túlio, que hoje está juntado com uma mulher de 55 anos; ela tem dois filhos, que moram em Porto Alegre e Santa Catarina, e uma neta, de 9 anos.

Ele está preso por estupro. Começou a cumprir a pena em janeiro de 2010. Assim como Celso, se diz inocente.

Esta história de estupro, ocorrida em Cruz Alta, envolveu uma menina que na época tinha 13 ou 14 anos, relata ele. Túlio conta que era solteiro e estava se envolvendo com uma mulher, que recém havia se separado do marido e, além da vítima, tinha mais uma garota, então com 18 anos, e um garoto, de 8. A mulher e os filhos residiam no mesmo prédio onde Túlio residia, até que ela foi morar com Túlio no apartamento dele, que era alugado, e fez menção de levar os três filhos junto. Segundo o apenado, ele pediu que ela levasse apenas o garoto, e não as duas meninas. Não queria se complicar, relata.

— Ela (*a garota mais nova*) já andava fervendo por aí e ainda anda fervendo com o cara que fez mal pra ela. Pra ver como é que são as coisas, né, tchê. Mas são coisas da vida — diz ele.

Túlio teria dito para a mulher, então, que os dois iriam se separar, porque ele não iria querer a presença das filhas dela no apartamento. No meio desta separação, o ex-marido, que estava morando em outra cidade, teria ficado sabendo do relacionamento dos dois e voltado para Cruz Alta, por ciúmes — e é este homem que Túlio diz que teria estuprado a garota. Ele afirma que, quando este homem começou a acusá-lo de ter cometido o estupro, o próprio hoje apenado levou a garota para fazer exames e o resultado atestou que ela não tinha sido abusada, tampouco tocada por alguém. Dias depois, então, é que o outro homem teria cometido o ato, no pátio do prédio.

— Pra ti ver que a mentira é tão sem-vergonha: eu não estava em casa quando teve o estupro, tinha saído trabalhar, e a mulher também foi. E esse guri de 8 anos foi lá no meu serviço avisar que a irmã dele tinha subido a escada pingando sangue. E aí eu fui pra casa, olhei, e vi mesmo. Fui no serviço da mulher e reclamei, e fui lá falar pra ela ir em casa ver. Aí, antes de nós chegarmos em casa, a guria já não estava mais; o pessoal do Conselho Tutelar foi lá e pegou a criança. Eu tenho provas de que estava no serviço, mas o meu advogado não pediu minhas testemunhas. Se ele tivesse pedido mais pra mim, eu teria arrumado umas dez e não estaria preso. Acabou sendo uma acusação que eu tive que aceitar porque eu não tive prova. O homem fez complô porque não queria que eu vivesse com a mulher — avalia Túlio, que revela ter ficado sabendo que em uma conversa do ex-marido dela com a mulher o homem teria dito: “Consegui pegar ele e botei no ** dele”.

— É a primeira vez em que o senhor está preso? — eu pergunto.

— A primeira, graças a Deus. Depois de velho, fui ficar preso. É isso que eu não tiro da cabeça.

— Como era a sua vida anteriormente?

— Mas eu ia a tudo, tchê. Eu trabalhava, mas chegava o fim de semana e eu saía, ia bailar, fazer festa. Só que eu era quieto, fazia quieto, fazia minhas festas e depois ia embora pra casa. Nunca fui de bronca. E agora, depois de velho, fui preso, por uma coisa que eu tenho certeza de que não fiz. Eu já tive filhos. Sei como é que é. Eu tenho uma neta agora, de 9 anos. O senhor acha que eu vou fazer isso com uma criança? Só quem é louco da cabeça. Eu

chamo ela de neta, e ela me chama de avô. E lá em casa ela é meu xodó. Ela só fala no meu nome. Essa gurria, quando ficou sabendo que eu tinha sido preso, eles tiveram que levar pro médico, deu uma coisa na gurria. Eles acharam até que a gurria ia morrer. Ainda agora, de vez em quando, quando ela pergunta de mim, minha mulher fala que ela se encolhe. Então: como é que eu vou agredir uma inocente que não pediu pra vir ao mundo? Como é que eu vou fazer mal pra uma criança, tchê?



Aos 66 anos, Túlio alega inocência da acusação de estupro pela qual está preso

Túlio diz que nunca se envolveu com drogas e nem fumou. Na única vez em que colocou um fumo na boca, seu pai de criação descobriu e o fez “engolir e vomitar até as tripas”, como relata, e, depois, então, nunca mais quis nem sentir o cheiro do cigarro. Ele conta que antes de ser preso estava juntando dinheiro para realizar um dos grandes sonhos da sua vida, interrompido pela sua prisão.

— Eu estava juntando dinheiro pra comprar uma casa, já tinha uma em vista. O que eu queria ter na minha vida era uma casa minha, sabe, e isso foi o que eu nunca pude. Essa foi uma felicidade que nunca pude ter, uma casa de mim. Sempre vivi de aluguel, sempre paguei aluguel, porque não tive condições de comprar minha casa. Eu quero ter uma casa pra mim pra ter sossego, pro fim da minha vida, se Deus quiser. Eu tenho minha esperança de que antes de morrer eu ainda vou ter uma casa. Não vou dizer pro senhor que eu vou conseguir, por causa da minha idade, mas eu queria. Se Deus me ajudar e me der força pra ter uma casa, eu quero ter.

Ele não recebe visita com muita frequência. A mulher com quem se relaciona tem diabetes, osteoporose e problema de coração, o que faz com que não reúna muitas condições. Túlio relata que “ela até caminha sozinha, mas não pode se abaixar, senão cai. Não pode fazer nada. Se ela erguer a cabeça e depois baixar, fica tonta e cai”. E ele revela um grande carinho por essa nova família. Afirma que esta senhora é uma mulher muito boa com ele, que sempre o ajudou e ainda ajuda, e agradece muito por ela estar até agora o “aturando”, como diz o

apenado. Ele conta, ainda, que os filhos dela querem muito bem a ele e o consideram como pai. Para Túlio, se ele repentinamente fosse solto e voltasse para casa, seria recebido por todos com o mesmo carinho e entusiasmo da primeira vez em que foram apresentados.

Sobre os planos de vida, trabalhar e ajudar sua mulher. Mas ele não tira da cabeça o fato de se considerar inocente da acusação de estupro. Ele conta que a senhora acredita nele e sabe que ele não cometeu o ato, mas ela recomenda que ele cumpra sua pena e, depois que sair, ambos vejam o que vão fazer. Túlio enfatiza que vai “botar pra frente isso aí”.

— A vida me ensinou a viver, né, tchê, o que é que eu vou fazer? Vou ter que viver, pra minha esposa, cuidar dela, porque ela precisa de mim. A única coisa que eu vou achar ruim pra mim pra quando eu sair é serviço, pra poder trabalhar, pra poder ajudar ela. Vai ser difícil, por causa da minha idade, mas eu vou tentar fazer tudo o que eu puder. Meus filhos (*seus enteados*) não querem que eu trabalhe, mas eu não quero viver nas costas de ninguém, tchê. Eu nunca vivi nas costas de ninguém. Enquanto eu puder trabalhar, eu vou trabalhar. E depois, se Deus quiser, me aposentar — encerra.

CAPÍTULO 6 – O Natal que muda duas vidas

Entre tantos Natais que Karen viveu até agora ao longo de sua existência, um, em especial, foi decisivo para que ocorresse uma nova mudança na sua vida. A culpa não é do Natal, é claro, não é da festividade, mas o que ocorreu nesta data festiva de 2011 fez com que a vida dela não lembrasse em nada, hoje, uma festa, uma celebração, uma comemoração. Muito pelo contrário. Motivos para sorrir, segundo diz, ela tem poucos. E não que anteriormente a este acontecimento a sua vida tivesse sido uma festa, pois a hoje apenas passou por várias turbulências — algumas causadas por ela, o que a própria Karen reconhece —, mas ela mesma afirma que sua situação, nos dias atuais, poderia estar bem melhor do que o modo como se encontra. Mas Karen, uma mulher magra de 44 anos que convive com mais três apenadas na cela, baixa, pele branca, cabelo bem escuro, dona de um olhar triste e abatido, afirma que tem buscado forças, em si e em Deus, para continuar.

Cheguei ao nome de Karen, e ao caso dela, em uma das conversas diárias que eu tinha com as equipes administrativa e de segurança do presídio. O caso me chamou a atenção. Perguntei, para saber a opinião deles, se para eles Karen aceitaria me conceder uma entrevista para o livro. Inicialmente, sendo bem honestos, eles me responderam que achavam que não, pelo fato de ela não gostar de tocar no assunto e ser uma mulher mais reservada ali dentro. Mas, é claro, a resposta teria de vir da própria Karen, e naturalmente eu iria buscar convencê-la, argumentar.

Adentrei a sala das entrevistas e fiquei em pé, próximo à porta, esperando pela chegada da mulher de 44 anos. Ouvi, dali, o abrir e o fechar da porta da cela de Karen, feitos por uma agente penitenciária. Karen entrou na sala, e me apresentei a ela.

Nos primeiros segundos de conversa, ali em pé mesmo, deu para perceber que ela não parecia muito à vontade para falar sobre sua história. Algo totalmente entendível, compreensível, ainda mais pela apenas estar frente a frente com um estudante que ela jamais tinha visto e que, de repente, abruptamente, surge diante de si parecendo querer resgatar e trazer à tona os acontecimentos de sua vida dos quais não gosta de falar, um jovem que parece querer arrancar as suas histórias, as suas palavras, as suas mágoas, as suas tristezas, as suas versões, as suas concepções — enfim, alguém que parece querer resgatar uma vida marcada por turbulências familiares e anos de prisão. Mas expliquei a ela os motivos de eu estar ali, os motivos de estar lhe falando, e, principalmente, os objetivos do livro, citando, entre eles, o de dar voz àqueles que não têm voz na sociedade. Busquei argumentar o máximo, mas a deixei bem à vontade para tomar sua decisão. Receptiva, ela me ouviu, compreendeu e concordou em conceder a entrevista.

— Tu deve estar me achando bem tranquila e eu já te digo por quê: por causa dos remédios antidepressivos que eu tomo. Porque se fosse meses atrás eu nem iria conseguir falar contigo sobre isso, porque eu já passei por psicóloga e tudo, sabe, todo mundo tentando me ajudar. Não é fácil. Não é — manifestou-se logo após as primeiras palavras trocadas por nós dois.

Karen se diz contra tomar estas medicações, mas relata que tentou parar e não resolveu — só piorou. Além dos antidepressivos, também se medica contra problemas no coração e de pressão. Hoje ainda fumante, parou de cheirar cocaína há oito anos; havia começado por volta dos 17. Diz ainda fumar por causa da pressão diária que relata haver no presídio, uma pressão que, segundo revela, ela mesma coloca em si.

— Eu estou, como eu posso te dizer... desta vez eu estou aqui dentro injustamente. Mas eu tenho força, eu vou provar a minha inocência, não importa se é daqui a um ano, dois anos, três anos, mas que eu vou provar, eu vou. Então eu acho que isso cada vez me dá mais força, e é por isso que eu digo que estou nessa tranquilidade conversando contigo sobre a morte do meu irmão. Se fosse uns meses atrás, eu não estaria assim. A única coisa que eu ainda não consegui largar foi o vício do cigarro. Quando eu estava parando, vim pra cá, e aqui dentro não tem como. Na hora em que eu sair pra rua, fiz um propósito: vou largar o cigarro também. Só que aqui dentro não tem, é muita... a gente está num ambiente que é sob pressão, entende, é complicado. Tu está ali e tem os teus problemas, daí tu convive com pessoas que tu nunca viu na tua vida, e aí aquelas pessoas também têm os problemas delas, então tudo acarreta, e eu sou uma pessoa que acumula, eu puxo os problemas dos outros pra mim. Tendo ajudar a resolver e acabo me esquecendo de mim, sempre fui assim. Então, é isso, sabe. Mas graças a Deus não tenho nada do que reclamar do lugar, não tenho o que falar.

Ela estava há pouco mais de um ano em liberdade condicional, cumprindo pena depois de ter encomendado a morte de seu marido — algo que ela confessou perante o juiz —, quando, em dezembro de 2011, voltou ao presídio. Desde então, está presa preventivamente, acusada de assassinar, naquele 26 de dezembro, um dos seus irmãos, que participou da execução do marido dela e, então foragido, tinha voltado a Cruz Alta para passar o Natal com a mãe, que mora em Ijuí, e com Karen. Ele tinha sido condenado a 15 anos de prisão, estava foragido há cinco e foi encontrado morto no sofá da casa de Karen, no qual dormia, na manhã daquele dia. Apresentava um ferimento de faca no pescoço. Quanto à morte do irmão, Karen alega inocência e afirma que, na verdade, ele cometeu suicídio. Ela é mãe de três rapazes com o marido — que têm 24, 22 e 13 anos e hoje moram com a avó paterna em Santa Catarina — e naquela época, usufruindo a liberdade condicional, estava trabalhando com a mãe na venda de viandas e salgadinhos.

Até o assassinato do marido, em 12 de junho de 1999, Karen, ele e os três filhos sempre haviam residido em Cruz Alta. Ela foi presa no dia 2 de julho daquele ano.

— Ele me batia muito — ela respondeu, brevemente, depois de eu perguntar o que a levou a mandar executar o marido.

— E a partir de que momento passou a ter essa relação conflituosa entre vocês?

— Depois de uns cinco ou seis anos de casamento. É que ele começou a beber, fazer muita festa... O casamento já não estava indo muito bem, mas mesmo assim consegui levar até os 14 pra 15 anos. Eu pensava mais nos meus filhos, daí fui levando. Só que chega um dia em que a gente não aguenta, né. Daí eu procurei advogado pra separação, meu marido não aceitou; ele também tentou me matar e não conseguiu...

— De que forma?

— Em casa, com revólver. Daí ele não conseguiu. Daí resolvi... isso. Só que hoje penso e me arrependo muito.

Pela morte do marido, Karen foi condenada a 19 anos e nove meses de prisão, em regime inicial fechado. Cumpriu em torno de sete anos neste regime, tempos depois progrediu para o semiaberto, para o aberto e a partir de 3 de dezembro de 2010 estava em liberdade condicional, a qual foi perdida pela apenada quando as suspeitas sobre a morte do irmão recaíram sobre ela.

O marido trabalhava na coleta de leite no interior, com um caminhão. Um rapaz que trabalhava com ele foi contratado por Karen para fazer a execução, ocorrida também no interior, em um dos dias de trabalho. De acordo com a apenada, ela havia contratado somente este rapaz, três ou quatro dias antes do fato, mas ele teria, segundo ela, entrado em contato com um outro homem e com este irmão dela que morreu. Este irmão já tinha rixas com o ex-marido de Karen e foi considerado coautor do crime. Quem deu os sete tiros — na cabeça, nas costas — teriam sido os dois rapazes.

— E, a princípio, era para o crime ter ficado encoberto?

— Sim.

— E como foi que se chegou à senhora?

— Diz-que-me-diz-que, testemunhas... É como eu digo: na raiva a gente fala besteira, né. Então, deu raiva, a gente briga e comenta: “Ah, que vontade de matar”. Aí depois, quando acontece o fato, recai tudo sobre a pessoa. A delegada disse que recebeu vários telefonemas anônimos, e 35 pessoas foram lá no juiz e disseram que eu comentava que ele era ruim e que eu ia mandar matar, entende? E aí aconteceu realmente o fato.

— A senhora teve contato com a mãe dele depois?

— Conversei por telefone, em 2006 mesmo, quando eu saí pro semiaberto. Pedi perdão pra ela.

— E ela aceitou?

— Sim, e ela disse que não era ela que tinha que me perdoar, era Deus e Jesus Cristo. E que ela estava torcendo por mim, e ela sabia as razões que me levaram, e com o passar do tempo ela começou a aceitar. Daí ela até me convidou pra ir na casa dela, que ela sempre gostou muito de mim. Só que talvez tenha faltado em mim essa coragem de ir até ela, sabe, pra saber qual seria a reação dela ao me ver, qual seria a minha reação ao ver ela, e acabei não indo. Eu sei a dor que a mãe dele sentiu, de tirarem a vida do filho dela. O meu irmão tirou a própria vida. *Eu* sinto essa dor. Então, ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém. É só Deus que sabe a hora, o dia.

— Como seus filhos reagiram quando souberam que a senhora tinha envolvimento?

— Eles vieram uma vez aqui, daí depois só quando eu saí. Mas não tocaram no assunto, só queriam me ver, me abraçar, conversar outras coisas.

— Não demonstraram revolta com a senhora?

— Não demonstraram revolta nenhuma, graças a Deus, porque eu já esperava uma atitude bem contrária, né. Mas graças a Deus eu tive o carinho deles. E agradeço muito à minha ex-sogra, porque foi ela que educou eles dessa forma.

Karen chorou em diversos momentos da entrevista, e repetidas vezes defendeu sua inocência sobre a morte do irmão. Ela diz que não sabe explicar por que ele cometera suicídio, até porque havia passado o Natal com a família normalmente. A apenada declara, também, que, terminadas as festividades natalinas, seu irmão, que quando foragido havia andado Estado afora, iria se apresentar na delegacia de polícia na manhã daquela segunda-feira, dia 26 de dezembro — data em que foi encontrado morto. Segundo a apenada, ele e a família já haviam entrado em contato com o advogado para fazer a apresentação e ele voltar a cumprir sua pena.

Ela conta que a relação entre ela e seu irmão sempre havia sido muito boa. Declara que sente sua falta, sim, e que quer o bem dele, “onde quer que ele esteja”; no entanto, não consegue se conformar com o fato de “ele ter feito isso”, nas suas palavras. Karen relata que ele sabia que ela estava em liberdade condicional e que qualquer complicação que surgisse poderia acabar com a liberdade dela — com isso, não se conforma com o fato de a morte dele ter ocorrido na sua própria casa. Também se arrepende de, em o seu irmão estando debaixo do seu teto, não tê-lo entregado à polícia — algo que certamente reservaria um outro rumo a estas duas vidas. A mulher de 44 anos frisa que aos poucos está conseguindo “perdoar”, nas suas palavras, o seu irmão, mas que, por enquanto, consegui-lo totalmente é difícil. E a intensidade com que diz lamentar a morte do irmão é a mesma com que lamenta ter visto interrompido o recomeço de sua vida, longe do presídio.

Um motivo até de certa revolta de Karen é com algo que considera ter sido uma injustiça contra ela. Karen argumenta que diante do juiz o médico que fez a necropsia atestou que o foragido cometeu suicídio, e que, no entanto, hoje o juiz aguarda o laudo de uma perita de Santo Ângelo, “que não examinou o corpo e não acompanhou a necropsia, só olhou pro corpo e disse ‘foi tal coisa’”, afirma a apenada.

— Depois que a gente entra pra cá parece que esquecem que a gente está aqui. Eu entrei aqui pra sair dali a 48 horas e vai pra um ano e dois meses que eu estou aqui aguardando o laudo da perita. Daí ela está debatendo com o médico que fez a necropsia e que atestou suicídio na frente do juiz, e eu estou no meio desse jogo, e o juiz não me solta porque quer que ela diga no laudo “sim” ou “não”. Aí, como eu já estava na condicional, é reincidência, aí voltei de novo.

— E por que a senhora acha que a suspeita da morte do seu irmão recaiu sobre a senhora?

— Penso que seja por causa da reincidência, e daí, baseado na reincidência e no laudo que a perita de Santo Ângelo deu, caiu sobre mim. Então, estou aguardando os resultados do laudo da necropsia darem o contrário do laudo da perícia. Nunca fiquei parada, sempre batalhei pelo meu sustento e de quem precisasse. Eu estava correndo atrás dos meus objetivos, ia começar a trabalhar na Prefeitura no dia 5 de janeiro de 2012 e, quando eu consigo emprego certinho, aí meu irmão faz isso. Bate a revolta. Até hoje eu me pergunto por que foi que ele fez isso. Ele fez isso dentro de casa, e ele sabia que eu não podia me complicar, pela minha condicional. Então eu tenho várias perguntas mas não tenho respostas. Eu não vejo a minha mãe há um ano e dois meses. Ela até tem condições pra vir, mas acho que o psicológico dela não deixa. Enterra um filho e a única filha mulher presa de novo. É complicado, né. Até entendo. Só que... às vezes bate a revolta, não vou te dizer que não bate, porque daí eu estaria mentindo pra mim mesma. Me bate aquela revolta, aquela raiva de por que ele foi fazer isso. E eu me arrependo de por que não chamei a polícia e não disse que ele estava lá em casa. Disso eu me arrependo muito. Poderia ter ligado, mas depois eu pensei: “Entregar meu próprio irmão pra polícia?”. Só que eu já pensei, já mudei, mas eu não posso dizer que já perdoei totalmente. Mas eu estou me sentindo bem mais leve porque eu estou conseguindo aos poucos perdoar ele, sabe, e perdoar a mãe também. A mãe tem os motivos dela e eu também tenho os meus... Mesmo assim, hoje, se chegassem e dissessem que minha mãe está aqui pra me visitar, eu já não iria querer ver ela. Eu não estou preparada para ver minha mãe. Eu estou conseguindo colocar tipo numa balança, já está meio parelho, estou tentando e vou conseguir perdoar totalmente, mas ainda não consegui, porque sobre o que meu irmão fez comigo todo mundo diz: “Não tem perdão”. E eu não tenho que perdoar; quem tem que perdoar é Deus. Só que eu tenho que me harmonizar com meu irmão; onde quer que ele esteja, eu tenho que estar em harmonia.

Karen começa a chorar e a voz passa a ficar embargada.

— Só que é difícil... Eu paro pra pensar e, bah, recém começando uma vida, tanto tempo lá fora, batalhando, consegui um emprego bom, estudando, fazendo cursinhos, entende, recomeçar minha vida depois de sete anos fechada, com todo o preconceito, e aí vem o teu irmão e destrói tua vida? Porque, na verdade, o meu irmão destruiu a minha vida.

— Como era a sua relação com ele?

— A gente se dava superbem. Ele sempre foi muito protetor quando eu era mais nova, questão de namorados, tal coisa... Mas isso era só na adolescência. Mas eu nunca deixei de apoiar ele, nenhum deles. Só que eu sempre pensei neles e eles nunca pensaram em mim. É a mesma coisa: às vezes eu procuro ajudar as pessoas, mas as pessoas não procuram pensar se eu estou sendo ajudada. Mas eu não cobro nada, Deus me dá em dobro, Deus reconhece, é isso que importa. Eu oro pro céu, converso, penso, sabe, e tem dias em que eu me revolto mesmo, e nem eu mesma me aguento. Como é que uma pessoa vai fazer uma perícia, não vai examinar, não vai lavar o corpo, examinar para saber o que realmente aconteceu? Não é desmerecer o trabalho, mas simplesmente olhar pro corpo e constatar que foi homicídio... E a pessoa, pra ter sido homicídio, teria que ser canhota, da maneira como ele se cortou. E eu sou destra, não sou canhota. O advogado entrou com pedido pra responder em liberdade, mas o juiz negou por causa da reincidência; quer esperar o laudo, só que essa doutora nunca manda o laudo. E eu tive audiências com as testemunhas, foi o perito, foi a polícia, e as testemunhas a favor. Foi em março do ano passado, tive audiência, só que eu não fui ouvida ainda, e a médica também não foi ouvida. Só que ela vai querer debater com um médico que tem 30 anos de profissão e que explicou tudo pro juiz, ele e o promotor perguntaram como ele atestou suicídio, o que levou ele a concluir, ele explicou por livros como é, e a doutora não deu depoimento até agora. A contradição está aí: médico da necropsia *versus* doutora da perícia. Só que daí eu me revolto com essa médica, me revolto com meu irmão, que eu espero que Deus já tenha perdoado dos pecados... Só que eu me revolto. Às vezes eu não consigo... por isso que eu procuro não pensar muito agora. Antes eu pensava muito. Mas é difícil. Muito difícil. Tu parar e pensar pra analisar, sabe, quando tu está começando a equilibrar a tua vida... Aí, é que nem eu digo: meu irmão destruiu a minha vida. Ele destruiu. Só que ele está morto, e eu sinto saudade dele. Mas, ao mesmo tempo em que eu tenho saudade, eu tenho aquela raiva, é muito confuso o sentimento. Nem eu consigo entender. Só que eu tenho muita saudade dele; ele era meu irmão! Eu perdi o meu irmão, eu não vou ver mais ele. E tem pessoas que não entendem isso. Daí eu fico me perguntando, quando eu estou sozinha pensando: “Mano, por que tu fez isso comigo, com a tua irmã?”. E não encontro a resposta. E com ele mesmo: por que tirar a própria vida? Era só ele vir, puxar mais um ano e pouco e ir pro semiaberto novamente... Mas infelizmente ele fez tudo isso. Só que eu quero saber por que ele fez isso. Eu não consigo achar resposta. E eu tenho que recomeçar uma nova vida quando sair daqui, e como é que vai ser? Vou ter que começar engatinhando que nem nenê novamente, entende, pra poder alcançar os objetivos. Eu não tenho muitos sonhos a realizar, só quero uma família, ficar com meus filhos, ter minha casinha simples e um trabalho. Só isso que eu quero. E a minha felicidade é isso aí.



Karen, 44 anos, estava em liberdade condicional quando voltou a ser presa, no dia 26 de dezembro de 2011. Seu irmão foi encontrado morto na casa dela; ela se diz inocente

— O que tem sido o presídio pra senhora?

— O pior lugar que existe no mundo. O pior lugar que existe no mundo. É o pior lugar, só que, ao mesmo tempo, eu tenho apoio. Não sei se é porque eu já puxei sete anos, fiquei fechada, trabalhei na cozinha, em todo esse tempo nunca fiquei atrás duma porta... Então eles me conhecem, e eles me dão o apoio. Sabem quando eu estou bem e quando eu não estou só no meu olhar. Se veem que eu não estou bem, geralmente me levam ao médico, nunca deixaram faltar assistência. Só que, pra mim, está sendo o pior lugar — as lágrimas voltam com força aos olhos de Karen, que continua: — Não em relação aos funcionários, mas pelo fato que aconteceu, né. Eu fico me perguntando por que eu estou aqui, qual é o motivo, o que Deus tem pra mim, qual é o propósito dele comigo, o que é que ele quer me mostrar. Porque, se eu tivesse cometido o homicídio, se eu tivesse matado, eu estaria bem mais tranquila aqui dentro, assumiria, já seria condenada e pronto. Mas estar sendo presa injustamente... aí é complicado, né. Só que eu não penso em vingança, não tenho que me vingar de ninguém, não tenho que descarregar essa minha raiva em ninguém, porque ninguém tem nada a ver com isso. É uma coisa minha. Mas eu não vou puxar uma cadeia sendo inocente. Pra eu receber uma condenação inocentemente, eu vou brigar bastante. Nem que seja a última coisa que eu faça nesse plano onde nós estamos, mas eu vou provar a minha inocência. Pode levar mais um ano, dois anos, vou aguentar, nem que seja a última coisa que eu faça, mas eu vou provar minha inocência. Pode ter certeza disso. Tu ainda vai ver uma notinha no jornal esclarecendo isso.

— Qual é o principal motivo da sua mágoa e da sua revolta com a sua mãe?

— Porque a mãe sempre foi muito dos guris, e eu sempre fui a filha ovelha negra. Esse meu irmão que se suicidou, desde bebê ele era um príncipe, pra toda a família. Entende? Sempre era o privilegiado. Então não é uma questão de ciúmes. Desde pequena eu fui já enxergando as coisas ao longe, não sei se Deus me deu esse dom ou o quê, mas eu vejo as

coisas ao longe, e ele sempre foi o mais mimado. E eu, por ser a primeira neta mulher, a única filha mulher, eu não tinha o carinho, aquela atenção que eles davam pra ele.

— A senhora pensa que a sua mãe, por ter estado na casa naqueles dias, poderia ter tido um papel de maior ajuda para a senhora em declarações à polícia?

— Não, ela me defendeu, os depoimentos dela foram todos a meu favor. Ela falou realmente o que aconteceu. Ela sabe que não fui eu, ela viu, porque foi ela que me chamou, ela que viu ele agonizando e me chamou porque eu estava dormindo. Ela sabe o que aconteceu. O que eu estou dizendo aqui é que, quando eu sair, eu não vou procurar minha mãe, porque eu tenho uma mágoa. É claro que eu não iria gostar de ver ela todas as visitas numa fila, ela está com quase 70 anos, e ela já acompanhou comigo sete anos. Chuva, vento, frio, calor, ela estava ali. Eu jamais iria querer minha mãe todo fim de semana, toda quarta, todo domingo aqui, mas, pelo menos, vir uma vez perguntar, perguntar pra alguém se eu preciso de alguma coisa. Isso dói.

— Nessa sua segunda prisão ela nunca veio?

— Não. Nenhuma vez.

— Nunca tiveram nenhum contato por carta, alguma coisa?

— Não. E, se depender de mim, vai demorar pra ter — e as lágrimas voltam com ainda mais força aos seus olhos.

Karen diz que a vida foi “muito cruel”, nas suas palavras, com ela, mas que, por outro lado, esta mesma vida lhe ensinou muitas coisas. A apenas relata que teve dinheiro, carros zero quilômetro, cartões de crédito, só que isso nunca foi o motivo de sua felicidade. Afirma que sempre manteve a simplicidade e a humildade e que nunca foi, por ter dinheiro, de “passar por cima dos outros”, e que, pelo contrário, sempre procurou ajudar quem estivesse ao seu alcance; declara, ainda, que no seu interior a simplicidade e a humildade nunca mudaram e nem vão mudar, e ela agradece a Deus por conservar tudo isto.

— Independentemente de estar aqui nesse lugar ou lá fora, tu está me conhecendo aqui dentro hoje, e amanhã ou depois eu estou lá fora, a gente se encontra e tu vai ver que eu sou a mesma pessoa. Eu vejo muitas pessoas assim que não dão valor pra nada, sabe. O sabonete está terminando, tem um pedacinho... joga no lixo. Aí tu vem aqui pra dentro e às vezes não tem aquele pedacinho que tu botou no lixo. Quando eu sair, vou procurar ajudar alguém, vou mudar, passei tanto trabalho aqui dentro, tanto sofrimento. O que eu sou aqui hoje eu sou lá fora. Eu sempre vou ser a mesma pessoa. E esse dom eu agradeço muito a Deus. Desta vez eu estou mais observando: em vez de a mentalidade deles abrir mais, parece que eles se fecham nesse mundo aqui e é só esse mundo aqui. Mas não é. Tem mais coisa. Tu vai sair. Vai sair daqui com essa mentalidade? Vai fazer coisa pior lá fora.

Pergunto a Karen se para ela, de alguma maneira, o presídio pode ser positivo na vida de um ser humano. Responde que sim. Ela declara que quando a pessoa adentra uma casa prisional é atingida por uma revolta muito grande e se sente o pior ser humano que pode existir, mas que, no entanto, aos poucos, o indivíduo vai conquistando o seu espaço ali dentro e, se realmente tem gana e vontade de mudar, corre atrás — por exemplo, pede à administração para trabalhar, demonstra interesse, e não apenas visando à remição de pena, mas, sim, para se sentir melhor, se sentir útil. Ela conta que desde o seu retorno ao regime fechado produz os seus artesanatos, bonecas, crochê; lembra, também, que nos outros sete anos trabalhou na cozinha da equipe administrativa e que, por conta disso, praticamente não

viu este período passar. E, para ela, aquela pessoa que errou e que realmente quer mudar não vai cometer o mesmo erro depois que passar por um presídio.

Karen tem o sonho de concluir o ensino médio, fazer um vestibular, passar e entrar no curso de Assistência Social — e depois, fazer uma pós-graduação. E por que este curso? Segundo ela, porque não gosta de injustiças e, sendo assistente social, conseguirá unir dois desejos seus: combater injustiças e poder ajudar as pessoas. Ela analisa, por outro lado, assim como outros personagens presentes neste livro, que a sociedade brasileira, em termos de oportunidades profissionais e de ressocialização, não valoriza presidiários e ex-presidiários como pessoas que possam se dedicar a alguma atividade. Mais do que isso, para ela, “a sociedade subestima muito a inteligência de quem está preso, é muito preconceito”. Ela reitera que “ninguém está livre de vir parar num lugar desses. Pode ser o maior milionário que existir na face da Terra, mas ninguém está livre de vir parar numa cadeia”.

Em fevereiro, fazia seis meses que Karen estava namorando um interno do presídio. Ele cumpre pena por tráfico de drogas e trabalha na cozinha dos presos, e os dois se encontram nos dias de visita, no pátio. Karen conta que o namoro tem feito bem para ela, diz que seu namorado lhe dá muita força, conversa bastante e que só de olhar nos seus olhos já sabe se ela está bem ou mal. A apenada também relata que, com ele, consegue desabafar, falar o que está sentindo, chorar. Diz que depois de passar esses momentos com ele consegue voltar mais aliviada para a cela.

O agora casal de namorados se conheceu nas aulas do Neeja — são colegas. Karen relata que nos primeiros momentos ele conversava bastante; em diversas situações ela estava chorando, depressiva, e ele ia até ela para lhe falar e buscar acalmá-la. Ele a estimulava a levantar a cabeça, conta Karen. Aos poucos, foi ocorrendo uma aproximação entre os dois.

— O que a senhora mais admira nele? — eu pergunto.

— A sinceridade e o esforço dele, porque ele quer, como ele diz, sair daqui e mudar completamente. Os sonhos dele são sair, trabalhar, adquirir uma casa, *ele*, sabe, sem depender de pai, de mãe, e eu admiro muito a sinceridade nele.

— Que características dele trazem conforto pra senhora?

— Não sei se é a atenção ou o carinho que ele tem por mim... Ele procura fazer de tudo pra me agradar, pra não me ver triste, porque ele sabe toda a minha situação. Acho que é isso. Não sei explicar, essa coisa de sentimentos é tão confusa pra mim, sabe... Eu me fechei bastante; nessa última vez, estou bem mais fechada. Eu era bem mais extrovertida, brincava com todo mundo, passava alegria pra todo mundo. Se eu gostava, eu dizia “Eu gosto de ti, eu te adoro”, e agora não. Agora, tipo, tem um escudo de ferro que, quando chega determinado momento, se fecha. É o medo, sei lá, a situação toda que eu já passei e estou passando. Então... é complicado. Eu fecho os olhos e vejo toda a cena da morte do meu irmão, sabe, é complicada a coisa.

CAPÍTULO 7 – De Nietzsche a Leonardo

A leitura da obra de filósofos como os alemães Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Artur Schopenhauer (1788-1860), bem como do prussiano Immanuel Kant (1724-1804), faz parte da rotina diária do apenado Leonardo no Presídio Estadual de Cruz Alta. Para ele, por meio da “elaboração mental” — como diz — que há por trás de cada situação, o ser humano consegue entender o mecanismo de ação do mundo bem mais facilmente. Leonardo ressalta, entretanto, que, embora o indivíduo possa entender como muitas coisas funcionam, é diferente na hora de trazer isto para a aplicação nele mesmo e no momento de colocar isto em prática no dia a dia. O apenado analisa que “é mais difícil você conseguir reverter um processo mental arraigado do que saber o que é que de fato está errado. É fácil identificar o erro; agora,

conseguir retirar aquele erro de você é muito complicado. Tem que saber o que repor naquele lugar”.

Na análise de Leonardo, “a presença do Estado como um incentivador ocorre de uma maneira bem diferente do que deveria ser”. Ele explica sua afirmação citando o exemplo das mais diferentes condições de acesso a universidades federais com base em recursos financeiros (sem abordar o sistema de cotas, por exemplo): o apenado avalia que quem construiu sua trajetória escolar em colégios particulares e tem condições de pagar por um cursinho pré-vestibular consegue se preparar muito melhor do que aquele que sempre estudou em uma escola pública. E ele não fala apenas de diferentes condições financeiras — analisa que “a pessoa que está numa escola pública tem uma formação bem inferiorizada daquela que tem condições de pagar pelo ensino. E algumas alternativas, que seriam essas escolas de turno integral, não são muito bem recebidas pela sociedade, o que é uma coisa meio estranha. Nos mesmos locais onde devem ser aplicadas, quando há a ideia de ser colocadas, a comunidade não aceita bem. É estranho isso, e os locais onde teria que ter mais investimento são aqueles locais onde tem essa degradação local da comunidade pobre, com pouca assistência. E daí não tem a presença de um posto de saúde com médico, não tem uma escola, e a educação básica, que é onde tinha que ter o maior investimento, é aquela em que investem menos. Não tem formação de professores específicos pra lidar com crianças”. Ele diz que os jovens desistem bastante da escola porque já desde o início não recebem muito incentivo. Leonardo afirma que, se for colocado um professor bom e motivado para trabalhar com as crianças, elas certamente adotarão desde cedo o gosto pela leitura, por aprender, pelo conhecimento, o gosto pela cidadania, e que, se não for assim, não vai ser quando já estiverem maiores que elas vão assimilar tudo isto. Então, para ele, “não tem como dar certo um negócio que já começa mal”.

— Tu acha que a sociedade poderia estar melhor hoje, poderia se compreender melhor, se a filosofia fosse mais bem difundida na sociedade brasileira? — eu questiono.

— Não sei, porque a maioria das pessoas não gosta muito de filosofia, não tem difundido o hábito de pensar, de raciocinar por conta própria. Na própria escola tu é cobrado mais pra decorar coisas, e não a de fato compreender e criar teu próprio pensamento a partir de outras frases. Isso teria que começar desde a formação do maternal, da pré-escola, do início da alfabetização, que tem um papel interessante e instigante pra estimular essa criatividade e o próprio desejo de aprender. Tem pessoas que por constituição própria, não digo pelo caráter, mas pela própria natureza, já não têm mais, são um pouco indolentes quanto a essa questão. Tem gente que não gosta de ler, que se lê uma página de um jornal já está com sono, e daí, se botar sentar e ver um filme de três horas, vê tranquilamente. Mas essa é uma questão que não é trabalhada desde o início. Teria que começar bem na base.

Os pais de Leonardo só permaneceram juntos até seu pai saber que a mulher estava grávida. Ele não assumiu o filho, e Leonardo, natural de Cruz Alta, passou a maior parte da vida morando com a avó materna — que perdeu o marido quando o garoto tinha 4 anos. Leonardo morou pouco tempo com a mãe porque não se dava bem com o padrasto, que era alcoólatra. O apenado tem três irmãs por parte de pai e dois irmãos por parte de mãe, pessoas com as quais mantém certo contato.

Hoje perto dos 31 anos, Leonardo — um homem alto, de pele branca, e encorpado — começou a se interessar pela filosofia e a ler obras relacionadas por volta dos 16, por vontade própria. No ensino médio frequentava bastante a biblioteca da escola, e um fator decisivo para que despertasse seu interesse pela área foi o fato de filosofia ser uma das disciplinas que aprendia em sala de aula. Com isso, passou a ler diferentes pensadores e filósofos, hábito que mantém até hoje. A própria filosofia e a psicologia são as leituras de que mais gosta. Ele conta que sempre estudou em escola pública, concluiu o ensino médio já formado auxiliar de laboratório e fez mais um ano complementar, para se formar técnico químico, curso que concluiu aos 18 anos. Obteve o registro no Conselho Regional de Química e, alimentando o

sonho de ser professor na área, começou o curso de licenciatura na Unicruz. Tinha bolsa parcial, de 50%.

Leonardo está preso por homicídio triplamente qualificado (no artigo 121 do Código Penal, que trata sobre homicídio, foi classificado em três incisos do parágrafo 2º: o I, “mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe”; o III, “com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum”; e o IV, “à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido”); também, por violação de sepultura (artigo 210), ocultação de cadáver (artigo 211) e falsificação de moeda (artigo 289). Pela classificação nos artigos 121, 210 e 211, foi condenado a 18 anos e três meses de prisão; por falsificação de moeda, a mais três anos, somando, então, uma pena inicial de 21 anos e três meses. Também está preso no Peca um amigo que participou do crime como coautor. No local e no momento do assassinato, junto do grupo, também estava presente uma garota, que, ao revelar à polícia onde estava o corpo, passou de coautora a informante e está livre.

O homicídio ocorreu no dia 1º de março de 2002.

Em um cemitério de Cruz Alta.

Naquele momento, no cemitério, eles realizavam o estudo da fisiolatria. Fazia três anos que Leonardo estudava esse assunto com amigos, em cemitérios e outros lugares. Ele define o assunto como “uma dissidência da maçonaria; tem algumas coisas em comum com a maçonaria e outras coisas com outras partes do ocultismo”.

Eles estavam entre quatro: Leonardo, o amigo que está preso, a amiga que revelou à polícia onde estava o corpo e o amigo assassinado. Por conta de todo o processo de investigação, Leonardo só veio a ser preso no dia 15 de fevereiro de 2003, quase um ano depois da morte do amigo. Durante todo este período eles mantiveram sigilo sobre o caso — o apenado continuou trabalhando normalmente no supermercado onde era funcionário, na área de processamento de dados. Logo abaixo está, naturalmente, a versão que me foi apresentada por Leonardo.

— E por que vocês mataram a vítima? — pergunto, depois de outros questionamentos.

— Foi durante uma briga que aconteceu.

— Usaram arma, faca?

— Não, foi com uma barra de ferro. Se fosse uma pedra, eu tinha pegado uma pedra; se fosse um pedaço de madeira, eu tinha pegado um pedaço de madeira. O que achei na hora ali pra me defender eu usei.

— O que motivou a briga? Vocês tinham alguma divergência anterior?

— Tinha. Daí, num momento de uma discussão, tivemos um embate físico e acabou que o rapaz me deu uma facada e eu bati com a barra de ferro na cabeça dele. Só que, no caso, teve o trauma na hora ali e morreu na hora.

— Com uma batida só?

— Sim, era uma barra chata, daí, no bater, ela perfurou o crânio.

— Mas você não tinha a intenção de matar? Você queria só se defender?

— É, não tinha a intenção de matar, só que daí eu e um outro que estávamos ali conversamos e decidimos ocultar ali o cadáver, pra nos exirmos da responsabilidade. E por isso demorou tempo até ter essa investigação, enquanto estavam procurando o cadáver. Daí, no momento em que acharam o cadáver, foi iniciada e mais ou menos um ano depois fomos julgados.

— Você tinha algum antecedente ou foi a primeira vez em que se envolveu com isso?

— Não, eu tinha um antecedente.

— Por o quê?

— Quando eu tinha 17 anos, eu, mais esse outro rapaz que está preso e mais esse que morreu acabamos envolvidos num incidente que teve aqui, num vandalismo aqui na cidade, daí esse que é o antecedente.

— Mas aí estavam os três como comparsas, os três juntos?

— Sim, os três juntos.

— E como ocorreu essa reviravolta, de em outro momento ele ser teu inimigo?

— Ah, isso foi questão de... muito tempo depois. Acaba que sempre tem uma opinião que a pessoa dá e a outra não concorda, daí, como ele já tinha começado a usar drogas, estava se tornando uma pessoa bem diferente.

— Você usou drogas?

— Não, eu nunca usei drogas.

— Mas já quando ocorreu o crime tinham a suspeita de que fossem você e seu amigo?

— Sim, porque nesse outro precedente, quando eu era menor de idade, estavam envolvidos os três, então, quando ocorreu o desaparecimento do terceiro elemento, vieram procurar nós dois. Só não fomos indiciados ali na hora porque não tinha o corpo, a prova física.

— Pra onde vocês levaram o corpo?

— Foi dentro do cemitério que ocorreu o crime, e daí botamos dentro de uma tumba que já tinha aberta ali, botamos dentro da tumba e fechamos. Já era um local que tinha muitas opções. Ali, no caso, são as gavetas. Quando é tirado um caixão ou às vezes a família deixa de pagar o aluguel anual, é retirado; se tu for no cemitério tem vários ali que estão abertos. Ou às vezes trocam dali pra um cemitério particular, e ficam vários abertos. Daí um desses estava aberto e a gente utilizou pra colocar o cadáver.

— Colocaram o cadáver solto na gaveta ou colocaram dentro de alguma coisa?

— Não, solto.

— E fecharam com o quê?

— Como é um procedimento que tem todos os dias ali, de abrir ou fechar quando tem enterro, sempre em algum lugar ali, onde foi recentemente fechado, fica cimento, areia, e tinha isso à disposição.

— Vocês tinham alguma técnica ou alguma experiência em usar cimento e areia?

— Não, tanto que ficou bem malfeito.

— Foi por isso que acharam então...

— Não, acharam porque teve uma pessoa que era envolvida conosco que indicou pra polícia onde poderia estar o corpo.

— Como essa pessoa teve essa suspeita? Ou vocês mencionaram pra ela isso?

— Na verdade a pessoa estava junto ali no dia, só não participou de nada, só como observadora. Estava ali na hora em que houve o conflito, tudo, mas não se envolveu.

— Bom, tu nunca tinha se envolvido anteriormente num homicídio, num assassinato. Como é que foi pra ti na hora, quando tu percebeu que a tua ação tinha resultado na morte da pessoa? Bateu um desespero, deu um nervosismo?

— Na verdade foi uma reação bem estranha, porque, como resultou de um instinto de sobrevivência, eu estava preocupado mais com a minha integridade. Quando eu bati, não sabia que ele tinha morrido, achei que tinha desmaiado. Então, como ele tinha tentado me dar uma facada, fui ver se tinha resultado em alguma lesão, daí eu vi aquilo ali. Eu tinha quebrado um dedo e tinha tomado uma facada no pulso, mas nada grave. Como ele não se mexia, fui ver e, no virar ele assim, de posição, a gente notou que corria bastante sangue. Aí que foi começar a cair a ficha de que tinha matado ele. E era uma pessoa que eu conhecia, conhecia a

família dele, conhecia as irmãs, a mãe dele. Então, tinha um dilema ali de o que fazer. Mas eu tinha toda uma vida, estava frequentando a universidade, trabalhando, tinha todos os meus planos pro futuro, e na hora a primeira coisa que eu pensei foi: “Pois é, e agora, o que é que vou fazer?”. Naquele momento não pensei exatamente na morte dele, e sim no que aquilo ali iria resultar pra mim. Depois de decidir o que nós iríamos fazer e concretizar, quando eu cheguei em casa e tomei um banho, daí que o sentimento começou a bater em mim e vi o que tinha acontecido, comecei a lembrar o que aconteceu, daí tu começa a se perguntar: “Foi necessário aquilo? Não podia ter sido de maneira diferente?”. Só que também é uma coisa que não tem como tu desfazer. Então, é uma coisa com que tu tem que aprender a conviver depois.

— Vocês mantiveram segredo sobre isso por quanto tempo?

— Por praticamente um ano.

— Sem abrir pra ninguém?

— Pra ninguém, só quem estava ali naquela hora sabia. Depois do ocorrido fomos intimados pela polícia, mas negamos tudo. Negamos termos estado com ele no dia e tudo mais.

— Vocês e o que morreu eram amigos de infância?

— Não. Nos conhecemos na adolescência. Ele trabalhava perto de onde eu trabalhava, e no caso ele trabalhava numa barraca de cachorro-quente, e daí às vezes eu saía do trabalho com meus colegas e íamos ali fazer um lanche. E daí começamos a conversar e tudo mais, daí fomos descobrindo algumas afinidades que tínhamos e começou uma amizade.

— Mas qual foi o momento em que essa amizade passou para inimizade? Foi porque ele começou a usar drogas, porque mudou o comportamento?

— Isso foi um dos motivos, né. Na época, quando ocorreu esse problema em que todos éramos menores de idade, ali ele já começou a mudar. Ele foi indiciado pela polícia e apontou nós como se fôssemos os autores e ele não; era um vandalismo que aconteceu ali no cemitério também, daí já ficou meio abalada a amizade ali, porque ele tirou o corpo fora e empurrou pra gente. Só que, como não aconteceu nada com ninguém, ninguém foi condenado nem nada, foi relevado, foi tocado pra frente. Mas já ficou abalada a amizade, a gente sabia que houve um momento em que aconteceu uma coisa e ele não era uma pessoa de confiança, né.

— E, naquele dia do ocorrido, o que motivou a briga de vocês e por que vocês todos estavam juntos?

— Ah, tinha nós três e mais uma outra moça. Como nós participávamos de um grupo que estudava uma religião aí, ele começou a discussão por parte daquilo ali. Uma opinião que ele tinha, que divergia da que a gente tinha, e, no caso, desde que ele tinha começado a usar drogas, ele tinha se tornado uma pessoa com mais mudanças de humor, se exaltava frequentemente, mas a gente achava que não ia acontecer uma coisa fora do comum que nem foi, porque ele nunca tinha sido violento assim, nem ali e nem fora. Não que eu soubesse, por exemplo, que ele tivesse brigado ou alguma coisa assim... Já que a gente estava ali, o local que tinha pra ser escondido era ali. Era uma discussão normal, que ocorria normalmente, e se tornou uma briga.

— O que vocês estudavam ali?

— De repente tu conhece... é a chamada fisiolatria.

— Não, não ouvi falar.

— Não? Se assemelha à maçonaria. É uma divergência da maçonaria.

— Vocês faziam algum ritual também?

— Sim, tinha alguns rituais, algumas coisas que eram realizadas em alguns locais, e um desses locais era o cemitério.

— E o outro amigo que estava junto te ajudou a se proteger do outro também?

— Não, na briga, fomos só eu e ele. O outro tentou acalmar, mas só conversando, e depois que se tornou uma briga mesmo foi muito rápido. Ele puxou uma faca e tentou me dar

uma facada, eu me esquivei e pegou no meu pulso. Ele se desequilibrou, eu consegui segurar ele e ele derrubou a faca; estávamos nós dois caídos, e, quando eu me levantei, passei a mão na primeira coisa que eu vi; ele foi se levantar e eu bati nele.

— Hoje você tem alguma raiva ou uma mágoa dessa amiga por ela ter revelado onde estava o corpo, ou por ela estar livre e vocês presos?

— Não, porque foi uma coisa que aconteceu e, na verdade, depois, conforme passou o tempo aqui e eu tive a oportunidade de fazer um acompanhamento psicológico por quase dois anos, conversei com algumas psicólogas que frequentavam aqui o presídio e daí tu acaba conseguindo trabalhar esses sentimentos que tu tem. É uma das coisas que mudaram bastante no meu pensamento foi isso: conseguir trabalhar teu sentimento de maneira que tu consiga te elevar como ser humano, porque a violência gera violência, a raiva vai atrair mais raiva, então tu tem que cultivar em ti aquelas coisas que são benéficas, e não aquilo que vai causar mais tristeza e mais rancor.

— Como foi esse seu um ano em que vocês guardaram isso com vocês? Como era seu dia a dia? Você pensava todo dia naquilo, sua consciência estava pesada? Como é que era?

— Sim. É uma coisa de que tu não tem como se esquivar na tua consciência. Pode guardar o segredo e ninguém mais saber, mas *tu* sabe. E aquilo vai te roendo por dentro. Até, quando a coisa se esclareceu, causou um certo alívio. Está certo que como eu nunca tinha vindo pro presídio foi uma coisa bem ruim, eu não gostei nada da experiência do cárcere, mas serviu pra alguma coisa pelo menos.

— Caso nunca tivessem achado o corpo, caso vocês estivessem livres até hoje, sem ninguém suspeitar de vocês, como é que tu acha que estaria tua consciência? Tu acha que conseguiria conduzir teu dia a dia normalmente, sabendo que não estava pagando por aquilo que vocês fizeram?

— Não sei te dizer. Eu sei te dizer só sobre o tempo que aconteceu. Enquanto aconteceu, enquanto estava aquela suspeita, e a mãe do rapaz veio conversar com a gente pra saber se a gente não sabia de alguma coisa, e, bah, é uma coisa muito ruim, você estar falando com a pessoa e tu sabe, a pessoa está ali aflita, procurando o filho dela, e tu sabe o que aconteceu e não fala, não pode falar. Até no júri nós negamos tudo. Depois, como descobriram tudo, daí não tinha mais por quê.

Diferentemente do que ocorreu com a maioria dos entrevistados, que antes não eram tão apegados à religião e hoje são bastante, Leonardo diz que depois do caso se tornou ateu. Afirma que respeita todas as religiões, mas que não crê em nada, e tampouco acredita que “exista uma vida espiritual fora do corpo”, diz. O apenado conta que, a partir das suas leituras sobre filosofia, “aquilo que é a parte do animus é aquilo ali: o corpo tem emanção da alma enquanto corpo, seria um biunívoco. A alma seria como se fosse essa particularidade que vem da idiosincrasia da pessoa: tudo aquilo que tu é, juntando com a parte orgânica, daí mais a parte mental, que não é orgânica, aquilo ali seria como se fosse essa áurea misteriosa que cada pessoa tem. Mas não é nada extracorpóreo”.

O homem de 31 anos analisa que é possível definir o ser humano em três classificações: as pessoas boas, as pessoas ruins e as pessoas mornas, que na visão dele são aquelas que “não têm nem uma coisa nem outra”. Para ele, as pessoas perigosas são as mornas, porque, na sua visão, elas podem, em diferentes momentos, tanto agir como pessoas boas quanto agir como pessoas ruins. Com isso, segundo diz, não se sabe o que se pode esperar; “as pessoas ruins tu sabe que são ruins, tu sabe que vão agir sempre mal e não têm remorso, e não têm consciência dessa degradação que provocam à sua volta, e as pessoas que não estão nem em um lado nem em outro, conforme a situação, escolhem um jeito de agir. E isso não é muito bom, porque essas são as pessoas que ficam travando”.

— Daí eu decidi que seria uma pessoa boa: em parte, por ter feito uma coisa muito ruim, que não tem reparação, e eu acho que eu devo me tornar uma pessoa boa, agir conforme

as coisas devem ser. Eu tenho consciência do meu erro, de tudo o que aconteceu, de todas as consequências desse erro, e eu acho que por isso não devo ter raiva ou rancor das pessoas que me ajudaram a ter essa consciência. Na verdade, essa moça que fez a denúncia agiu mais por impulso de se autoprotger, então por que é que eu teria raiva dela? Ela fez a mesma coisa que eu fiz: eu matei a pessoa pra me defender, e ela, pra se defender, acabou abrindo. E disso decorreu uma coisa a partir da qual eu pude me tornar uma pessoa melhor. Mas muito disso também é porque eu, durante o tempo em que tenho estado preso, tive bastante apoio da minha família, sempre, e, mesmo depois de saber de tudo aquilo que aconteceu, eles continuaram me apoiando e acreditando que eu, no fundo, tinha uma salvação, por assim dizer — diz Leonardo, que conta que quando estava no regime fechado sempre recebia a visita da avó que o criou e da mãe.

Do regime fechado, ele progrediu para o semiaberto em novembro de 2010. Hoje, está no aberto. De segunda a sábado sai do presídio às 7h e retorna às 21h. Ele trabalha como auxiliar de produção em uma fábrica de refrigerantes e, duas horas por semana, presta atendimento como técnico químico em uma empresa de materiais de limpeza e em outra de limpeza e manutenção de caixas d'água e piscinas — duas horas em cada uma delas. Nos intervalos que tem nos trabalhos, aproveita para manter a convivência familiar.

— O que mudou basicamente na tua concepção de mundo estando aqui?

— Na minha concepção de mundo eu aprendi a conhecer melhor o ser humano e entender que é preciso se colocar na posição da outra pessoa antes de tu tomar uma decisão. E às vezes, mesmo uma opinião que tu tenha, no que tu vai expor ela, tu já vai provocar um conflito que não é necessário. E sempre tem um meio de conseguir resolver um conflito sem partir pra parte da agressão. Se tu conseguir se pôr no lugar da outra pessoa, tu consegue achar um meio de entender a visão dela e saber como tu vai sair de uma situação.

— O que tem sido o presídio pra ti nesses anos?

— É... uma provação. E, por exemplo, tem gente que chega e tem uma pena pequena pra cumprir, e daí vem, vai, fica aquele trânsito, tu não sente. Mas como eu fui preso com 19 anos, é algo considerável. Passei o início da minha idade adulta toda aqui, e quando eu saí o mundo mudou, não tinha nada daquilo que eu tinha planejado pra minha vida, nada disso eu poderia realizar mais. Então, foi um recomeço. Daí, tendo que frequentar toda noite, me recolher voluntariamente, se torna também uma prova da tua vontade de mudar e conseguir se encaixar novamente na sociedade. Eu e todos os outros, a gente enfrenta bastante preconceito na sociedade, e a maioria consegue apenas subempregos. Eu, quando eu saí, estava procurando um trabalho e, como foi um crime que teve repercussão na cidade, já se tornava um pouco mais complicado, e, como tu tem que apresentar uma carta de emprego, o teu patrão tem que assinar um termo de responsabilidade; caso tu não compareça no trabalho, ele tem que informar o Fórum. Então não tem como esconder que tu está cumprindo pena.

— E hoje tu está bem nesse teu emprego? Como é que é a relação das pessoas contigo?

— Ah, uma relação normal... Alguns têm curiosidade, ficam perguntando como é que é no presídio, o que acontece aqui, sobre as pessoas daqui, e tem que encarar com naturalidade. Bem ou mal, eu sou um presidiário e tenho que encarar essa minha realidade.

— Muitos internos falam que a situação aqui é difícil, que é complicada a convivência... Pra você, de alguma maneira, a permanência em um presídio pode ser positiva para um ser humano?

— Olha, pode ser positiva dependendo da maneira como a pessoa encara a pena. Se tu encarar a pena como uma punição e tu não tiver consciência do teu erro, de por que tu está cumprindo a pena, daí vai ser negativa. Tu vai sair com raiva, tu vai sair querendo dar o troco na sociedade, querendo uma vingança. Mas, se tu encara da maneira como eu encarei ou alguns encaram, o tempo que tu fica aqui é um tempo que foi retirado da tua vida e a única

coisa que tu tem aqui é o que tu carrega contigo, que são o teu corpo e a tua mente. O resto tudo, de uma hora pra outra, foi retirado. Tu pode ser mandado pra outro presídio, as tuas coisas podem ser confiscadas, e a única coisa que tu vai ter é aquilo que está sempre contigo, que são o teu corpo e a tua mente. Então, tu tem que trabalhar isso. Tem que trabalhar a opção de se tu quer se tornar uma pessoa melhor ou não, se tu quer perpetuar esse ciclo em que tu se envolveu ou não, porque, queira ou não queira, algum motivo teve pra tu acabar aqui, não é uma fase normal da vida de qualquer pessoa. Então, se tu quer repetir os mesmos erros e acabar passando a vida inteira entrando e saindo do presídio, aí tu encara da maneira ruim. Mas uma coisa que todo mundo aí valoriza e eu também é essa questão familiar. O fato de tua família continuar te apoiando mesmo depois de saber de tudo é uma coisa que te dá uma confiança maior em ti mesmo pra tu conseguir essa mudança, porque quando tu sai de dentro do cárcere, do regime fechado pra passar a trabalhar, tu vai enfrentar só dificuldades, é muito difícil aparecer alguém que te estenda a mão fora da tua família. Então, a questão é bem complicada sem o apoio familiar. Se tu não tem o apoio da tua família, se torna muito mais difícil tu não retornar ao crime. Se tu não se libertar internamente, tu não vai conseguir exteriorizar ações que mostrem essa vontade.

— E, por outro lado, de que maneira a permanência em um presídio pode ser negativa para o ser humano?

— Pode ser negativa porque aqui tu está sujeito a tudo, é uma degradação total. Se tu deixar o presídio e o ambiente entrarem em ti, aí é uma degradação moral e pessoal, porque aqui tu está esquecido da sociedade, os amigos que tu tinha lá fora nunca mais vão te tratar do mesmo jeito, as pessoas que não te conhecem também não vão querer conhecer, e tu entrou aqui e vai ter pessoas que vão querer te aliciar.

— E você buscou nunca cair nisso.

— Não, nunca. Como eu nunca usei drogas e não bebia, nem nada, não tinha nenhum vício, pra mim é mais fácil. Mas tem gente que já tem um vício, e usuários de drogas são as pessoas mais difíceis de se regenerar porque vão ter que, de alguma maneira, buscar algo pra manter esse vício. Então, são os mais fáceis de ser aliciados. Pra tu ter uma convivência boa, não é nada fácil. Tem que saber lidar com as pessoas. Nunca pode tocar em algum assunto muito delicado em que tu não sabe às vezes a opinião de alguém. Então tu tem que primeiro sentir o clima, primeira coisa é ouvir, depois falar. Porque quem tem a boca muito aberta tem mais chances de arrumar um problema do que quem primeiro escuta pra saber onde é que está.

— Tem alguma coisa no teu passado que tu faria de forma diferente?

— Tem.

— O caso?

— O caso (*risos*). Já procuraria não me envolver mais com essas pessoas, e é o que eu estou fazendo: me distanciei dessas amizades que eu tinha. Não procurei e por sorte não fui procurado por ninguém. Consegui ter uma nova vida a partir do momento em que saí do presídio.

Quando estava no regime fechado, em uma cela da galeria, Leonardo convivía com entre cinco e sete presos, dependendo do fluxo de entrada e saída. Hoje dorme no alojamento daqueles que têm trabalho externo, que somam um pouco mais de 50. Antes de ser preso, alimentava o sonho de ter uma família e ter graduação, mestrado e doutorado em Química. Queria começar dando aulas no ensino médio e, depois, com as devidas qualificações, progredir para uma universidade. Diz que, para quando sair, quer concluir os estudos e conseguir concretizar o processo de se tornar uma pessoa melhor do que era antes. Revela achar que está conseguindo, mas que “sempre tem muita coisa pela frente”, como diz.

Em fevereiro deste ano, mês da entrevista, Leonardo relatou que fazia seis meses que estava namorando virtualmente uma garota de Fortaleza, capital do Ceará. Ela sabe de toda a

situação dele. Leonardo alimenta o sonho de conseguir uma autorização judicial para se deslocar até lá e pela primeira vez conhecer pessoalmente a namorada.



Leonardo ressalta que o que o interno carrega consigo durante a permanência no presídio são seu corpo e sua mente, e que é fundamental mantê-los em equilíbrio

Pergunto a Leonardo de que forma a filosofia contribuiu para que ele se compreendesse melhor como ser humano. Responde que ela o ajudou a se compreender melhor porque ajudou que ele compreendesse melhor *o próximo*, pois, para ele, compreendendo as outras pessoas, o ser humano começa a espelhar aquilo para si e ver onde é semelhante aos outros e onde é diferente. Com isso, diz Leonardo, o ser humano começa a perceber que muitas coisas que este acha ruim nas outras pessoas estão presentes nele mesmo; “então, tu entendendo aquelas pessoas, entendendo como que elas acabam exteriorizando e se tornando daquela maneira de que tu não gosta, tu percebe que tu está sendo igual àquela pessoa e que aquela pessoa tem um pouco de ti. E se tu gostaria de mudar aquilo naquelas pessoas, tu também tem que mudar isso em ti. Começar mudando por ti”.

Ele toma como um dos exemplos a sua namorada, que tem filhos. Leonardo diz que conversa bastante com a garota sobre a relação dela com os filhos, a partir dos relatos que ela lhe expõe da convivência familiar. Ele analisa que, se quando forem perguntar algo para os filhos os pais o fizerem gritando, os filhos acharão normal e natural que a resposta seja dada gritando. Também, para ele, se os pais pedirem algo para os filhos, os filhos questionarem “Por quê?” e os pais responderem “É porque estamos mandando”, os filhos vão considerar normal que as ações sejam conduzidas simplesmente pelo desejo pessoal, e não pelo fato de haver uma justificativa e uma motivação para existir aquele pedido, “daí tu vai criando uma geração que é igual àquela geração anterior nas partes ruins, nos erros. Então, tu não pode replicar o comportamento que tu acha inadequado”.

— Agora tu já está sentindo um pouco, mas como é que tu acha que a sociedade vai te encarar, e te analisar, e te enxergar quando tu sair aqui?

— Olha, vai ser complicado, do jeito como está sendo agora, enquanto tiver esse estigma, que é um estigma que vai ser carregado pro resto da vida. Uma coisa que complica muito também é tu ter essas relações interpessoais. Pra fazer uma amizade ou ter uma namorada é uma coisa que complica. Não é fácil tu explicar que tem que posar no presídio. Daí perguntam por quê, e daí tu vai ter que dizer por que é que é, né, e é só digitar meu nome lá na internet pra aparecer o processo. Quem quiser, é só buscar meus antecedentes, eles estão ali, vai aparecer tudo. Quando tu está em liberdade, tu vai ser rejeitado, vai ser menosprezado pela tua condição de ser presidiário, não interessa se tu sabe falar outra língua, se tem formação acadêmica, nada. Tu é preso, tu é visto como a escória da sociedade. Então não adianta querer esconder dos outros a tua condição, mas é uma coisa que é... olha, não é fácil assim tu ter uma opção de levar uma vida diferente daquela que te trouxe pra cadeia. Tem que partir bem do fundo. É um recomeço.

Leonardo afirma que, hoje, aquilo que mais aprendeu com o que a vida lhe mostrou foi a ter tolerância. Pensar bem antes de agir. Não ser impulsivo. Para ele, todas as ações executadas durante a vida podem vir a ter um reflexo que a pessoa não consegue nem sequer imaginar, e, embora o indivíduo possa pensar e refletir bastante na hora de agir, não faz ideia daquilo em que a ação poderá resultar mais para a frente.

— Quando tu age com uma pessoa estendendo a mão pra ela, tu não sabe se de repente aquela pessoa não vai, muito mais tarde na tua vida, aparecer de novo e *ela* te estender a mão no momento em que tu estiver precisando. E, da mesma forma, se tu negar a uma pessoa algo de que ela esteja precisando, talvez um dia tu precise e ela te negue. Então, a vida é uma coisa que tu não tem como prever. A vida é surpreendente. E tu nunca está preparado para o que vai vir: tu tem que estar preparado pra *assimilar* o que vai vir — conclui o último dos entrevistados, com uma sucessão de frases que transmite que as dificuldades e desafios que a vida decide impor não têm dia nem horário para bater à porta *de qualquer pessoa*, esteja ela em um presídio ou em uma praça, na tarde de um domingo de sol, aproveitando o melhor da vida.

A mensagem final dos personagens

** Alberto preferiu não se manifestar*

“Eu quero que todos os que estão no crime, no caso, que todas as pessoas vão estudar, que não pensem em fazer coisa errada. Qualquer pessoa, e pode até ser o filho de um inimigo, eu não quero que venha pra cadeia. E não use drogas, não use nada. Porque a droga leva a tudo: a droga leva ao homicídio, leva ao roubo, leva a tudo. Não use drogas e não pare de estudar, nunca. Porque a pior dor do mundo é receber uma carta que tu tem que pedir pra outra pessoa ler. Então a pessoa tem que estudar, e trabalhar, e não fazer nada errado pra não cair preso, porque a cadeia é a pior coisa do mundo. Olha, o que eu digo pros meus filhos: trabalho, educação e hombridade. Se todo mundo tiver isso, não cai preso, não tem. E que nunca pensem em tirar a vida de uma pessoa, por dinheiro nenhum do mundo, porque não vale a pena. Não vale a pena. O dinheiro que vem fácil vai fácil.”

Álvaro, 41 anos

“Querida dizer pros jovens, e pra todo mundo, que isso aí não é vida pra ninguém. Que eu, se tivesse voltado no tempo, estaria trabalhando, estaria livre, não precisaria passar por isso aqui. Poderia estar com a minha família. Eu passo que isso aqui não é vida pra ninguém. Isso aí é uma coisa que só vai atrasar tua vida cada vez mais. Tu não pode nem trabalhar e ter o teu dinheirinho com teu suor, e nem sustentar a tua família com aquele dinheiro. Não precisa sustentar com dinheiro sujo, de roubo. Não precisa ninguém ficar jogando na tua cara que tu é um bandido, que tu é um criminoso. Eles vão olhar com outro gosto: aquele ali é um cara trabalhador, é um cara honesto. É isso o que eu gosto de passar, sabe, e é isso aí que eu tenho vontade de fazer.”

Lucas, 19 anos

“Eu não sei se eu seria forte pra falar se eu perdesse a minha avó estando nesse lugar, não ter a oportunidade de olhar pra ela e dizer o quanto eu me arrependo, o quanto eu fui tola, o quanto eu errei pelas vezes em que eu respondi, pelas vezes em que eu tirei 50 pila da carteira dela, pra eu mostrar pra ela o arrependimento desses errinhos meus que acumularam grandes erros, porque eu acho que é por todos esses que eu estou pagando hoje. Todas as faltas de amor, pra eu poder olhar pra ela e dizer: ‘Vó, sabe aqueles abraços que tu queria me dar e eu corria de ti, que eu fugia, que eu ficava brava de tu me tratar que nem criança? Hoje é tudo o que eu quero. É teu colo, e aquele abraço que tu queria me dar e hoje eu não posso ter, porque hoje umas grades me impedem de poder ter esse abraço’.

Para os jovens que estão iniciando sua vida, conhecendo a noite, indo a festas, baladas: eu era uma pessoa que nem vocês são, eu era popular, conhecida, eu tinha uma turma boa, só que tudo mudou quando eu resolvi aceitar a droga. A gente não vai atrás; alguém vem com ela até ti. E na verdade, tudo começa com a bebida, 14 pra 15 anos. O álcool é a porta, é a brecha que tu abre. Então eu digo assim: não se meta, porque ninguém é melhor e mais feliz usando drogas ou bebendo. Não experimente, porque ninguém é mais feliz usando.”

Samantha, 25 anos

“Não usem drogas. Não bebam, e se beberem, bebam socialmente. Obedeçam aos pais, por mais que seja uma coisa que eles queiram e vocês não queiram. Escutem os pais, eles sabem o que é melhor. Pra quem está se descobrindo, cuidem bem as companhias, não usem drogas, quanto mais longe, melhor, e não bebam, porque o caminho da bebida leva às drogas. Se dediquem aos estudos, façam o certo, porque presídio... posso garantir que não é bom.”

Joice, 24 anos

“Eu diria pra toda essa juventude que nunca se volte pro crime, porque o crime não compensa. O crime destrói vidas e enrola pessoas de uma forma que, depois, somente Deus pra retirar. E pra essa juventude que tem envolvimento com drogas, que este caminho é o caminho de morte, que saiam o mais rápido possível. Aos olhos dos jovens, usar uma droguinha numa balada, uma bebidinha alcoólica um pouquinho, não faz mal, mas começa assim, e depois se estende a uma dependência e depois a uma escravidão no mundo do crime.

Então, se afastem o mais rápido possível desse caminho, porque esse caminho é caminho de destruição e morte. E estendo essa mensagem também para aqueles pais que têm seus filhos envolvidos com drogas, com o crime, ou os amigos também: que não desanimem, que somente a palavra de Deus pode resgatar, salvar e transformar uma família ou transformar vidas, por mais destruídas possíveis que elas possam parecer. E eu vou estender também essa minha mensagem àquelas pessoas que já têm uma idade muito mais elevada: não desistam de lutar; independentemente da depressão, da angústia ou da situação que estão vivendo, ou se estão vivendo bem, ótimo, que continuem vivendo, mas que não desistam de lutar pelos seus sonhos.

Hoje eu estou dentro de um estabelecimento prisional acusado de muitos crimes. Não sei se não vou ter de ficar muitos anos aqui dentro ou se vou sair logo, mas eu não desisto dos meus sonhos, porque a palavra de Deus me fortalece, me liberta, e me deixa livre pra pensar e sonhar. Não desistam dos seus sonhos. Se vocês têm algum projeto ainda, embora tenham uma idade elevada, coloquem esses projetos em prática, porque nunca é tarde, e o final da vida é quando ela realmente acaba, e não na trajetória de idade. A vida é feita pra ser vivida. Vivam da melhor forma possível, independentemente da situação na qual se encontrem ou do ambiente no qual estejam. Lutem.”

Celso, 32 anos

“Pros jovens, pro pessoal novo, que deixem dessa droga, tchê, que deixem de usar droga. Vão trabalhar, tchê, vão fazer a vida, vão ter família, ter filho, não se envolver em droga, em roubo. Isso não dá nada pra ninguém. Isso aqui é um inferno, tchê, não é a gente viver. Tem que viver livre, eu acho que uma pessoa tem que viver à vontade, ser alguém de caráter, alguém que tenha caráter na cara, tenha uma família, cuidar, ter a sua casa, ter sua família, ter seus filhos, e dar educação pros seus filhos, e não deixar seus filhos caírem nessa porcaria de droga. Isso é o que eu acho ruim, e é o que eu peço pra esses jovens: pensem nisso. É o que estou pedindo.”

Túlio, 66 anos

“A sociedade deveria dar oportunidade a presidiários, abrir mais as portas pra quem sai daqui procurando um emprego, ser mais humanos. Não pisar em cima de quem está aqui dentro, e sim dar uma oportunidade, porque não custa nada. Dê uma oportunidade. Se a pessoa voltar a errar, tudo bem; agora, tem pessoas que com certeza não vão errar. Se abrir uma porta e eles tiverem a oportunidade de crescer no emprego, eles jamais vão cometer um crime ou voltar pra esse lugar. Disso eu tenho certeza.”

Karen, 44 anos

“O principal é que, quando tu apenas retira da sociedade os presos, aquela pessoa que é indesejada porque cometeu alguma coisa, tu não sabe por que aconteceu aquilo ali, tu não sabe de onde veio a motivação pra cometer o crime, tu não sabe nada *sobre a pessoa*. Tu sabe sobre aquele ato. E vai chegar o dia em que aquela pessoa vai voltar pra sociedade, despreparada, e, se não conseguir achar uma motivação pra melhorar, ela vai voltar pior, vai voltar com raiva por todo este tempo em que ficou presa. Às vezes tem gente que enfrenta situações bem difíceis aqui dentro; tu entrou aqui e tu não sabe se tu sai, porque, vai que um

dia ocorre uma rebelião ou alguma coisa, aí morreu. Só quem vai chorar vai ser tua mãe, e lá fora vão olhar e vão perguntar: ‘Quem morreu?’. ‘Foi um preso’, vão responder. ‘Então está bom, menos um’, vão pensar. Depois que tu entrou pra cadeia, o que deveria ter seria uma oportunidade de dar alguma formação, alguma coisa, e tem gente que está aqui e não sabe ler nem escrever. E vai fazer o quê quando sair? Vai trabalhar no quê uma pessoa que às vezes nunca trabalhou? Às vezes nunca trabalhou porque nunca chegou a ter oportunidade.

O ser humano é um símio, e, como os outros símios, o filhote aprende com o exemplo do indivíduo adulto. E daí o indivíduo adulto que tiver uma característica mais dominante vai ser aquele que vai ser copiado. Uma educação de base forte ajudaria a prevenir essa questão da violência, principalmente nessas regiões mais periféricas. E depois que tu colocou a pessoa aqui dentro por uma coisa que ela cometeu, teria que ter um acompanhamento e uma tentativa de resgate dessa pessoa. O modelo prisional é um aparato em que tu tira da sociedade aquele indivíduo indesejado, e depois ele vai retornar tanto pior como melhor, ou do mesmo jeito, mas por iniciativa própria, não que o Estado tenha feito alguma coisa pra melhorar. Quando tu sente que tu faz parte de alguma coisa e que as pessoas admiram, é diferente, é uma coisa que te motiva. Por exemplo, onde tem esses estádios lá da Copa do Mundo em que alguns presídios forneceram presos pra fazer parte da equipe de construção: tem muitos que estão ali e se sentem úteis e sabem que estão fazendo parte de uma coisa melhor, uma coisa maior que eles próprios. Então tu se motiva, é uma coisa em que tem que saber que tu vai ser útil, que tu vai poder produzir, e não uma coisa em que tu é aquele rejeitado da sociedade. Só assim pra diminuir o índice de reincidência, senão continua do jeito como está, e não vai ter cadeia que vá suportar admitir os novos presos e de volta aqueles que acabaram de sair.”

Leonardo, 31 anos



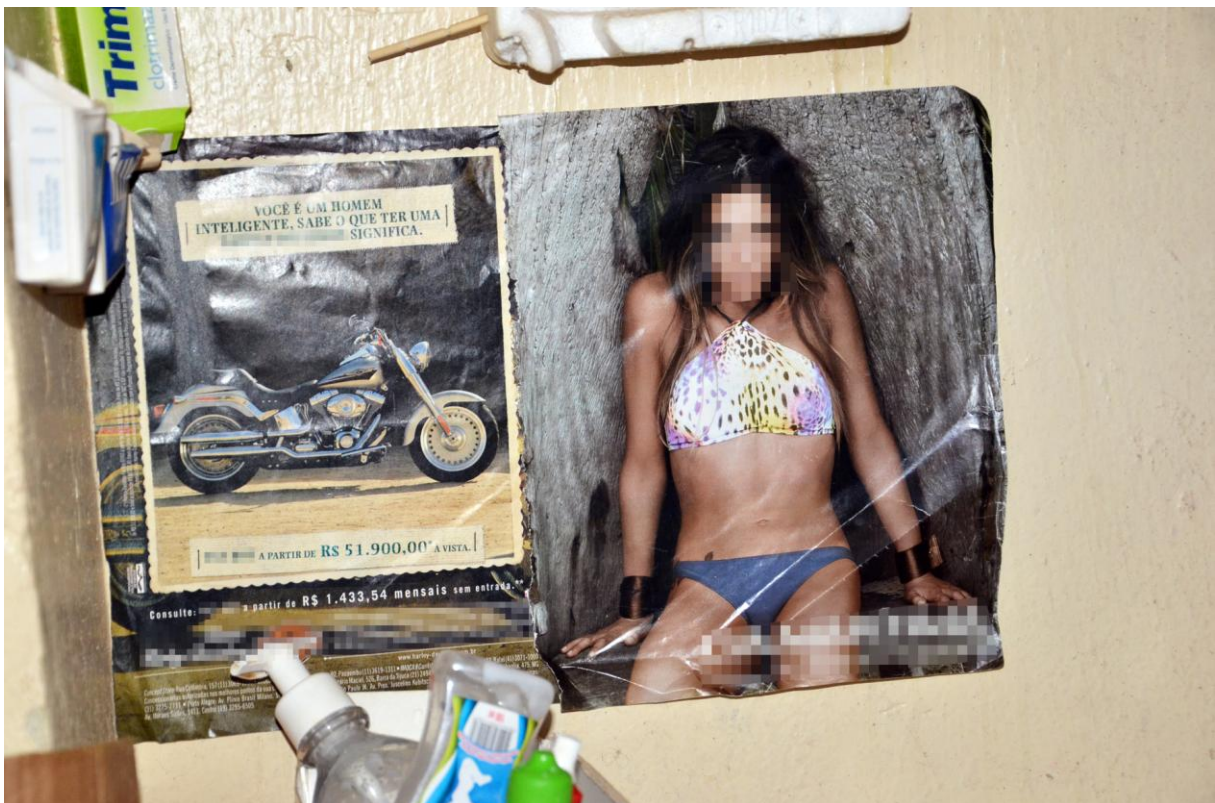
Neeja proporciona, também, que os apenados tenham noções de informática



O corredor da galeria, onde ficam, também, as celas do seguro e a cozinha dos presos



Imagens de mulheres estampando a parede de uma das celas



Nesta outra cela, anúncio de uma marca de roupas se mistura ao de uma moto potente



Um dos locais em que ficam os presos que têm trabalho externo



Presos improvisam para estender suas roupas e elas secarem



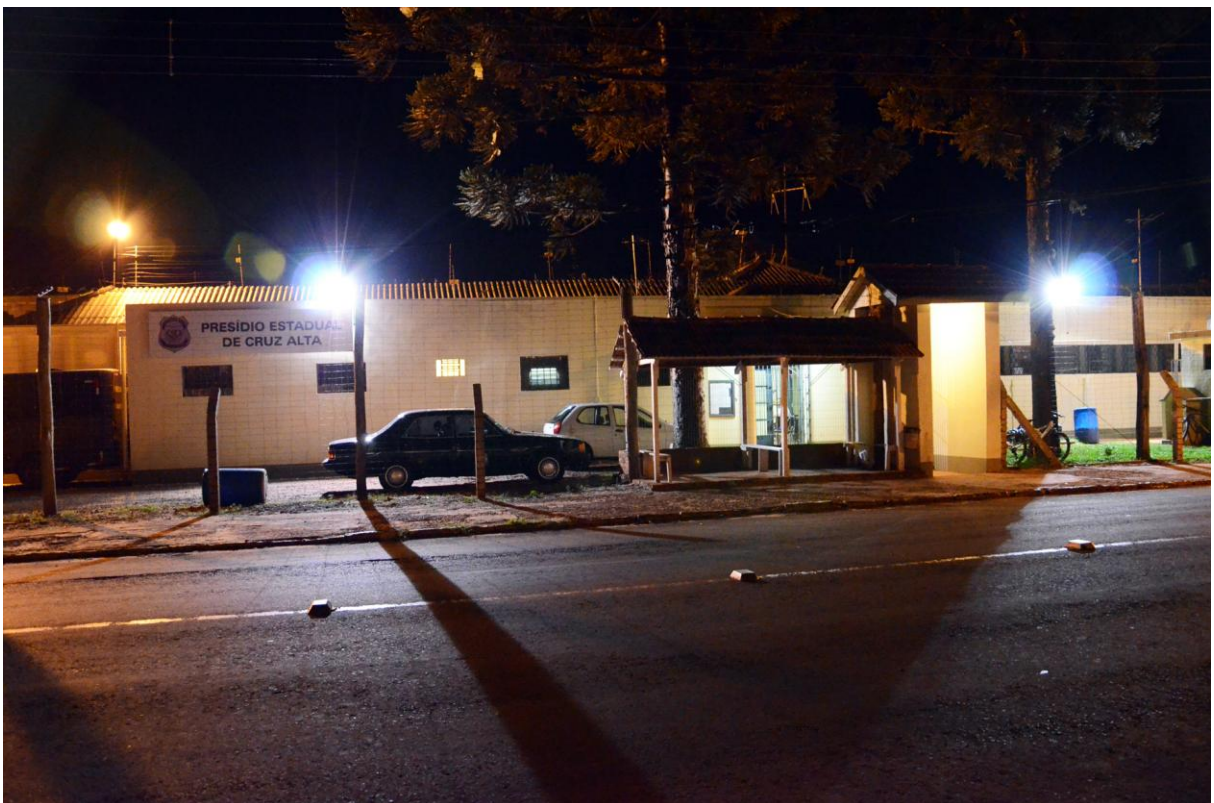
Outro dos ambientes em que ficam os presos que têm trabalho externo



Assistir à programação televisiva é uma das alternativas de ocupação para os presos



Muitos até largam o vício nas drogas ilícitas, mas não conseguem deixar o cigarro



Presídio fica dentro de uma área de 20.000 m² e tem 1.240 m² de área construída